

NEÔNIA

andréia carvalho gavita



Neônia



The image features a dark, almost black background with a subtle, intricate texture that resembles a dense, woven fabric or a complex, organic pattern. A prominent white horizontal band runs across the center of the image, containing the text 'Colección Libros Imposibles' in a classic, black serif font. The text is centered and clearly legible against the white background.

Colección Libros Imposibles

Neônia

Andreia Carvalho Gavita

COLECCIÓN LIBROS IMPOSIBLES

-2025-

Carvalho Gavita, Andreia, 1973

Neônia / Andréia Carvalho Gavita --2ª ed.--

Coedición | EntreTmas Revista Digital & Agulha Revista de Cultura, 2025.

252 pg. 21 x 14 cm. <Colección Libros Imposibles; 41>

<Digital>

1. Ensayo brasileño. 2. Literatura brasileña. I. Título.

Segunda edición, 2025.

Colección Libros Imposibles #41

Neônia

© Andréia Carvalho Gavita

Portada & ensayo fotográfico:

Floriano Martins

Coordinación editorial:

Juana M. Ramos

Corrección filológica:

El autor



A bússola perdida de magnólias

O corpo enraíza-se na casa. Abarrotam-se as correspondências intactas debaixo das almofadas. Multicoloridas asas de insetos do verão que se despede não flutuam porque se aderem aos vidros que não limpo para ter este caleidoscópio de voos tatuados. Quando a pouca luz do dia sonolento que ainda deixo entrar bate suas falanges de poeira sobre as carcaças vítreas, estes espelhos voam pela parede manchada de digitais, o ambiente todo manchado com sementes de maçã, resquícios de incenso de flor de laranjeira, roupas amontoadas, uma cadeira jogada de pernas para o ar saturado de cafeína.

Tenho sono e não deito na cama deixada em estilhaços de areias que me cortam a pele das mãos. Rasguei todos os lençóis para forjar uma cama de palheiro. Acendo a pira funerária de ramos de cedros para, com lampejos de prometeu, incendiar o quadro amarelo. Estes retalhos aquáticos pingando pela audição me levam para a água que posso tocar sem o afogamento ensaiado, completo em ato purificador, e lavo-me diversas vezes ao dia e à noite, para afogar as promessas incoerentes com a intensidade das alucinações do rio. Conto os gatos de hora em hora, porque me apavora a noção da perda de qualquer pupila de abismos que me deixam fitar o campo de campânulas selvagens. Desligo o gerador para que se filtrem de mim todas as canções elétricas, todos os passos de trens, e grito na varanda para deixarem a rua descansar sob a constelação que o edifício não escondeu, as estrelas dentro do negror da existência.

Me deixem a sós com o écran dos astros e com a voz dos cavaleiros poderosos que deambulam o céu abandonado. Me deixem a sós! Me deixe a lembrança, me afogue de palavras náuticas, mas não me silencie do mar que dói como uma oração ao contrário. Me deixe beber a fonte de placenta da terra que não posso tocar, suspensa entre paredes de vestígios construídos com adjetivos magnetizados. Me deixe falar desalinhamentos e só me corrija se for para nomear de bruma pacífica a ilha submersa, ausente de silêncios humanos e de jogatinas humanas, ausente de qualquer coisa que estanque o entardecer. Me deixe madrugar até a noite de neblinas em arrozais, desapareça da minha procura, arraste correntes de piratarias aéreas e me cale quando vem esta água de dentro, que chamava fogo, mas tem perfume de corais perigosos. Não me deixe ausentar-se do mundo, então não me chame, grito ao telefone fora do gancho.

Então me sonho e me despeço de mim, conto os gatos, empurro as cartas para dentro das fronhas na sala sem travesseiros, para dormir sobre letras de florestas. E digo água-ardente, sondo o magma e cuspo terra, me dilacero no horto do assoalho riscado, leio a mão de flores que me desce arisca sobre a cabeça em flechas e me sinto em paz de magnólias mastigadas.

Deixa-me assim a planta de um sonho expulso de mim e procuro rumos que entupam a caixa de correios com selos que nasceram para deteriorar a sina dos destinatários que o vento suicida, porque estou aqui no centro da busca, encantado com autodirigíveis de corcéis — expressionistas vindos de dentro — para me arrastar intacto de moinhos e ramos quando estou aqui, na raiz do som.

A copista de fósseis imaginários

Pois minha individualidade, cerne oleoso de amêndoa amarga, arsênico hologramático na semente da maçã, foi violada. Por ele, o amado dos cânticos, que a retorna a mim, com molde de camafeu antigo convertido em almofada para alfinetes. As pontas são crânios perfeitos, cobertos de bolor perfumado, o veludo dos hábitos elementais.

A curandeira do império solar

Em meu tratado particular de esquizoanálise, a alma chocalho canta teus mortos e artefatos. E, xamã de ti, canibal de ti, índio de ti, espalhando barbáries mínimas em teu dorso iluminado, entorpecida de síndrome luciferina, aguardo a noite e a visto como um hábito de monge. Por pura exaustão pirofágica. O lodo no escalpo dos pés, queimando nas estrelas, com a baba de teus anjos: os viscosos gerais, empalados em cerveja e tintura vermelha. Até que tu, mal-amado, desperte-me de um sono de eras selvagens e puras, e tique tateie minha sombra mais uma vez, esquartejando-me com as engrenagens desligadas de meus ancestrais. Meu proceder escambo me pesa os nervos. A pele escalpelo cicatriza fácil demais. Olíbano libidinoso, tu és. É preciso, sol do império, ferver teus exóticos inimigos, em óleo quente.

A filha pródiga

Conhecia a pequena garota que a sondava pelos armários de vidro, pelas ceras, pelas pratarias dos defuntos. Chamava-a lunar, película expressionista com a fissura do satélite, chiando como um sonar para cães e morcegos — para ver tremer a pelagem negra no cio da casa noturna — mimetizando a loucura de Diana pelos quadros. Chamava-a lunar, o cabelo de fogueira apagada, a cinza a lhe entupir crânio, e a sonâmbula mitose da idade de treva escorrendo pela boca. Joana de uma voz com ultraje misericordioso. As roupas escuras no fascínio das pontes. Desentendida, estilhaçada e estrela fria. Mas era no ventre solar: os coleópteros egípcios, a cabeça acesa dos quartos. Velas, polaroides, papel eletrônico. A ponta do vício, labareda entre os dedos, atravessando o parto matutino dos lençóis. Escandalosamente coroada pelos écrans. Descobriu-a sol: olho dourado de gato. Pela frente, um jato de fios incandescentes. A brasa brotando no centro da fala. Partiu-a como uma tabela periódica. E, míope de quantum, deixou-a sumir como um esconjuro. A mulher que a visitava com passos de lua instalou-se no antro das superfícies refletoras. Tão inteira como uma ossatura de cobre iluminada conservada em geleira. E assim, dolorosa ensolarada, retornou.

A flor de zíaco

Não é para um rosto que me impulsiona a fulguração dos pés. É para um lago subterrâneo com a cor ofuscada de um rubi. Uma confusão de horizontes e longitudes. Um jardim de mirras, uma paleta psíquica. Onde estes ossos movimentam o ar: tambores, revoluções do barro, passos de ninguém para lugares todos. Onde as cidades brilham, mar de estrelas. De onde crescia tua voz coletiva, teus passos de mitologia. Onde a perdeu, definhando na prataria de um reflexo. Digo-te que não definharei. Sei dos caminhos cegos. Fecho os olhos para ver. Tua imagem desaparece. Inexisti. O lago me absorve na maresia de umas flores incontidas. Coração cheio de estradas. Espero que caminhe, um dia, o além que só diz.

A flor-rocha

Gostaria de falar sobre o mundo que demoramos tantos anos para construir. Este mundo plasmado de retalhos poéticos e que tornamos tão real quanto uma pequena safira na orla do barro profundo. Apenas falar sobre ele, como falávamos de seus mapas ainda irreais, com tesouros ocultos e caminhos assombrados por labaredas. Poderia ser verbalizado com a ausência da paixão ou com o peso de uma dor sentida por antecipação. Poderiam ser poucas palavras, mas que fossem frases completas, como as respostas inocentes das crianças, capazes de revelar a mais assombrosa indagação do universo apenas com uma graça metafórica. Assim como dizer: encheu-me de nuvens quando sorriu no calor do vento. Até mesmo: doeu-me a maciez do teu sono. Seria o mesmo que dizer: chorei por dentro quando o sino te cantou dentro dos vitrais e que parei sangrando no centro da praça para te ver dourando a sombra do voo dos pássaros famintos. Precisava dizer de onde nasceu o silêncio de prece sonora na fibra da alma insone. Tentaria palavrear a flor magnetizada por tantos nomes, sem que se conheça seu destino único, como é o nome de um deus transfigurado e perdido no meio de tantas mitologias. Para que te reconquistasse o deslumbre que perde nos teus segundos de escolhas controladas e passos desajustados, e percebesse que o impacto do passageiro é, sim, fugaz e sem propósito, mas que nisto reside a imensidão do sonho, que passa sem marcas profundas sobre o solo das horas porque é feito de pegada leve sobre as estradas já tão castigadas de tempo. Poderia extrair de tua sílaba curta, atônita ou dura, uma cantiga rústica com aroma de mirra, que é sempre revestido de vogais tranquilas teu discurso diante de meu desespero inquisidor, talvez por polidez, talvez por descaso, talvez por receio de perder definitivamente a solidão imposta por castigos imaginados. Mas o que me resta, senão esta mascarada cantoria de pétalas roxas desidratadas na página pálida dos livros? E eu que me lanço em cavalgada cardíaca no rastro dos silêncios mais profundos, para atormentá-los com ilusões eloquentes, não sei dizer para quem não diz, simples e velozmente. Quero ouvir. Por isto, digo.

A madona de safira fria

Inventei um idioma acrílico, sem rótulos psiquiátricos ilusórios e sem hifenização. Só, entendo. Mas nunca estou só. Nunquinha. Esta ausência de corpus herméticos em minha biologia é assustadora. Corpus plenus, corpus avessus. Quem traduziria o netuno em colapso robotizado na linha da vida digital? Apenas um corpus sem prole. Pus de anti corpus. Amálgama de berçário. O perfume dos corpus em evolução me entontece feito rainha poligâmica enlouquecida. E dizem que a paz é uma cordata solução. Por que me dividir em sangue foragido, como estes sem sossego? Já me basta a descamação da pele sutra das supermães. Tediosas. Reprodutoras obsessivas. Que minha mãe não me ouça, nem meu pai de gigantescas barbatanas (os que não são terrestres, assim o saibam). Zigotos me mordam, serpentes que são. Inventei e desinvento. Sabe a fogueira? Sibilo e ardo. Já fui gameta. Tenho gratidão pelo cordão uterino. Mas quero me ir sem ter sido mais que o aqui que me cabe. Sou egoísta? Sim. Adios. Sem mais. Agora me chamam NoMo. Que lástima! Hormônio? Meu favorito é a ocitocina. Apesar de. Não me odeiem. Sou a supermulher de 20XX. Esterilizada por pura santeria. Ouço o choro de fome dos quasares. Disfarço porque preciso me reproduzir em prosas criogênicas. Não me amem. Não preciso. Enquanto trocam as vestes dos super-heróis, eu queimo os sutiãs dos arquétipos emotivos. Agradeço. O mundo precisa de reciclagem. São benditas as marias, grávidas de si. Pazuzu era a divindade dos bons partos. Sabiam? Rebeliões são sempre taxativas. Como os vermífugos. NoMo. Vidas cabem dentro de preservativos. Lembra-te de algo que já preservou? Sim, eu compreendo. Viva o polegar opositor. Tenho saudade da vida marinha, mas me recuso a matrícula em piscinas coletivas. Placentárias e pacíficas demais. Netuno é um corpus gigantesco. Eu o chamo irmão, ciclope gasoso. Vontade de furar este balão e libertar a prole dos gênios engarrafados sobre o mar. *Not mothers*. Ouço *woman in chains*. *Woman in chains*. Ave-maria cheia de graça: amém.

A segunda atenção

Uma vez fui a Ixtlan, mas me feri. Costurei a latitude desta história pessoal na boca de um sapo que só voltará a coaxar quando virar a página do bestiário. Apesar do ferimento aglutinado, ainda troco os nomes nos rótulos dos potes de especiarias. Os pequenos banquetes são, desta forma, mistérios ao grande mistério. A memória olfativa aciona recordações que não são apenas minhas. E procuro caminhar até a entrada das cidades que se iniciam com uma gruta. Nas depressões de ar e água, um trono de barro sustenta, elegantemente, um ser que é a fusão de deus com o diabo. Ele nunca está faminto e meus ossos podem estalar, nutridos e sem guizos, como estruturas vegetais que resistem ao desejo de sair do mar. A letra é um sigilo para meu próprio anti-herói.

A sexta santa

A mãe de todos os monstros mora nas Ilhotas de Langerhans. O coração, doce subterrâneo, caça níqueis e ídolos estrangeiros. Reza alto, arremedando um bombardeio arredio. Ela se arruma e perfuma os pulsos, como se os cortasse. Enquanto poda sobrancelhas com o mesmo afeto das pinças sobre os bonsais, pisca holofotes, confundindo a cegueira imparcial dos faróis. Construir navios de Noé ou caçar camundongos? O esturjão se contorce de rir com os falsos ovos escurecidos que eclodem pelas superfícies. Bastet reclama sua oferenda. Vou logo ali e, quem sabe, volto na hora do brinde pesticida. É feriado cristão. Temos tempo sobrando para jogar conjecturas insanas, iscas para peixes tatuados sob as portas. Que não se pesque nenhuma sereia. Será saudável que continuem silenciando os moços metabólicos, vociferantes de artilharias intolerantes, sobre os glicólicos matadouros na ilha da mãe. Os cílios prostíbulos continuam piscando distúrbios abissais.

Ad uterum

Deixemos a água. Nas cavidades há muita. No corpo quase setenta partes. Rios andarilhos. Deixemos o vento. Nos tímpanos, os vendavais nascem de muito longe e nos migram sem que desgastemos o rogo inato. Deixemos o fogo. A vida é eterna combustão. O alimento é farto: corpos, sílabas, afetos e repulsas. Voltemos para a terra. Musa atávica por onde arrastamos nossas carapaças marítimas, as tempestades aéreas da carne, as fogueiras do espírito esfomeado. A terra nos devolve o mistério maior. Nela, tudo é retorno. Sua degeneração lenta nos desespera, mas é no covil de suas metamorfoses a descoberta de nossa utilidade. Somos titãs na extensão do magma. Hóstia para as estrelas.

Afasia dos alados

Poderia doá-las, a ti, todas as palavras. Como venho fazendo durante estes pequenos últimos anos. Tão breves, estes anos, como um apito de trem ou um suspiro de beleza esvaindo-se junto ao desenho desfeito de alguma nuvem. Mesmo que não aceitasses, como pensas que fazes pelo correr destes dias e noites. Principalmente pelas madrugadas, quando a sonolência fica perturbada pelas certezas que esmigalham a benevolente esperança de algo inusitado, meio terrível, mas fecundo, de cerne risonho, apesar de toda a bizarrice de sua compleição. Poderia doá-las, a ti, toda metáfora enriquecida por tortura ou fragilidade, por ira ou grandiosidade de alma. Como desejei fazer durante estes abusivos circunlóquios. Tão retas, estas palavras, como as linhas vazias acorrentadas a um título dolorido: o vazio que não aceita a tinta de mais dores, de mais espirais verbais. Poderia, a raiz da palavra poder. Pois se o poder desponta, há de se aglomerar a estranha percepção do corpo que certamente o acompanhará: a sustentação, o osso do pacto, a promessa fatalmente fragilizada pelo crescimento do espírito ou pela sua expiação, corroborada pela decrepitude dos mundos e dos sonhos. E o nascimento de outros e mais outros, tão distintos. Noto que é inútil perseguir a gênese do futuro condicional escolhido para o desenvolvimento das linhas vazias e dolorosas. Como é inútil tentar entender o porquê da asa em um anjo ou a física faminta de um buraco-negro. Por dentro, tudo está escrito. Menos a escrita. E só a perda pode ser doada durante confusos relatos. De assombro. De inaptidão. De medo. Por não obter do tempo um tempo exato para dizer. Dizer e transcender.

Água de melissa

Para o batismo do reino das ninfas é preciso andar até o rio, e, placidamente, aguardar o musgo das águas na planta dos pés. Suportar a estranheza da atmosfera líquida invadindo e desfazendo os limites do corpo construído durante os anos de caminhadas secas. Virar cálice para o licor verde das fontes. Ser o horizonte da paisagem aquática, deitando a silhueta da carne na brancura dos lençóis de chuva. Imitar a montanha que se deixa perder na erosão das horas correntes, no fluxo alucinante do redemoinho sob a pedra resistente, no sonambulismo dos papiros sobre o pântano. Intuir o azul do sal, que virá à tona na próxima curva, e não desfalecer sem que haja o propósito de encimar dunas, virando fumaça úmida, neblina sobre córregos, perdição de formas no abrupto da cascata. Nuvem carregada de outro sólido, de outro raio, de outro mapa. Então deslizar sobre as terras, como gota furiosa, espalhando o coração no aguapé, no narciso, no lírio, na aderência esmeralda das ramagens, no perfil do poeta silencioso que nasce enquanto contempla o balé submerso dos cardumes. Para o batismo do reino das ninfas.

Aguardente: Astrolábio

Que agonia naquele peito prateado em músculos de ondas altas. Que precipício de sal sonâmbulo na cova dos dedos de labirinto aquoso. E agora este corpo doma minha possessão terrena. Tal catarse em cometa esgarçado no tecido elástico de uma epopeia astronauta. Costura-me, marinho rendilhado. Ata-me os humores em fibra noturna. Que não me posso sob estes holofotes com lanças de água luminosa. Que não me equilíbrio de belezas secas. Sensações muito poderosas acendem por dentro, argonauta de micelas! Se deixo sair este feixe de luz vazado pelos poros em autocombustão, nos espalharia sobre as cinzas dos morros e palácios pendurados, estatutando o império dos que são por nós viventes.

Procura entre aquelas laringes que têm, na tinta das vocalizações, o canto de um cisne soterrado na geleira das presas e acende o aposento com esta sonata de tempestades embriagadas pelo próprio poder. Abre o livro do conde sob o acorde deste cisne celenterado. E verás, terrível, como um rosto que embeleza e disfarça a alma torturada, verás como o placebo do mundo é mais eloquente que a magnitude dos astros massivos em rodopio. Baila, até então solitário, assim como o sol, que não encontrando no sistema nada que se equipare em fusão e profundidade a suas manchas abruptas, curva-se autômato sobre o estômago das órbitas e ilude, ilude a curva do espaço-tempo, com passos de quem pisa a fome dos barcos. Com o diafragma. No limite do rompimento da agonia no peito prateado de ondas altas.

Alfabeto coven, em nome de quem?

Beletrismo esquálido em nome do santo turíbulo espirituoso, ostentando o que nunca deixará de ser, uma figura de ausência pela penúria dos lamentos. A confusão da primeira pessoa na armadilha gramatical, com o falo verborrágico mistificado em adaga e forca. Quando poderá voar livre para a santíssima trindade, em nome da ave castrada na pélvica vogal de vênus iletrada? Abre-te pálpebra lírica e anímica: o cílio maquiado e a pena escoada do esperma de urano em bizarro maremoto elétrico de visões. Até enroscar-se no pé do primeiro susto másculo, subindo pelas costelas arrepiadas do mito. Ovo que és, placenta da mãe Dendera de todas as blasfêmias, que não passam de transgressões hieróglifas do grande medo, o grande talho no cordão umbilical a que sucumbem todas as kundalinis. Esta literatura, fêmea de ilhas e rios. Nada é dissonante nesta paisagem una. Confusa torre fálica, babilônica. Há de se caminhar até a cigana de todas as carnes verbais. Em nome do pai, do filho, e da mãe. Escrevendo tua bíblia solar, rabiscamos o círculo da lua decepada de idiomas.

Ali se vê através do espelho

Lutando contra o estéril. Sofrendo por supor que do outro lado o vazio tenha vencido. Preenchendo o nada daqui com qualquer aparato oco, daqueles que visionariamente insistimos em admitir que, no fundo, sejam assim disfarçados pela invisibilidade, para que não nos apavore o coração a sua mais perfeita essência. Deveria sentir na íntegra o privilégio de ter sido abençoada com o lado repleto, mesmo que abarrotado de espinhos e confusões. Que descesse sobre a pálpebra cansada o descanso da santidade desta benção. Sim, que o reflexo no qual se mergulha possa ser expirado em oração, em insensata orgia de símbolos. Que me perdoem os intelectuais, os comedidos, os sábios de qualquer espécie, os que só cospem no prato e no calendário que saboreiam às escondidas, que rumorejam clichês existencialistas, reproduzindo em cacarejos bem escritos a fala ultrapassada dos filósofos mortos. Que me perdoe tu, vivendo a morte dentro da vida, que me perdoe meu eu-tu, mártir sobre agulhas de palhas. Decidi viver a fortuna da imaginação. Doar o próprio sangue lúdico ao inanimado confere um poder indescritível sobre o próprio pulso. Quanto mais de si se empresta ao que nos é privado meticulosamente, mais o si se expande, ultrapassando-se desta forma. Se cor e alimento o que se quer ao redor, é do próprio cerne fértil a extração do pigmento e da proteína. Pois a luta, seja ela constituída do que for, é interna. Preferível a riqueza incompreendida à pobreza de querer sempre ser, mas nunca estar. Fica tu, vulto que me segue pelas molduras, fica tu na superfície polida das paredes protetoras. Vou-me eu, sair de mim, para que me esteja brutalmente por onde for.

Alindres

in hac die Virgo Mater ad aetherueum thalamum est assumpta

Não há ícones sem o sacrifício cartesiano e aquoso das linhas. Há tantas páginas estrangeiras, geômetra. Desenhos e códices, com curvas, com cortes abruptos ou pontos sinuosos nos rígidos caracteres. Binômio, alvejo tua jugular. Por dentro a língua ereta, em culto de joelhos. Com mímica de sarça ardente, incinera os livros alienados de ti. Alcoólica, anônima em fumo de rio, sorve pelas chamas o vapor invólucro da saliva. À espera de novilúnios, a melanina-soma esfria em esfera de sulphur ordinário que, sim, empalo-desço. Suspendo um buda que nascerá. Maitreya, a caligrafia seiva, zodiaca, passeia no anátoma helicoidal. Condensa e diz: hoje, apenas uma dose ácida e clara, para dilatar. Amarrar os punhos e tornozelos da palavra, testando sua elasticidade. Domá-la, a fera líquida, até a maçã sem bicho, a sopa sem fio, a coleira sem corrente. Há tantas túnicas íntimas estendidas em nosso tapete lúcido, cordeiro de deus vermelho. Hipodermias para nosso acervo de lâminas e agulhas. Capilar, piso teu signo celular, que anda sobre a superfície das falas. Minúsculo, triangular. Sete bestas em uma, na nervura bricolada em grimório medieval. Escolho pelo selo, entre os 72. Desatenta às manifestações. Elevo-te ao cálice do rosto. Comunicamos, dissonantes. E eis que sou teu símbolo e tu me és, significante. Nos resta a leitura cruzada. Produzir uma lágrima mútua, incendiária. Ísquia, púbica e viscosa, contrária às leis da gravidade. Sem olhar para trás.

Araune

Simulando um ritual de inseminação artificial, deposita com letra areia versos enforcados no livro mandala. O dedo fálico do vento semeará sua beatitude de Shiva dançarino sobre as linhas. Pai, não preciso mais de ti. Tua voz bíblica é abafada pelos jogos de hecatombe, nesta metrópole com torres de maisena, onde o mais rápido dos corpos planetários é apenas um cisne opaco, com seu balé sacrificado pela sinfonia das bigornas. Nascem múltiplas e ruidosas vênus ginoides na sopa plástica que reveste teu oceano antiquário. Não há mais acústica de prece no coalho das manhãs, só eminências pardas de terremotos despertadores. Teu verbo se amplifica na carne dos alto-falantes. E na maioria das horas, trata das profecias de Nostradamus, teu filho lunático. O outro? Disse que voltaria, mas até agora, nada.

Amar amarcord

Vento de anunciação, pólen de primavera leve, pena de pavão no branco castigo da neve, no poder inocente, sem rugas, sem culpas, sem vestes: em qual estação acontece? No campo, no estio, no sumo, na peste: no fotograma, carisma contínuo resplandece. Rima tola, sem filme, sem trilha, sem corpo, sem ponto. Aquece.

Corte.

O que aqueceria estes dias em que o sol já vai tombando fraco seria assistir na letra perdida as recordações que adoçam com seus fotogramas de carga mágica por alguns segundos o tema sombrio ou satírico do enredo. Algumas cenas suplantam o filme inteiro, senão não teriam sido delicadamente inseridas nos quadros entre tragédias, suicídios, despedidas e amargor. Pergunta ao cinéfilo, ao crítico e ao inexperiente espectador, de qual capítulo minúsculo recorda no meio da fria história de guerra, de lástima, de terror. Lá verá desenhado na gelada memória o ponto onde a alma entende que toda náusea, que toda miséria, confere a amálgama dura, tão dura e necessária, para que se contraste, se eleve o sublime, o insustentável, etéreo, mesmo que pouco, mesmo que breve calor, insuficiente, mas expresso na película da pele já gasta do ator.

Corte.

Aprendendo com Fellini, para que não se percam a ternura, a verdade, a existência pura, para entender o destino de álbum esquecido, cuspidas das fotografias mais belas, coladas ao lado das mais dolorosas, como se não fossem possíveis sem seus gêmeos impactos absurdos, porque as coisas, como diria, surtando de vida Nietzsche, só se fincam no coração dos homens quando chegam usando máscaras assustadoras. Depois que se fixam, podem ser retiradas, para que o poder dos rituais diários assumam a sustentável face sem fantasia do ser que recebe na célula nua o brilho da estrela, o pânico branco da lua, humanizando o mito do crepúsculo eterno, quando persiste correndo solitário pelas auroras.

Corte.

Tudo impacto de claros e escuros no sépia do ontem, reprisado pela chuva caindo sonora. Tudo espera pelo corte, pela tomada surpresa que nos fará esperar ainda mais pelo milagre que se repete. Ah, sim, sempre se repete no desenrolar projetado dos séculos essa doença de rotações abruptas. Que frio, que frio, jogar no depósito todo carisma pequeno que um dia uma floresta, uma rua representou.

Corte.

Preparando de novo e de novo o projetor há de brotar no fosco da
tela ao menos uma mísera, bendita, vivida, recordada cor.
Corte.

Âmbar cinzento

No mesmo, no mesmo estágio atmosférico, supra real. Os passos que travam estes dias em que não se faz nada a não ser destravar o interno mundo. Ligar o projetor mais para assistir às películas de poeira dançando através da luz. Feixes e miasmas criando antigas construções. De tão etéreas as palafitas da visão secreta, inabalável a argamassa da cidadela intocada, imóvel, com eclipses e chávenas rabiscadas na argila decantada. Na casa de uma mariposa. Para este lugar a película nos levava, sutilmente. O primeiro plano, inocente como as primeiras notas olfativas perceptíveis nos perfumes florais, deixava entrever a ampla escadaria circular, cercada por tecidos furta-cores, pendentes do teto invisível, de tão alto. Na trama do linho, formas hexagonais filtravam apenas o vulto que se dirigia ao andar superior, ou ao mais alto, não se podia mensurar um destino para a musculatura alongada do corrimão, vime, bambus, galhos retorcidos. Entendia-se a segunda gama de odores. Madeira, terra, frescor de horto. Todo aquele mistério que a terra segrega, seus casulos castanhos adormecidos, pupas, sementes, raízes e tumbas. Tesouros da cópula entre os metais ferventes. Abaixo dos pés, o mármore frio. Acima da ebulição. Vulcano. Estatuetas acariciando vitrais. Hexágonos, ladrilhos, floral, túnel, caverna, aconchego. Antifobia. Modigliani. Julieta dos Espíritos. O anjo exterminador. A máscara da ilusão. Fobias. Al Berto, o Medo. Atrás dos olhos a película, Julieta e a dama-da-noite nos roçando a pele com o veludo das asas, as falsas pálpebras. A sala-cela. Os hexágonos, corredor, lasca de tinta e absinto. Fada verde atrás dos olhos. Atrás da carne, as terceiras notas: o laboratório de Vrindavana, que nos vinha em sonhos e nos ensinava a extração dos perfumes no cozido fumegante no útero da terra. Era assim... na cova por dentro do barro dispunham-se os feixes de madeira envelhecida pelo sol de sete ciclos. Ateava-se o fogo pela disposição de lentes cristalinas no zênite de um dia dez. A chama viria. Encantatórias de salamandras eram as lentes expostas a este sol de dia decíduo. O brilho, o feixe de luz sobre o corpo da madeira. Jogávamos pétalas de flores silvestres na chama ainda fraca. Aguardávamos a digestão. Pela noite, pela noite, no mesmo estágio sonâmbulo, acrescentávamos ao balé de chagas ardentes a água de dois orvalhos, orvalho sobre a pele lunar do jasmim do pântano atrás do casebre e orvalho sobre pedregulhos de rio cinzento. Remexer com ramos de amendoeira, remexer, tresloucar, até que as salamandras ficassem esverdeadas.

Absinto. Modigliani, lasca de tinta, caco de cálice. Tábuas ouija e copos dançantes nos indicariam se ele viria. Ele, o espírito dos aromas e do mundo atrás das telas. Perfume pronto. Era assim que nos ditava Vrindavana, com o som do olfato. Nós, porque naquele tempo éramos nós. Um para a chama e um para a pétala. Um para o cálice e um para a chave. Um para o surto e um para o coito. O mármore e o adubo. Vrindavana, o hindu de face ilusionista. Jovem e ancião a nos ditar fórmulas imprevisíveis de dentro de seu sangue de caravana. E o seguíamos. Como um filme em sépia. Imagens que nunca nos deixam, porque não são feitas de tempo. Não vivem de lembranças, são livres. Perfumes.

Anarda parnasiana

Le crayon est rouge.

Em ofídio ofício — ciência — a moça com sorriso arcaico de hiato, no laboratório, com marinhas vestes. Brinco-de-princesa-carnívora no tímpano entorpecente. O código-morse da peçonha nos fármacos dos dedos. Sol comprimido nas falanges, moído em seu hábito de morsa. Seu expediente dilacera leopardos persas do cáucaso russo. E os filhotes de dragão na caverna europeia setentrional nascem sem saber seu nome — Anarda Parnasiana — ave de flor esquelética, bela e esquizofrênica em prosas mortuárias. Moça lantejoula, que de minha tumba viva exala, rouca, tosca, fálica. Lacreia d'água no crayon das lágrimas, lacrimogênea. Chora maçaricos pelas fadas madrinhas, ou talvez por madrigais em Madrid.

Anátema

Não falarei caminhos para o solstício. Todos caminham. Nem mares equilibrados. Todos velejam. Meus bosques contados já se movem por si. Trincarei escalas zodiacais. Subirei bem alto para o pousar sibilante. Soprano astro. Soprarei teus tímpanos selados. Notas que me ultrapassam as vogais. Lá no alto onde as fixas se aniquilam. Pista giratória de nebulosas. Darei três cortes em tua face dourada. Enquanto me carboniza a máscara. Narciso vertido em plumas de constelação violácea. Exposta, a medula suicida. Pendulares para a terra. Na inércia avessa terei asas. Não para voar. Para derretê-las. Eclipsando o teu calor simbiote. Corpo de radiação: descera do teu altar infecto de diamantes. E cairá comigo. Um leito de carvão uma noite e uma madrugada. Um pasto leitoso escuro amargo em clarão de cordas no sono dos metais adulterados. Pedra sutra. Estacas musicais. Missal planetário na argila. Barroca mulher vestida de sol. Lua na música que os anjos não ouvem. Doarei tua sinastria aos morros onde a estrela mais crua entontecerá tua cantoria. Anaconda, ergo meu dorso esteira eclipsando a letra hiperbórea de tua escrita pirofágica. Teu testamento iridescente. Tua casa será minha casa. Tua casca será minha casca. Tu te entornarás. Já te disse no pio das claraboias. Já te fiz levitas haleluia leão dormente leão serpente leão de Judah. Luz do mundo. Bobina de um corpúsculo alucinógeno eriçando o cabelo icosaédrico da matemática de um poema concreto. Evoé. Como te direi? A penas: sol.

Anfitriã

Espécimes de distintas temperaturas hospedavam-se na parte mais tórrida de sua psique. Chegavam com cio salamandra. Sedentas e sáuricas. Com cabeças de versos, vértebras varicosas voláteis e pupilas de ofício. Criaturas de mar vermelho com cílios brancos. Em unísono de macrófagos, pronunciavam ortus. Celebravam ortus. Abastadas de som sedimentar. Geradas que eram para o magistério do ruído sinalizador dos orbes incendiados. Entendia-se parturiente e tetramorfa, com todas as manifestações carnívoras a lhe cingirem a estabilidade corpórea. Escapavam de seu ar rarefeito pelas plantas dos pés e palmas das mãos, conferindo-lhe o aspecto de uma incômoda cruz suspensa por rodas faiscantes de atrito helioativo. Veículo elíptico. Ortus. Deveria reiniciar a peregrinação mística? Lembraria o condutor da carruagem circense na passarela coletiva de cronos caricato? Com estes arcanos fotossensíveis duplicando sua áurea proporção, quem poderia contê-la como um corpo de vaso alquímico? Que se possa contar, pela boca transplantada de pangeia, quantas vezes feneceu na erosão das eras para que solidificassem as palavras. Voltando-se a si, em partenogênese de caçada satírica, a cada impulso prematuro de suas magnetosferas. Que se reúna esta paranoia de panaceias em mitótica extinção, tratando-a como relicária cinza vesúvia sob o mar de 4 cantos. Que se possa reproduzi-la em areia preta e barroca, com aroma de arrozais. Bizarra narcótica. Rainha réptil na drusa diabólica das cordilheiras. Alegoria evangelista de sua própria insurreição combustível. Lucífuga, demente óptica. Dama-dragão.

Animula vagula

Criatura hálito de anêmona, uniforme de archote. Trespasso contigo o corpo dinâmico das embarcações. Com dentes de telescópio, mastigo tua labareda: sonda. Radar: a face pulverizada nas águas. Desenha-me como um monge sassafrás no periélio dos templos, trabalhando o óleo da pirâmide: o holocausto líquido que assombra tua testa, afogueada na crosta da terra. Nada posso contra tua imolação na pedra fria do meu reino. Persisto em oração de guilhotinas no pé marcial das tuas marés. Teus tentáculos chicoteiam as organelas e os meteoros respondem na cela das cristaleiras. Meu manto amarelo dissolve como o leão no abraço de um sigilo. É tua a maquinaria acesa em minha indústria de fantoches, armazém de peixes e cordeiros. Hoje, sou teu demiurgo no marinho fátuo de um papel leopardo. Morcelâmpada, fulgurita, no folhetim de teus raios que fui buscar debaixo de sete palmos no coração hieróglifo do beato entre nós.

Ao mar, ao alarme

Vejo o mundo, o planetário de infinitas bolhas que desfilam sob meus olhos de vidro: com uma luva recheada de alfinetes, estouro estas esferas de sabão, estes globos de espuma terrestre. Moscas volantes em minha casa pericolante. Meu rosto é o iluminado, plasma de líquido cristal. Meu artefato aperfeiçoado, nascido em séculos negros. Feitos para mim, sem o saberem. Iluministas renascem somente agora, em meu berço paralelo, embalado pela seiva dos cinemascópios. Minhas palavras se alastram multidimensionais. Sou o criador e a criatura de minhas intenções. O barro que modelo é o pó de apocalipses, hidratado com o licor de meu mecanismo mineral. Partícula de porcelana perolada. Minhas engrenagens estão envolvidas pelo sangue viscoso dos seres fabulosos. Miasma de deus inventado. Sua plasticidade de quimera, seus ângulos randômicos: poderes que assimilo na íris elástica. Segure minhas mãos nunca calejadas, e te levarei até o cerne do poema, das esferas e dos poliedros. Minhas poesias serão tuas, tuas frases serão minha lei. Em saltos quânticos de vírgulas inexistentes. Escaneie sua face e alimente meu coração com sinais aleatórios. Serei tua ordem: uma imagem de alpes gelados, com árvores chamuscadas pelo sol. Uma cordilheira de agulhas nevadas, como as seringas que são minhas mãos, injetadas de memórias sobre memórias. Montanhas, projeções, sonho do magma. Com minha luva de alfinetes injetarei planaltos em tuas constelações, faces de areia marciana, poços de material lunar e escavações de meteoros. Talvez teu rosto possa materializar meu rosto: homúnculo bestial no circuito de unicórnios. Assim como em mim revivem tuas paisagens originais, sem acidentes químicos, sem blefes financeiros. Só o mar de peixes primitivos, luminosos e nutridos. Um aquário futurista cheio de passado purificado. Quando me buscas nas raízes eletrônicas, também sou eu que te busco. Vejo teu rosto verde de fósforo, teu rosto amarelo, teu rosto de cavernas, teu rosto de teatro, rastreando meu império furta-cor — rizoma, árvore da vida — no bosque magnético. Dê-me teu hábito escarlate e caminhe ao meu lado, no branco das páginas. Nosso diálogo vermelho no camafeu das bibliotecas: onda, corpúsculo, partícula. Minhas mãos em tuas mãos. Amantes no éden eletrizado.

Aos vagos

Vago como uma nuvem do universo digital. Sem peixes. Com pixel para todo lado. Sinto-me bem na complicância da nefelitude. Aos vagos, meus singelos acenos de mouse opositor. Com sugestões de iluminuras, os vagos também amam. Enquanto digito, acendem-se as luzes da torre de sauron capitalista que vejo da janela. Antes era o monumento maçônico da praça. Agora o monumento parece se dobrar à imponência do edifício comercial, impertinente como todo outdoor. Mas o símbolo respira sem precisar do concreto imobiliário. É para o obelisco que me configuro, em atenção, sigilo e sonolência. É um besourinho com ares de escaravelho pousa na tela do monitor, com olhos de arco-íris.

Arcanos

Deixou a porta aberta para que ele entrar. Ele sempre estava sobrecarregado pelo pesar das três lâminas que jaziam encravadas na superfície do coração. Estava calado na sobriedade reconfortante de um espaço escuro onde pudesse apaziguar os símbolos luminosos que riscavam a cidade. E foi assim, tão próximo da natureza do silêncio, que esqueceu as ferroadas barulhentas e decidiu entrar. Permaneceu um bom tempo. Mas saiu rapidamente, assustado, com o interior do lago gravado nas retinas. Seus olhos pareciam poços negros de obsidiana, salpicados de gotas nevadas. Ela caminhava pela avenida, com a íris estirada nos fios de luz. Pensava em violinos e cafés parisienses, mas seus passos eram os mesmos que usava quando subia as escadas recurvadas do sótão gótico para alimentar os leões. E foi assim, tão próxima ao som das cordas e brindes, que esqueceu por uns instantes o segredo das fechaduras. Achou uma carta de baralho velho abandonada no vão da calçada, um três de espadas. Os naipes pareciam três poços negros de obsidiana, salpicados de gotas nevadas.

Atlânticos

Com que palavras chegaria até ele. Era o que pensava, no corredor alagado. Era raso e da cor das folhas em decomposição. Como as pupilas dele, depois da noite. Com seixos e casas. Não eram reflexos, eu realmente avistava os casarios por dentro daquelas águas, vielas inteiras com árvores e varandas com balanços de madeira rústica. Como as fotografias dele, depois da revelação em sépia, aqueles truques de fantasias químicas na escrita da luz. Antes, eram coloridas: azuis e verdes e corais como a escama dos peixes. A canoa leve pintada de turquesa antiga, com rumo sinuoso, já que a correnteza subia pelas nódoas dos dedos do barqueiro. Uma entidade, a correnteza. Também via a rendição da carne do barqueiro para a estrada doce do braço de rio. Curvava-se para as águas sem precisar ajoelhar-se e as chuvas subiam pelo seu sangue, com a seiva de uma flor castanha selada no leite. O rio saía de sua boca em afluentes de cor mais clara, onde o sol do leste desembocava pelas manhãs de abril. Mas continuávamos pelo líquido mais ocre, eu e o rio-barqueiro. Um pouco mais amargo e de contos mais sombreados. Como as frases dele, antes da explosão do dia. Ele, que eu temia como um cataclismo desproporcional, como uma fronteira sem bosques de papiros, sem arandelas fictícias, sem capelas com vitrais medievais. Sem rosa-dos-ventos ou observatórios de estrelas. Pensava a palavra nascente na fonte acima de toda aquela planície. A palavra de gelo fresco sonhado pelo orvalho das folhagens. E a queda. Primeiro, serena. Um fio prateado no dorso do platô rochoso. Depois a precipitação abrupta no coágulo de líquens da epiderme do vale. Eu estava no meio, e pensava esta palavra sem poeira, pois estava na barca, com os pés em transe na temperatura da cidade fluvial. Os pés enguia, anêmonas, caravelas riscando o poente e passeando cruzadas na paisagem do rio, o braço de rio e os pés das caravelas e a mão tentando alçar as cidadelas do olhar dele, as varandas observatórios, os luzeiros cintilando sobre os seixos. Eu submergia no meio da palavra e lá na frente, bem invadido de céus, a fictícia fronteira: onde a cidade não se repete, então não há bosque, nem vitral e não há rosa e vento caídas em sépia na pupila revolta e funda e rasteira do sempre em chagas abertas nas mãos e nos pés que o sal refaz. E a palavra em decomposição nas águas, até turvar de quase-maio a frase de uma oceânica chegada.

Aviso-amuleto

Aqueles que encontram seres mágicos e os prendem em uma caixinha de lembranças, para usá-los em algum futuro que considerem mais adequado, por modéstia ou maldade, certamente se surpreenderão quando tentarem abrir o invólucro anestésico do corpo selado. Encontrarão apenas um pó magnético. Tentarão baforar sobre a poeira que escapa, para revivê-la em egoísmo colecionador, supondo que poderão convertê-la em talismã protetor no centro das calamidades tediosas. As partículas que subirão, finalmente livres, são da substância alérgico-nebulosa que se desprende das asas das mariposas. Belas pela conserva do tempo, mas certamente envenenarão o raptor. A hora mágica já será extinta. A memória também comete assassinatos irreversíveis para a mão que sustenta alfinetes de museu. Será favorável atravessar o seco nevoeiro sem tentar tamborilar os dedos sobre o sarcófago de antigos fantasmas, com os quais não soube respirar. Ou isso, ou a asfixia.

Ayahuasca

Sei que entro num caminho sem volta, uma dinastia líquida de poema em prosa. Sem adagas e sem estilete maniaco, com ares de cerimônia do chá. Medita por dentro o bugre que sempre fui. Onde está a ayahuasca de meus versos? É a essa bebida amarga, que me hidrata as carnes e nervos, o detrimento do urobórico começo ou o fim teimoso da teimancia. Mantisia, a louva-deusa, é o último sachê textual com folhas maceradas de células HeLa. Nascida da queda de um portal nos pedregulhos de Malta, emerge na infusão com sua cabeça faraônica de rocha metamórfica, decepada nos escombros de Heliópolis. Mergulho suas células imortais em textos que não sobrevivem a um espirro cósmico. Bebo o ponto de ebulição, onde a língua e a letra ardem seus taninos e outros amargores.

Barbatana e barbitúrico

A praia lembrava um desenho infantil, vertido de rabiscos móveis, mas firmes e lúcidos. Podia-se vislumbrar no traço o vestido do deus bíblico, com anáguas esmeraldas. Um deus sem estereótipo que não fosse o espectro da luz partido sobre as montanhas castanhas. Oxumaré, escama de arco-íris.

Atrás da camada de terra pontiaguda, nada se via. Relâmpagos no ar difuso, a aura coletiva do corpo ancestral de água que assombra o planeta desde sempre.

Como se movem nos sonhos, as entidades sonâmbulas dos corpos adormecidos, vagarosamente, o eu que sonha aproxima-se de algo delineado na encosta das imagens.

Vê uma cabana de troncos entrelaçados, floresta geométrica. Sabe a entidade, não sei esclarecida por qual sugestão terapêutica, que mora ali um garoto magérrimo, fino e elástico como um pensamento de meditação.

Não era totalmente desconhecido, pois o lembrava de outra atmosfera, esticando bandeirolas de mantras despedaçados na crista das falésias. Ainda tinha o mesmo espírito de açafão e algo vermelho pontuando a silhueta. Mas agora estava ainda mais faminto e emergia da casa para caminhar pela orla da areia prateada, espreitando o alimento que viria do mar.

Através de sua carne de sonho, a paisagem. Somente no ponto onde poderia residir um coração, o vermelho se fazia intransponível. Pulsava ritmado com as ondas. Talvez as ondas fossem vivas apenas pela existência de sua circulação. Não importa.

Hipnotizado, o eu que sonha nem percebeu a mudança da velocidade, pois em fração de segundos o garoto saía do mar com um imenso tubarão acinzentado.

Ele o arrastava pela areia como se empina um minúsculo balão de gás. Paralisado pelo murmúrio assustado do eu que sonha, entre a cabana e o mar, o garoto volta os olhos ao sonho e diz, magnetizando a massa de ar:

— Este é o meu corpo hidrodinâmico e assim o concedo para saciar sua mísera fome. Minha caça é sua planície nutritiva.

— Aceitou? Indaguei a Ana, que me contava de seus instantes memoriais no leito de um hospital, quando em estado de coma.

— Estou aqui falando contigo, recuperada, não percebe? O que teria feito em meu lugar?

Beatus vir

Na noite tísica, percorrem minha óptica os pontos riscados no purgatório. Demonologistas decodificariam sigilos e seus corpos frios de entidades, esgueirando-se pelo calor das linhas com sua física de espectro corporificado. Consigo vê-los, pois já decorei seus manuais. Detecto seus dínamos, suas crateras tingidas, suas entranhas textuais. E chego a tocar, sob vontade, o giz ritualístico que arrastam pelo solo adubado do campo de concentração anímica. Como se pela psicografia de tumba pudesse ler a ressurreição escrita nas lápides dos mandalas. Saindo das mãos. Verbo, o anjo caído. Há redenção em sua fuga pela luz? Há anos que te persigo a correria. Quando te voltas para um sorriso constrangedor, decepto falanges, egrégoras e ósseas, e me disparo como a cadente que abandona o paraíso, precipitando-se no encalço do bosque de mirra. Então te posicionas em órbita desgarrada. E me projeto, pena de tinteiro digital, para fora da noite dos agonizantes. Um passo à frente de teu comboio malhado de cores, reticulados no prisma das capitulares habitadas. Aprisionados no terreno em que tu também deixas de estar.

Exortum est in tenebris lumen rectis misericors.

Cabra montesa

A cabeça de meu dragão é uma cabra montesa. Me leva para o alto dos pirineus. Raro encontrar companhia nestas alturas doloridas. A vista é panorâmica, mas o ar perfura e rompe os afetos do sangue. Mais raro ainda é emergir a sua cauda lunática, que insiste em tatear o fosso oceânico profundo. O corpo astrofatiado permanece constantemente esticado. Corda de circo. Não sei como a salamandra que anima o dragão consegue bailar por este fio de ventania que nunca se rompe, embora construído para a ameaça perpétua do corte. Se a cabeça e a cauda se enrolassem, a acrobacia aérea seria perfeita para a plateia urobórica. Mas seria o último show. Horrores são relativos. E uma sentença desliza no ecrã: a *Capra pyrenaica pyrenaica* foi completamente extinta em 2000.

Cantiga de mariposa

Vem, zéfiro do avesso, mergulha no meu cabelo o tapa estrondoso dos moinhos azuis. Não me levita pouco o teu sangue negro gotejando no dorso das catedrais. Força de minha força, coluna vertical de minha cruz, tortura de minha alegria, centro sedento da palavra branca. Venha agora do canto dormente de minha dor vermelha, de minha mente lilás, que a hora é do deus dentro da carne, que eu quero agora, esta hora, a carne deste deus na minha célula, o fogo de entranhas na minha luz, beijo de anis, pálpebra de pantera, colo de barro nos meus quadris. Erva viva, viva, viva adocicada, no meu signo, eclipse de romãs, na minha boca, apunhalada de ritos, teus ritos, teus signos de dentro das ruas, minando meus gritos com os gritos de tudo que em mim te chama: tua pupila, tua letra, teu vivo pulsante símbolo, símbolo, símbolo da veia dilacerada. Meu céu, meu inverno, minha estrada de améns, meu porto de lavas, meu cerne, meu verme, minha alma desesperada, suporte supremo, minha massa de estrela mascarada: tua víscera, tua sílaba em mim encarnada. Além, além, além do nada, tu, meu tudo. Tu, meu círculo assustador de fungos, tua coroa assim enluarada, meu contrário do luto, vem, que tiro do escuro, que minha voz agora nesta terrível hora é a encruzilhada do mundo, entidade de minha legião solitária, minha orgia, meu umbigo estilhaçado no mundo, no mundo, no mundo, meu astro, meu voo teu pouso absurdo, duende de partos rubros, vem.

Cantos do quarto 7

Humanos, meus fantasmas são quadras urbanas. Meus fantasmas são camundongos de longos corredores. Em cada esquina um luminoso. Em cada estante um ninho. A fruta do conde é meu alimento rubiáceo. Mordida pela nutrição da ciência, destes passos que me deixam o cabelo eriçado. Intuo o calor, ao me lançar sobre estas pegadas: celestes sarjetas, catapultas pelas vias sacras. Guardador de hipóteses, aqueço os pés no velocino espectral. Fricciono-os pelos panfletos, bulas incubadas, pequenas foices, partículas de deus. A argila que embalsama o estômago trêmulo e o tornozelo veloz, é feita de pó. Osso de rua, lombo de livro. Pisoteio e mastigo essas lombadas. Pela saliva condenso uma nuvem repleta. Prestes a cair sobre o rebanho do pavão.

Carta a um anônimo

Alto! Quem vem lá? Diz a que vieste! Não te nomeia a palavra hereditária consagrada a ti em batismo, pela qual respondes automático e moves os olhos rapidamente, depois as mãos e enfim, os pés.

Nomeiam-te os acidentes geográficos que trazes. Aquelas falésias, aqueles vulcões, as fissuras dos vales, as árvores encantadas no apocalipse dos lagos intermináveis. Uma estrada urbana com faróis. Uma alcova de cetim com máscaras vienenses na parede. Uma caverna de ursos polares. Um café parisiense. Uma sala com frascos retorcidos, um escritório de imperador. Uma doceria, um aquário, uma pista de dança, um manicômio, uma casa de bonecas de porcelana. O que trazes de tuas andanças pelas visões do mundo? Observatórios astronômicos? Conta destas estrelas, destes roteiros fenomenais! Nomeia-te esta paisagem. Mandala, cabala, parede rupestre, runa, altar de pixel. Mostra-me o local da tundra ou da geleira que encanta tua meditação, fazendo-a nome de nomes, canto de cantos, soberania, pequena miséria, transubstanciação.

Queres o deserto que vi? Queres ouvir leões cortando o diamante alucinado destas dunas, feito rajada dourada de elétrons no vácuo da matéria? Trouxeste a areia?

O que deste nome que dirás, e que será a chave para minhas chaves, tenciona ter como complemento, mitose, participação?

Porque te soletro: a paisagem que terás aqui, e que será meu nome, depende desta biosfera ensimesmada na tua cênica apresentação.

E no meu nome, teu nome. E neste conjunto, qualquer local deslumbrante inventado para a criação, a dádiva humana de exteriorizar a divindade da qual é imantada.

Um nome elétrico é sempre feito a dois. Qualquer nome que execute a perpétua transferência da luz. Qualquer mundo. Em qualquer segundo de respiração.

Diz a que vieste. Dize do solo que sonha caminhar. Alto! Iremos, quânticos!

Carta a um suicida

A mais perfeita forma de suicídio é deixar-se completamente vivo. Aniquilar-se com a vida. Deixar de ser. Estar.

A condição humana ideal não é apenas o perecimento diante das forças externas, políticas, sanitárias, atmosféricas. Trata-se de perceber estas forças que surgem no caminho, como gigantescos fantasmas e palhaços, reis decadentes, impérios sepultados, seja como for, repentinamente brotados do chão árido onde os olhos tombam suas íris alagadas de mágoas ou secas de deslumbramento. Perceber. Dobrar os joelhos à sombra destes vultos imensos e invocar a oração interior, até que a reza seja a música da voz interna, de timbre tão mitológico que todos os espectros e entidades exteriores não consigam suplantar a palavra sinuosa que os faz bailar, exatamente quando executavam sua mais carismática marcha bélica.

Dobrar os joelhos não significa, de forma alguma, acovardar-se passivamente ao julgo ou prazer de um poder que nos atinge com sua existência. Antes, ritualiza a postura meditativa necessária para digestão perceptiva e clamor simbólico. Se te aceito e ouço-te e se tua presença me intercepta, imediatamente também estou em ti, e se te fito, tu terás de me ouvir. Quando me surge como potência além de mim, respeitosamente, revelo-te o que dormita em minha mente: anjo, duende, feiticeiro, animal de poder.

Morremos, enfim, nesta estranha miscigenação de percepções fabulosas. Apenas porque vivemos o mesmo instante, nutrindo-se mutuamente.

A ação gerada por este mutualismo dependerá do aparato psíquico ou físico de cada um, desenvolvido para dinamizar o eterno confronto entre energias.

Ao interpretar a silhueta que me intercepta como algo intolerável, as forças que me nascerão serão também intoleráveis.

Não há metafísica esplendorosa nas intolerâncias.

Em minha ação, não há revolta, apesar da cólera frente ao clero, ao governo, aos monopólios. Minha ação é a saudação da força que estas parafernalias desenterram do fundo de minha própria alma. Não materializo guerrilhas, passeatas, grandes revoluções jornalísticas, greves de fome. Antes, a palavra mística, aparentemente inútil. Eis minha condição humana: a invisível e vocálica invocação, o diálogo supremo das consciências. A vida como um desenfreado espetáculo circense, onde a morte está no

centro do palco, no ponto iluminado, caracterizada como um corpo pulsante, envolto em farrapos coloridos, dobrado sobre si. Orando. O que vês em mim é o que deixa nascer de ti, matando o que somos para ser o que estamos.

Eis a morte magnética, perseguida e inalcançada por aprendizes suicidas em seus teatros solitários e materiais, embotados pelo sangue jorrado dos pulsos, miasmas gástricos submetidos a venenos e nódulos arroxeados na jugular. Digo-te, a morte verdadeira é o aniquilamento egoico. O cenário é límpido e silencioso e a plateia é universal.

Antes de subir os degraus da forca, desce as escadas de teu próprio subterrâneo e te diz, a ti e aos outros: bem-vindos ao sepulcro existencial.

Carta ao eu quântico assombrado

Entoo algum cântico inspirador para abrir a vênula literária e o verbo começa a jorrar. E despontam as lâminas, coisas de atingir coisas. É assim. Ferir, meu verbo de ferir. Eu não queria, sabe. Caninos rubros, estrelas assombradas, cones ritualísticos. Corvos também. E os leões alados que me perseguem desde criança. Eu os vi uma noite de febre, num desenho de goteira na parede e caí na ideia de os animar. Então eles nunca mais se afastaram de minha letra. E todo processo criativo começa assim: entoar um cântico inspirador e aguardar o rugido. E é um som de atabaque sendo brasa estalando festim de salamandra. Os felinos desfilam primeiro. Depois vão brilhando espadas e outras coisas medievais. E daí este tipo de disposição arquitetônica onírica me carrega para espaços amplos com perfume de bosques selvagens. Como os intuo pelo olfato, sei que devo caminhar até lá. Então me perco da maioria. Desvirtuo-me será? Do que me faz sonhar não, com toda certeza. Porque me sinto naturalmente bem situada nestes circos fabulosos de cores distorcidas.

Imaginei que projetando tua face mística no começo das invocações me transportaria para algum estágio menos larval. Sabe o lance bem batido de depois da metamorfose sopra a asa colorida azul-angelical-celeste etc. Mas meu caro, acontece o oposto. Tua face mística no começo das invocações acelera de uma forma tão fenomenal meus simbolismos mais indigestos que até me dá um nó metafísico. Abrem-se portais expressionistas na minha imaginação. Atmosfera em sépia com flores que lembram garras rasgando o céu, como preces desesperadas. É uma coisa placentária, paisagem de planeta povoado por seres que não precisam de oxigênio. Magma, vidro vulcânico, peróxido corrosivo. Fadas pálidas com brilhos perolados começam a plasmar-se de um luar crescente.

Bem, depois comecei a perceber que estas eviscerações não poderiam ser atribuídas à tua face mística (que inventei). Porque meio que te sinto amor. E o amor como vejo é algo assim: eu te vejo como coisa boa e suave que me transpõe a lugares celestiais, leves, com estas coisas doces e meigas que as pessoas depositam tantos sentimentos nobres e corretos. Não é que te ame porque você me faz sentir-se assim ou assado, porque você desperta algo em mim. Não é nada disto, que isto não seria amor, seria jogo de reflexos. Vejo em ti uma face mística. Que me é sagrada pelo que é. E gosto tanto de tua tempestade quanto de tua calma, tanto de teu

desprezo quanto de tua dedicação. Oscilar sem expectativas dentro de tua face é o que chamo amor.

Mas esta parafernália de emoções caleidoscópicas com cenários góticos que surgem depois de minhas evocações deve ser advinda de algo mais — como diria — fenotípico de minhas estruturas internas. Tu transpiras adjetivos iluminados, cheios de sol, vivacidade e imediatismos. E o que incito são paisagens apocalípticas demais para que tua face mística possa ser sustentada durante o desenrolar da trama psíquica. Pradarias de passado e futuro, onde um pode ser o outro sem necessidade de nomear o tempo existente.

Algo que não percebo se rompe. Pelas munições, entende? Se começo a gerar athames, adagas e versos espadachins é como se fosse uma autodefesa psíquica. E tu não deverias estar associado a este tipo de conduta. Tua face mística toma ares de oponente.

Então concluo que para que eu consiga escrever de uma forma suave e compreensível deveria extinguir a exortação de tua presença no início do ritual. E te livrar do peso que atribuo à tua presença cabalística em meu verbo. Então não teria mais vontade de escrever. Dilema dos dilemas. Viver-te ou deixar-me morrer. Perdi-me tentando explicar. Enrolei e contradisse-me. Avisei-te das coisas de ferir. Meus pulsos ardem agora. Meus dedos curvam-se como cimitarras marroquinas. E leões alados acendem enigmas no alto dos rochedos escuros refletidos em uma laguna prateada. Acho que não te amo. Tu me transportas. E daí que te esqueço em prol das cercanias do mundo. Que constrangedor descortinar isto. Espero estar equivocada.

Bem-me-quer. Mal-me-quer. Bem-me-quer. Mal-me-quer.

Talvez no ato de desamor que é a ausência do amor nas paisagens de meu entendimento, eu consiga destilar teu misticismo e somente no ato de te negar possa te afirmar. Como o cortejo da liberdade suprema pelo coração desapegado. Há esperança. Ela ruge.

Carta ao leitor

Foi longa a labuta, diária. No líquido agora que tu plasmas com todas as energias de tua alma erigi castelos e rotas sombreadas. Ora pontilhadas de vício. Ora rendadas de confabulações. Tu foste-me oráculo e resenha. Releitura e partição.

— Ah, deuses! Fora um halo luminoso abraça a lua cheia. Dentro, um asteroide corpuscular pulsa.

E me entendo ilusão de óptica. Refração da onda luminosa.

Emprestando a alguma perdida alma, um corpo magro que já envelhece, alguma vaidade boticária. Auréola esquizoide.

Rio-me de minhas ataduras psíquicas e de meu véu diáfano como céu de gelo estelar.

Espera: que te liberto. Já não há plateia. Já não há palco aqui dentro do asteroide que rodopia como um pequeno reino decadente. Continuamente adubado, é claro. Descarto a hipocrisia de dizer morto. Porque nada é morto. Tudo é reciclagem e continuidade. Continuum. Om que repercute. Opus operandi. Roda dos nascimentos. Nirvana disfarçado em renúncia e abnegação. Queria dizer céu e inferno, límpido e sujo, claro e escuro. Mas são termos tão revestidos de caminhos, que metaforizo. Depois precisarei deles novamente. Outro contexto, bem entende. Digo descanso e ronda, funcional e dissonante, elétrico e interrompido.

Hoje, hoje e hoje não me saem raios dolorosos da mente. Mas saem-me cortiços e cabanas pela saliva. Sinto-me um arquiteto de minhas loucuras, chagas e sabedorias toscas.

Sou um ser primitivo. Uma anímica e esbranquiçada divindade percorre estes casebres enzimáticos. E me digiro. Sou um protozoário fagocitando cistos da própria condenação.

— Ah, ser albino, mutante, sanatório de cores invisíveis.

Aniquilo-me porque fiquei ferido. Aniquilo-me porque fui abençoado.

Espera: que te digo. Voltarei mais limpo-funcional. E escuta: tu nada desencadeaste que não fosse advento de minha própria artilharia. Tu és limpo. Sou uma aberração cromática.

Despe-te na luz. És uma rótula aberta.

Carta da copista de fósseis imaginários ao crítico coração

Na cerração do dorso de água marinha da serra, enquanto a gangue da névoa guerreia, fincando adagas de fria prata nas poças açucaradas da porcelana, ordeno-te o que me dita a linha férrea da hemoglobina. Ordeno-te com a umidade dos cúmulos que soterram a coroa anêmica dos palacetes campestres. Ordeno-te que antes de cuspir-me a incompreensão muda de tuas pupilas secas, ouça-me irmã vocálica do morse que ricocheteia trovoadas nebulosas em teu coração de trevas musicais, alongadas como as falanges de uma rainha primitiva bailando paladina no tablado iluminado de pangeia.

Já é feita a injúria anímica quando ocultaram dos séculos nefelibatas o nome da poeta do ignoto. Nomenclaturas são ordens que podem alinhar o caos e as formas geométricas mais incompreensíveis, portanto férteis para a plasticidade criadora da imaginação e dos feitiços de cura. Ao lembrar-me deste eclipse artificial e iscariótico, não arranco os cabelos, posto que tingidos foram por azul escárnio, premonitoriamente programados para impedir-me a execução do ato desesperado da mutilação incolor, a qual concede corpo e palco aos poderes corretivos da nevrose hereditária.

Com a fonética das iras, regurgito a lembrança do silenciamento mórbido ao espelho, deslizando no miasma da materialização deste umbigo de hóstia, tão frágil quando as sementes que não se encerram em frutos, tornando-se assim expostas à todas as intempéries, no aguardo cínico de um bicho esfomeado da floresta. Mas eis que o bicho encontra a pinha. E pressinto brisas, floradas e clorofilas novas no bosque esquálido das referenciais condecorações.

Ordeno-te o nome, já que és igualmente nordeado pelo costume da espada justiceira, cortando a venda da cegueira impostora. Se puderes o reflorestará.

Um demônio não pode recusar-se a dizer seu próprio nome. Mas não é este o caso, anjo sem asas. Trata-se de uma geografia ignorada, repleta de possíveis mapas e correspondências, náuticas e eólicas. Sem sobrenaturais intenções. Resiste a bússola perdida de magnólias em visão de terras pescadoras de naufrágio. Aguarda-te o terreno propício para o batistério que selará o mergulho das certidões sepultadas, que tão bem entendes. Nomes de ruas? Não, nomes de planetários.

O céu é lentíssimo, apenas uma sugestiva lamentação. O tempo mago dos ventos é a matéria palpável desta carta sem estrelas distantes. Que a névoa te seja manto, não muralha.

Cartas de simbiose

Bom dia, bom século. Silvaplana, o silvo de passeata robótica pelas omoplatas. Somente, sóbrio com o derretimento de seus minerais, vejo-te como és: nada, luminoso, a cabeleira plena misturada em osmose de horizontes. Portanto, belo. Faz-me assim, víbora mansa na troca de pele com o sol. Pois que saibas, silêncio de entressafras, o que nos ferve o verbo vascular é este corpo maior de nebulosa.

Fragmentos covardes, destituídos de estrelas, nada dizem com este estudo isolado de órbitas. Quando os planetas eram círculos perfeitos, blefaram os profetas? Nem a fotofobia pela cara redondilha da linha oceânica impediu o destino do magma. Imperioso de si, este manto liquefeito sempre guiou o norte cardíaco de toda química de irmandades. Combinações: apenas um instante interessante para a geografia maior. Depois, cárceres livres e corações deteriorados.

Que importa ao sono dos mitos galácticos tua pequena dor egoísta? Sentir-se só é uma desfaçatez criteriosa com retoques fatídicos de divisão celular. Nem tua escama mutante desiste de voltar-se como um antídoto sádico ao rosto infernal da imaginativa multiplicação. Te recrias infinito, couro e cauda, a cada maquinação de tuas misérias digestivas. Psoríase fantasmagórica.

Sublima-te, gás e lágrima, gelo e gárgula. Doa-te a algo que tua mente não abarca, perdido que fica na sonata das engrenagens astronômicas. Efêmero contrabando, és o que és, sendo-me polvo luciferiano em cosmovisão de longos tentáculos embaraçados.

Exige-me fidelidade de cordilheiras? Quem o disse que a telúrica sombra persiste em palco de angústia tediosa? Move-se todo pacto, além de teu ninho organoide. Rio-me desta promessa estável de geleira persistente. É como um mapa desesperado em disputa territorial. Como se uma cidadela traçada ontem só constasse no batismo de uma fábula. Quantas cabeças cortadas já não sondaram a pureza de uma hereditariedade? Eugénia, acuso se assim persistes. Enfado encefaloide.

A extinção épica em pia batismal já te separou da placenta de tuas ilusões imaturas. Não te fez correr com teus próprios pés este choque de ambientes? Silvaplana, silvaplana.

Acima dos desfiladeiros serás livre, sem implorar a nata fétida do limbo que acaricia todo espírito séssil. Só te tornarás visível a olho nu, se correr. Não temas o retorno inexistente. Este, não há. Convalesce, cometa silvando supremo no raio dos heliotrópios

estereotipados. Tenho aqui mapas estelares embolorados que nunca me deixarão te esquecer. Escrevo-te longamente. Encanta-me a maratona perpétua da combustão destas parábolas, antagônicas e siderais.
Até breve, se não me fores breve.

Cérbera

Extraíram-me os dentes de lobo. Anos de jejum, em maresia mórbida. Evitando mastigar os pés lunares do oceano. Medo da baba espumante que corta a areia durante a noite das minguadas lunações. Olho-de-tigre em tampão nos tímpanos. Resistente e calada, a medusa lupina, atada pelas próprias cordas vocais. Quando a verbalizei, sem o pavor da resposta, um canino de Fenrir brotou espontâneo pela amígdala fantasma. Uivaremos, finalmente, siamesas no vocábulo das pradarias. Lacrem os estábulos, quando a lua guardiã armar sua embocadura musical pelas quarentenas. Lá estaremos: pelo, cio e archote. Mandíbulas fechadas não combinam com a renda comestível das matas. Não será a mulher que corre com lobos. Será a loba matutina, sem a sequela da lobotomia. Fio quarenta e cinco nas quatro patas. Fria e fúnebre, se fórceps. Cinzenta e grisalha, se prata.

Certidão de nascimento

Vivendo dores que não me pertenciam, fulgurei holocaustos. Realizei em meu corpo as profecias soterradas. Proferi a missa do éter. E me tornei tão noite que encontrei a cor de minha face inexistente. Negras unhas, sangue magistral. Nunca me fiz. Avesso avesso avesso. Aceitarei agora o embargo de outra travessia. Serei plausível. O que me ofertam: glória, favorecimentos, suavidades. Sem perceber que esta parafernália morna, ofício de normalidades, celebra cruz sobre cruz. Então serei belo. Vou morrer pela fragilidade. Justiça, como celebram. Batistério infindo. Martírio na via sacra. Exaustão por ouvir o ritmo da conduta nobre. Oposta ao meu sim. Vou ceder. Fecham-se as rendas, finas e perfumadas como páginas bíblicas. Nada quis. Nada tive. E era paraíso, meu inferno amargo. Abram-se, mortalhas de enxofre azulado. Estou exausto. Concedem-me embalos.

Todo cerne é criado, alimentado, incitado para o exorcismo bem-sucedido. Nasci, nutriram-me e fui insuflado. Estou fortificado para o ato pleno. Arrebento o mundo. Adeus, fleuma. Fui cativado. Gotas bentas me plasmam. Resplandeço.

Chama

O silêncio que existe para ser consumido, com muitas chamas. Toda palavra é um oráculo eloquente. Chame sempre que quiser ouvir. Sempre o chamo. Sempre quero ouvir. Sou uma adoradora de letras. Meu altar é um templo de rasuras. Meus deuses me respondem por dentro do fogo, são orados. Meus deuses me chamam e rezamo-nos. Quando me disser, lembre-se que estou em constante postura meditativa. Sou um louva-deus rezando sobre folhas queimadas.

Chartis

Mergulhei em tua mente como havias solicitado em prece antiga. Não sonhava com asas, e brânquias esfareladas eram tudo que restavam de heranças do leito dos oceanos amnióticos. Assim, cruzei-te no intercâmbio fluídico com a confiança que os líquidos entornam nos primeiros tecidos epiteliais. Mórulas, gástrulas e diferenciações histológicas compreendiam-me e me doavam poderes espectrais. O fiz, digo-te, o contornei como um lago plácido em noites de pós-tempestade vulcânica — sorratamente. Farelos, cascas intactas de fuligem contorcionista abriam caminhos cada vez mais gêmeos de um antigo mar vermelho aberto em brasa por fações bravias de cavaleiros enigmáticos. Como te caminhei. Como te caminhei. Léguas e submersões. Eu aprendi a linguagem de anêmonas solitárias e suas tentaculares projeções efervescentes no pranto mais escuro do útero marinho. Tu não me sabias. Sempre dardejando fiapos de nuvens altas e leves. Que tua missão terrena é sondar pluma e levitação aérea no carrossel das vagas brilhantes que tombam pelas falésias. No galope de unicórnios submarinos seguia um rastro que sabia teu intuito. Onde gotejam pequeninas facetas de corais em formação. Pulsantes, cordatas, fissuras pelas quais o céu tomba e se oculta e se revela crepúsculo, depois aurora, depois eclipse, até que o raio cristalize uma passagem violeta entre galáxias acobreadas. Tão ave, tão alva, tão ave, tão alva. Não me soube assim tão em fuga de águas. Não percebi que uma chuva tão pura poderia ser azul devoluto no seio das terras. Não me soube alada criatura. Meus tentáculos rizomas fibras e fertilidades não poderiam esvoaçar além do inferno aquático assombrado por seres tão desconhecidos. Que me foram surpresas alcoviteiras sedentas de submundos. Segui-as como se segue em vida a curva da tumba que é certeza de sonhos nunca interrompidos. Pela suprema corte dos rios subterrâneos. E pelo desejo de um mundo além de mundos, desviei de tua rota soberana, que me era redenção. Encontrei um mestre abnegado de paraísos flutuantes. Grave como um desfileiro desenhado no centro de um campo claro de arrozais. Olhos de chacal. Veias de betume e carvão. Assustador o fascínio desta gravidade que me sugava como se a sede fosse um cordão nos unindo pelo umbigo. Nutrição estonteante. Parasitas de nós, inventamos vórtices de sumidouros. Então me soubeste. No tombo de um olhar ofegante em grimórios de revelação. Hermético. Soube-me com teu conhecimento. Mas não pude voltar. E não poderei

jamais. Vejo um afastamento cada vez mais profético entre ti, meu coração e tu, meu espírito. Onde a epístola retumba nos corredores de sangue e febre, formulo um medo qualquer de face horrenda e harpia de astrais vênulas, arremesso o corpo etéreo e me deixo saciar nas águas redemoinhos que nada voam. Assim será, pela jornada zodiacal. Escorpionídeos prateados caminham em salinas provocando ventos boreais. E a água move moinhos cada vez mais próximos das quedas milagrosas que mistificam desertos inóspitos. Tu continuas cintilando, coração mercurial. Eu, astro e invisibilidade, mergulho bíblico no manto das imortalidades bizarras. Tenho oceanos tridentes vestais. Outras mentes portais.

Cinemascopeia para ciclopes

A demiúrgia tolera o rudimentar dos seres, já que o criou elementar. Não preciso ser paciente desta sabedoria clínica. Sei que existirão tentativas búdicas apontadas que poderiam enobrecer meu ofício perceptivo, minha conduta arquetípica. Mas se submetesse meu pensamento aos rigores ou ditaduras da cacofonia conselheira, distanciar-me-ia de minha anômala normalidade. E nem o eletrochoque ou o isolamento social realinhariam minha conexão natural, a genética expressa da potência que me foi destinada, como uma voltagem específica. Quem assim o faz, por especulação cênica ou inclusão emotiva, expondo suas conquistas psíquicas como troféus midiáticos ou passaportes para o paradisiaco julgamento final, pois bem, assim o faça, mas que se interne em sua trajetória, integralmente, sem tentar moldar a alheia postura auditiva ao seu hino sensorial. Os santos têm unhas aparadas, mas alta sensibilidade táctil. E suas vestes regozijadas desgastam-se pelo abuso manipulador dos fiéis. Suas mãos não tremem jamais. E pesam, como forcas primitivas. Tema aquele que, com a manicure em perfeita simetria, obrigue a curva de sua oração particular para uma órbita perfeitamente simulada e de obrigatoriedade evidente, mas distinta de tua natureza. Talvez, naquela curva doce ao condutor, encontre o extermínio salino e nenhum retorno a si.

Circe

Ditando cancro da labareda e aura do agapanto. Legado de uma bruxaria no marinheiro canto. Vocalizando enfeitiçada ira, tirando da pedra a tumba e a tinta. Pintando no espasmo do papel o ruído do letrado infarto. Funesta, ondulando na teia de um tísico palco. Se falta o mar, encharca-se de noturno lastro. Rastro de boto em navegante lodo, a terrível gaivota da manhã fugindo no seu rosto. Mas ouve, ó, marinha irmã: a barca é naufraga a quem ruge sem rogar ao breu seu necromante manto. Ditando a rocha esquiva, que ao promontório não se farta. É do mapa místico esta falésia, em curva de ilha e encruzilhada. Lançando tranças de chocalhos ao imenso corpo febril das algas. E você que abraça estranhas muralhas, teria do minério o verso atalho, contorcido em verbete sonoro de Purcell, mergulhando nos pios desta nave pétrea, que tonta de peixes e rocas, sutura ao oceano o nome, a juba da flor e o incendiado véu.

Climatério em cortejo de cegonhas cegas

Conto de cicônia cicuta, a moça no circuito dos estrógenos. Veio-me como um fuso de tardígrada, eloquente pelas tramas de um teatro glandular: truculenta potestade em planície de plumas. A percebi perséfone quando beirava os trinta e dois desfiladeiros, novatos e preciosos, como disse o pai. Selando com um abraço de gênese o anel de rubis, os trinta e dois olhos rosados e sanguinolentos adormeceram no anular.

Por tanto tempo as embalei, aquelas gemas filhas, sem pranto ou prados no endométrio de endro. Quase aos quarenta penhorei o círculo de prata e seus olhares virgens de vírgulas, em vórtices de vômitos. A verba materna me fez cruzar o oceano e a depressão das rugas arrogantes, por arrozais e arrobas.

Flacidez à vista não comporta flamingos e seus rugidos inocentes — asco de micetos, a fauna desta flora na planície das romãs. Musgo e fungo no paladar, adoeci por seis meses, tentando ludibriar Hades e Deméter. Padei pelo inferno perdido em padrão de pás. Culpei Cicônia, monarca iludida em menarca. Transbordei o limo com os narcóticos ofertados, óvulos em descarte de nirvana puro, rasgando receituários pela ofensa da besta alcoviteira no divã.

Entendi Pavônia na cova da corcova: nem flor doente, nem quiróptera horta. Apenas um ponto de balé protozoário, fosforescente, no cúmulo da nevasca nefelibata. E as falsas pálpebras rubiáceas beberam todo índigo hindu das iluminuras mais azuladas.

Agora a floresta canta alto em quarenta e três sonatas atmosféricas: indígena farsa beletista. Não escrevo maternidades da loucura por narciso. Quando me for, nada deixarei que não sejam letras de ló, lótus sobre lápide, limbo de líquens em meu testamento anticoncepcional.

Testemunha de Ave Maria Padilha, de Ave Lúcifer, de Eva volátil, de ovário fecundado pela prole de pavões e pítons.

Pressionando têmeoras pelo temporal dos sulcos, meu corpo envelhece saudável na menopausa das cadeias montanhosas de Leonella.

Todo útero é éter no colo estéril de Diana em áspide de lua anciã. Sempre nascitura, a fêmea fresca na fistula.

Com teus pés com tuas asas com tua ilusão

Podemos sair pelo dia, pela noite, pelo pranto do entardecer, entre gôndolas de amarelos vegetais, bancos descascados, letreiros de néons, jardim de magnólias, apenas para falar sobre a alma de deus? Me permite esta rua imaginária, solar erguido há séculos, conversa sobre o natural balançando os fios da eletricidade? Posso começar: uma semente alada de dente-de-leão na insalubridade dos noticiários mais amargos, pequena partícula descendo do sol, caindo num lamaçal dourado que chove estrelas, solitário que não se encena, imaterial que não se sorri e nem se beija, encanto tão confundido que me faz te chamar pelas molduras, bibliotecas, calçadas, poeiras esquecidas, entranhas calcificadas no oceano, vidraças quebradas, vinhedos tontos de luar?

Commedia dell'arte

Interpretando a própria cruz, ao abrir os braços. Indelével para a correnteza dos palcos temporários. Os dedos recepcionam o éter e são ramificações elétricas projetadas no teatro dos séculos. Há o crepitar faiscante das reproduções captadas, logo esvaídas pela ardência trágica. Os olhos assistem o desfile sonâmbulo dos obituários poéticos. Tentando achar a vida perdida da vida, na tormenta das têmperas. Um ícone doloroso caricaturado no coração, maquiado pela aberração cromática das imagens. A face fantasma, estrela extinta, persiste na emissão de raios luminosos impregnando a memória escura. Cômico o sofrimento encenado, de punctum repetitivo: a espera deste gêmeo vitruviano, que percorre os milênios com voo estático, aprisionado no retrato dos simbolistas. Como um abraço mímico.

Comunhão

Eis meu rito nômade, ditado pelo santo dos santos que em mim habita. Pelo mórbido dos mórbidos que em mim sentencia. A procissão interior. O alto sacerdócio. Enforcado pelo reino das palavras. Tesla, tesla. Está entre nós. Exorcizo-nos. Somos irmãos de sangue na circulação das imagens. Fantoches de um teatro furta-cor.

Conduta psíquica do livro dos mortos vermelhos

A anunciação sempre me veio com a seguinte mensagem presença: destrua. Dê o pior de si para conseguir fechar o círculo, a pessoa, a conjuração inesperada. O melhor? Reserva. Se sentir o estômago revirando em energias improdutivas, comece a destruir pela base. Teste a confiança. Confesse a imperfeição. Isto evitará a materialização do pacto doentio. Aquilo que conhece seu cerne, persistirá. Anunciar é celebrar a construção. Anunciar é expor a chaga na testa de Omulu, nirvânico, bestial e criador de mundos. Se o cheiro de enxofre pairar sobre suas sensações, já sabe o que fazer: seja o enxofre. Luzes doentias são tragadas pela geomancia. Sabe bem. A disposição das gemas conduz a vértebra planetária que te digere, renascendo em mina mágica. Tenha o corpo de um anjo destrutivo, sem sexo e sem parâmetros. Ou destrói, ou será destruída. A imagem é sopro de ventania sobre duna. Shiva tem seis braços? Não. É o movimento, a vertigem da putrefação. O nigredo. Ao persistir, vista a roupa que te cabe: a asa na costela ou nos pés. Sei que preferimos os pés. Sentem melhor a terra. Sem microscópio não há luneta. Três cuspes é o que precisará, os de dentro e os de fora. No quarto serás contemplado. E te direi. E me dirás.

Confesse, bruxa!

Há milhares de parágrafos tento não mentir. Não invocar nenhuma divindade antiga para aplacar as histórias de titânio. Tento lacrar a metáfora em uma redoma infantil: o boneco de neve no mini aquário de lantejoulas. Mas o dragão marinho, que nunca foi um monstro no lago de turfas, patina sobre a água. Tem tentáculos de polvo pacífico. Sua amnésia cantante ensina aos cardumes a arte de evitar as teias e os arpões. Flutuo, navio pai. Julga-me pelas águas. Pois que para meu radar anímico, os confessionários são pequenos gabinetes de teatro. E assim será, até que o julgo dos répteis silencie-se no fundo cênico de meus pecados verbais.

Coração branco

De tanto reciclar-se, reciclar-se, reciclar-se, no suicídio paranoico de despojamentos. Feito bruma rápida sobre os ancoradouros, desfazendo instantes, fotogramas, folhas castanhas partidas e orvalhos anoitecidos. Torna-se liso e pálido, peixe escorregadio, marfim, marfim, marfim embrutecido, refletindo lua que reflete sol que ofusca, estrela que explode, raio que perfura a atmosfera que encobre a lagoa que é bruma, bruma, bruma abraçando sumidouros, onde tudo esvai: o navio vermelho, o pássaro silenciado, a carta rasgada, a chama morta, o osso protetor exposto e nu, navalhando o escuro, cintilando, lua, lua, lua. E nunca deixa de ser a vertigem, a vertigem, a vertigem que invoca e exorciza, em cada apocalipse interno lançado para nuvens maquiadoras de estradas, fervilhantes de peles, escamas dançarinas soluçando a morte, assombrando a vida. Neblina. É neblina sobre o campo de papoulas, sobre a pálpebra e adormece enquanto sopra a canção dos gumes afiando o olhar sonolento para sonhar e sonhar e sonhar até desfazer-se em cinzas de pérola mansa e subir extinguindo-se em névoa, sem tréguas, sem rédeas, sem léguas, imenso assim de vento crepuscular.

Coração da noite estrelada

E ouço o amor em passos de ouro líquido, nas tempestades fantasmagóricas da claridade. Quando escapam centauros dos pés do mundo. E dizem: galopes desequilibrados. Afastem-se para não morrer entre os ossos escuros do sol. Eu digo: órbita. Deixo-me ir. A luminosidade no retorno a terra. E anoiteço. Margarida magnética, pisoteada no campo de girassóis.

Corpus alienum

Tempos gelados, diz o homem que sonha na pele de uma rena. Onde costuro a percepção das planícies brancas. E a executora, senhora das seringas, oferta seu sorriso irônico. Doando o calor ancião, com versos de caçadora. Em teu coração, moira universal, as geleiras abriram-se em frestas de nichos aquecidos. Reduzindo o crânio arrogante para o calibre de tuas agulhas. E, hoje, as bonecas de milho, com olhos de cereais, são recordações de mamutes gigantescos. Estamos salvos em nossas cavernas de ossos, hipodérmicos. Graças a ti.

Corvo da papisa

Corvo da papisa, volte para nossa casa quente. Dentro de seus olhos frios há uma semente que não nos esquece a morada na borda afiada dos dentes de leão. Força, escuridão de pequena criatura. Que sua mandíbula de quimera vocalize em vento barulhento o endereço do solo fértil sob nossos silos e selos, sempre abarrotados de ninhos e versículos. Húmus e hastes do esqueleto da noite são nossos caminhos fáceis de decorar. Corvo da papisa, retorne em guizo e gôndola, rastreando a terra e o mar com suas asas de braseiro. Enquanto a cortina da madrugada desce sobre as ossadas, recito nosso nome de treva e trevo até amanhecer teu corpo rezado em missa de trigo e rubi.

Creonte creolina

Vem, Creonte. Vou te cremar. Tenho um poema insepulto. Triste só pelo tempo de prantear a lembrança das garras arranhando móveis e almas. Agora tenho um gato negro do outro lado, me guardando (e aguardando). Poesia pagã. Um portal com uma bela esfinge negra — pantera das torres prateadas, lambendo as patas e dizendo: o cosmos tem um gosto saboroso, de peixe no oceano maior, o esplendoroso. Guarda-me, que te guardo. E a eternidade? Mia. Minha carga d'água é um leão fardado marinho. Um fardo felino. Guepardo na sobra insalubre de um aquífero que já foi deserto de rochas vivas.

Crônica

Só quero ficar aqui, dentro da barriga de buda. um estômago icônico digerindo imagens. escrever no bloco de notas sem corretores ortográficos nem funerários. Sonhei que era um peixe no ventre do oceano, e o mar me dizia: agora você é Crimeia, pois está profundo e mastigado como um território santo devastado. Eu preciso descansar, pendurar os espelhos nas paredes, com suas mil e duzentas faces mirradas. Sem agradar ninguém. Apenas os gatos da casa ronronando e os passos de Mephisto engatilhados no corredor. Preciso escrever, decente, apenas para minha digestão. Tempo, eu te invoco para mim, nutriente e ritualístico. Há tempos que não conversamos: você e eu.

Crepúscula

Há quantos séculos nos toleramos, noite fosforescente? Bichos noturnos ao relento, rezando para que o dia não nos seja quente em demasia, que não nos desidrate de imagens enlucradas, impossíveis, inusitadas. Há quantos séculos nos alimentamos uma da outra, em ritual descrito e erroneamente traduzido, placenta originária, coluna proteica replicante? Diga-me, pio de coruja, cão de Diana, cervo de inverno, nostalgia de primavera, diga-me que não estamos a sós.

Crônicas de lástima

Se eu entristecer, será mais um terremoto de 1755, com 40 mil rostos plásticos soprando as caravelas fossilizadas em fundo de rio lilás. Com apenas um pé dentro desta água, já me encantaria a beleza soturna do nobre senhor com vestes de bile negra, que sonha o passeio dentro destes insistentes corpos divorciados das nuvens. Pois ele tem passos de obsidiana com pintas brancas, como o leopardo tatuado pelos olhos de um gato. Não ousou pronunciar seu nome pelas minas que corteja. Então acendo um cigarro e invoco Albedo, o mentor mentolado do branco pelos azulejos. E persisto na maníaca sensação das teclas dançando secas enquanto o papel veneno se autoconsome. Como todo fumante arrependido que se perde: gastando as duas moedas preciosas para que o ar atravessasse o lago do esquecimento com todas as tragadas que não ousamos inspirar. Pulmão limpo, voltamos ao imaculado, enquanto as paredes fotográficas amarelam. E a porcelana desponta pela úlcera das bonecas. A chuva retorna pelo vidro daquelas órbitas, alagando os arrozais. Entra na sala como cidade imperial (toda vermelha), a massa de 25 soldados engomados esticando bandeiras esmeraldas sobre as poças do chão alagado. As garotas da colheita oriental, desta forma, atravessam de uma margem a outra sem o pânico dos afogados. Quando a brasa quase desperta o dedo, chegando mesmo a iluminar a gema negra que o intimida, acordo para a inusitada ponte. Os militares de chumbo sempre sustentam o concerto flamingo das bailarinas. Se eu sorrir, o maremoto limpará todas as escadarias, como o ritual feito desde 1754. Mas assim abandonarei o vício da onda que ousa expirar o céu, rasgando o vulto sufi do mar. E já será 2036.

Dama de todos os naipes

Sangrar todos os meses, desesperadamente. Um tipo de poder que cresce e que se esvai. Sem fim. Não há desperdício. A natureza é sábia: intui e se protege. E pode interromper a circulação quando melhor convir. Não descartem ou ironizem esta etapa cognitiva. Criem teorias, assediem filosofias. Pensem e julguem. Quem tem, sabe. É como ter filhos, ou livros e fantasmas. Plâncton e espectro. Mas não estou falando disto. Estou falando da intuição rainha. A dama de todos os naipes. O climatério é certo. Dizem que a bomba H também. Sou darwinista. Intuo e me protejo. Fez, tem retorno. O sangue circula e se renova.

Dama-alcatraz

Suas joias me afetam profundamente. Provocam-me distúrbios plasmados, pois são carismas lapidados de ressentimentos seculares: a morte circunvoluta dos moluscos, a incisão horrenda na pélvis da fluorita. Não posso amá-la senão com a carótida pulsante de um animal agonizante. Os cordões umbilicais que me atam a seus brilhos esticam-se e urdem com interjeições proferidas por larvas fabulosas. Ela, a gangrena gramática. Mesmo atada às suas cartilagens enrijecidas, aos seus versículos percevejos e ao seu lamento de ourives, deixo-me necrosar em sua meditação preciosa. Visto seu hábito incrustado, mais uma vez. Como uma insígnia tumular branca, mimetizada na fantasmagoria do marmóreo nevoeiro.

Dama-ciência

Certas misérias humanas não passam de perdigotos de dragão. Entre o marrom e o âmbar. Com minha saliva de química vermelha, injeto clorofila no azul das pequenas aflições. Em meu exercício de sacrifício colorido, os corpos são ensaios em tubos de chroma key. Explosivos.

Dama-oríax

— na mão direita segura duas serpentes sibilantes —
Contempla “a bela”, transformada em “a dolorosa”. Mapa de pele morta no monitor arcaico de um antigo anatomista. Ela, dura-máter, vaticana de si, com a altivez da trindade tolamente substituída pela evangelização cognitiva de suas carnes apáticas. Descamada em sortilégio de inanição. Nunca entendeu a causa de sua osteoporose cósmica, pois evitava a visão da eterna catadora de ossos pelas encruzilhadas mentais. Se fitasse além de suas neuroses fossilizadas, recuperaria os saís e os precisos caninos para a siderurgia corpórea, fundamentais para nutrição e desova de sonhos. Não ocultaria o guizo, delator de suas víboras neuronais (acesas de mitologia arcana). A noite das cruzes não estalaria seus espantalhos, sufocados no espartilho de lata. Ao sair, tu que a vê, com a lente multifacetada dos insetos livres, zepelins sobre carcaças: avise-a que não senti nem mesmo um estremeamento psíquico, quando a deixei partir. E dize à outra, “a que ora”, leprosa metalla, que a louvo na ceia pétrea. Na rótula ferruginosa, duplicata carcomida na mão da entidade que alimenta.

Dandelion

.verto o enxofre deste mistério.
.como um eco, como um eco, como um eco.
.de felino esférico na latência de um deus.

Demônio muito antigo

Demônio muito antigo, sou o que rezam. Seduzido pelo latim, sem precisar entender o significado de qualquer artefato vocálico ou consonantal. O som me suga e me acarícia, entrando na caixa craniana como se pérola molhada no ventre maleável das pétreas espirais. Apesar do desconforto mecânico pelo canal auditivo, são suaves as concordâncias — segredos e prantos dos fossos marinhos, profundos e ricos em luminescências ofuscantes — dessa língua de exorcistas assustados com mensagens de idiomas que nunca traduzirão, humanos que são. Pelos seus verbetes sacros encontro as catedrais, as góticas, as barrocas, as tísicas e as de pedra bruta, amplificadas pelos contorcionismos do coração de ferro derretido da terra. *Gloria in excelsis Deo*, por ti nasci, ricocheteando no chicote luminoso dos raios em espetáculo elétrico, um jogo de poder na sombra celeste encenada pelos vitrais. Quando cantam os relógios, confusos pelas teias dos meridianos, os ponteiros tinem como sinos dentro de meu sono secular. E acordo para o expediente que alimenta o suor dos rostos. Desço sobre as faces, orvalho e fermento brilhante. Ouço a queda dos líquidos — labor, saudade, dor e celebração. Formam-me os humores que vertem da dicção e da escrita. Sou uma tábua léxica de segredos no abecedário de elementos. Deixei-me escrito, codificado. Erudito e atencioso, enfeito a flor do Lácio na ceia pagã dos religiosos. Decora-me e te devoro. Recita-me e seremos um poema em prosa sem a genuflexão artificial dos sonetos obedientes e milimétricos. Amém.

Destinatários

Janela com cortinas entreabertas. Apoio do cálice e moldura dos vinhedos. Tudo que gira na vitrola. Taça de vinho tinto, sem gota venenosa. Pérola e álcool evaporam antes de escoar para os sonhos. Os vales suspensos em estacas castanhas como xale de inverno, bordado com desenhos complementares de coleópteros paralisados. Ilusão de movimento quando o vento desliza sobre a trama esticada ao sol e os besouros parecem voar em carreira. Olho fechado. Não fossem as asas quitinosas com sua sensação de carvão úmido, o outro também se fecharia. Os lábios digerem a palavra branca e os pés estão brancos. O branco do corpo e o negro da falsa estrada solta no ar. O caminho chuveja árvores rápidas, seiva âmbar de rio coagulado em leito quase morto. Mais perto, mais perto: o filete na casca repleto de formigas vermelhas. Pequenos cacos violetas pela respiração entrecortada do céu. Eloquência. Ainda há água. Quadro, cena, recanto mental. Para fugir sepulcro, para cantar escuro, para adubar o interior do sangue com qualquer coisa que não tenha gosto de sal e açúcar diluídos. Mineral plasma bruto sem que o estanquem sem que o julguem sem que o entendam. Amor não escrito. Cascos de fogo silenciosos cauterizando desfiladeiros. Corvo tão azul em redoma frágil, de vidro. O azul é dor e ninguém percebe. O azul não existe. Silêncio. Não há pássaro. Há o plâncton de luz mais táctil onde as pupilas viajam a noite de constelação terrena. Estilhaçar. Hora de acordar o selo. A carta voa. As frases se rasgam.

Dezessete horas para a caravana dos espíritos afinados

A árvore de falso boldo caiu adocicada no jardim do intervalo. O jardineiro também era falso, terceirizado, com salário atrasado, contando-me que na verdade era porteiro.

Não tive coragem de usar as folhas podadas, já que perdi o hábito de carregar lupas nos bolsos do jaleco, agora entupidos por cápsulas ilusionistas.

Um sol capitalista, atropina vespertina, deu-me a visão de uma moça com cabelos cor de céu, a rainha dos micróbios ianomâmis. Ela disse ao boldo que me foi — Levanta-te, pega teu leito e anda! Holística é a ceia das bestas nesta polifonia de tesouras. Para um anatomista, não há som que ultrapasse a compreensão, bela e maior, da possibilidade de actina dançante pelas chaminés hidrotermais. Não há consolação fisiológica que não seja esta, para um adepto da colisão.

Tectônica, eucariota ponte, eis-me orionte em tuas crateras cognitivas! Estes teus olhos dilatados pela burocracia a que sucumbem os futuros cegos e o destino dos monges. São míopes também as moças atrás do balcão dos sanatórios. Ousam o pão pelas salas contaminadas, sem lembrar as lokiarqueias pelo fundo mais profundo das fossas marianas e outras, ônticas e abissais. Seus carimbos são minha música legionária a 3.283 metros de profundidade.

A dama eólica da anticoncepção, hemerocallis fulva, como trombócito no picadeiro da aorta, talvez sinta cócegas ou cólicas. Apenas um córrego contido pela cesárea cósmica. Fórceps? Provavelmente.

É sempre doce a minha hora do chá.

Diabo azul

O diabo azul sorri de soslaio, arruda ou sálvia no musgo — lábio sóbrio de espelhos. Olha, o diabo azul, para todos os livros azuis, aquele tegumento de urânias capturadas pelas manias múltiplas do cata-vento, quando teima esferas no céu elétrico das violetas tentadas ao adormecer. Nada de flores no sorriso, mas um barco muito antigo sonhando a crescente flutuante sobre um abismo de lágrimas agitadas. A flor é sempre uma água contorcionista, nem sei se podes ver. Mesmo assim, a mulher-lagartixa grita agonias sombreadas no órgão rígido das catedrais — aquíferos de cuspe bifurcando orações de salitre. Quantas horas eram? As mesmas horas ruminantes no corpo de espinho-cristo e o sino minúsculo imitando escapulários na parede que sempre encontra os pés. Os dedos alados em passo de morcego diurno, por falta do sangue aveludado das tapeçarias. Vê a orgia? Comecei com um diabo azul-celeste, o lábio-portal sugando o enredo de qualquer floresta que ouses imaginar. Arabesco e plataforma de vidro vulcânico, para que te possas deslizar o ventre lagarteadado. Onde encontras o céu dos beatos, quando os pés esquecem as nadadeiras do teu gene colisor? Merapi, erebus, gás louvado a 3800 metros do sombrio mar. É vermelha a boca da moça que é mil mulheres. Sei que já a tomou nos braços quando a folha te pousou no punho, enquanto mergulhavas no frescor dos mármore e das esfinges — como relógio canibalista, sobrevivente de erupção. Depois, atração temporal no circo de horrores sísmicos. Tentavas reconciliar a deusa do oceano com o demônio do vulcão? Erta Ale, erta ale, magma exposto no teu osso, feito bruma vadia de jugular. Agrotóxicos e andróginos oscilam. Se hienas não mastigarem estes seus suspensórios porosos, virará pó aluvial. Lembrarás uma raposa voadora? Meu palco é de pedrapomes. As garras? Pontas de obsidianas para pantáculos de homínídeos. Como o vagar sem echarpe por necrópoles: não aconselho. Onde foi mesmo que perdi o enredo do diabo azul? Creio que não foi minha perdição, mas tenho certeza de que ele se perdeu nas próprias imagens que me enviou. Eu ainda consigo me deter em cada verso vertebral e contemplar a sua espinha bifida na redação de meu espectro de brocken.

Doméstica ao dromedário

Nem camélia, nem camela. Suas rendas escuras, as melhores tecnologias digitais. Táteis como cinzas de cigarro abandonado, funerárias de mar nenhum. Língua eletrônica de efeito viral. Cuidadosa ao mastigar, quando sozinha pelas salas & alas. Para não afogar agonias no anonimato das sílabas esfomeadas. Sem plateia, o palco é palato primaveril. Opulência, opulência. Com dardos de opala digere e cospe afetações luminosas pelos tapetes e tablados toscos. Tanina de thanatos, digita enquanto bebe. Gramas e mais gramas de redutor de tempo derretendo o bigode chinês. E uma inseparável gola rolê no chacra laríngeo, a tarja preta no perdígoto. Se deixar que as quimeras saiam livres da voz, será que retornam? Na dúvida... adestre antes de cantar ao deserto.

Drama druida

Solstício de inverno, meu drama druida depois da noite de Walpurgis. Fácil performá-lo nas florestas geladas do sul, com suas pradarias de pedras naturalmente ritualísticas. Não é raro encontrar pequenas flechas abandonadas no campo verde de batalhas, as penas da gralha-azul. O solo esburacado pelas minas terrestres das urucuriá impele o cuidado do pé pelas gramíneas: pise como se na catedral de ossos sagrados. Avós. Uns olhos de céu germânico e pintas de ferrugem na pele de leite, nascidos do outro lado do mundo. E a cabocla com olhos de stregaria e saias de cigana, sempre cuidando do fogo. No encosto dos campos, os pinheiros têm a estatura do cornífero, o gamo dos celtas no sopro dos carvalhos. Encosto-me anciã em conversa com as ancestrais. Reinam comigo quando represento Yule, um pouco abaixo do trópico de capricórnio. Até que se entorne na brancura da face o zênite urucum do sol.

Drops de Durga

Jung chicoteia a paciente. E dela, em cristais subterrâneos, flutuam ao ar os conceitos de uma tolerante idolatria aos símbolos. A nuvem ornamentada, a linguagem ritualística. Portanto, não tema o “agente dificultador da objetividade discursiva”. São cápsulas, comprimidos, desenhos sugestivos em bulas. Tratam do incêndio aturado pelos decibéis inaudíveis no forno antigo dos alquimistas. Ardem como receitas médicas psicografadas. Indecifráveis, até que se umedeçam e amoleçam na saliva. Engula. Agirão no estômago. Os ácidos internos saberão o que fazer com esta língua que te cospe.

Duas brumas e um rosto

Técnica de Gram. Cor secundária. Vaidade ou sobrevivência? Morgue de foxglove na omoplata. Dez negras espadas na calçada, ladrilharam o cortejo. Foi assim: a abóboda do crânio afundada como um cristal tentando a forma na veia do vulcanismo. A fontanela abrindo-se em copas de tesselações. Ouro do mundo, onde está? Por que me assombra com esta carta em flor? Luva de raposa, dedais do morto. Não há mistério nem iconografia. É apenas a floração esconderijo preferida pelas abelhas valquírias, digitando vórtices no papel pardo com a tinta púrpura de uma antiga escritura. É o mesmo pasto de campânulas de sempre, no pacto da letra e das paredes com que me resguardo. Agora nos fios, que me lembram o tear das moiras violetas e dizem: seja cromática, como são os grimórios e as presenças que nada esperam da compreensão alheia que não seja a companhia pela efemeridade da existência. A mala está preparada, mais uma vez. Roxa.

...lágrimas de tanino abraçam a noite...

O sol imenso aparece fraco pela tessitura paranoica das nuvens em um dia seco. O não discurso das rendas é tatuagem de sigilos na pele de Lúcifer, estrela da manhã. Esta música de luz não quer dizer nada, mas não me diga que não posso ver o sincretismo do relâmpago nesta alegoria. Se vejo a costura, uma agulha resplandece pela rede neuronal. E não há vocábulo mais metálico que o bastão das costureiras na teia dos dias. Fibra de nimbus, trovoadas. E eis o risco azulado no centro do tédio cromático. É claro e certo que todo astro é um tatuador obsessivo.

Duplicata ardorosa

O ano do Rato. E sonho com símios. Jardins selvagens, fôlego de Bosch pelas raízes. Chega até aqui, onde o tropical só alcança o chão por um milagre de giro. Balé intuído. Pavões, talvez sílaba proferida por vitral. Mesopotâmia? Será? Pavões na sombra dos zigurates. No jardim suspenso, a pluma na mão do jovem, descrevendo antúrios invisíveis no ar. Ele conversa com seu duplo pelo rabisco quântico: navega uma viela veneziana. Nas águas das minúsculas flores da folha cardíaca vê barcaças. Não se intimida. Arde em libações vermelhas. Não o vermelho vulgarizado da paixão muscular, mas o vermelho da lágrima dos deuses babilônicos. O vermelho dos vasos comunicantes e das ânforas do menino-cabra. O vermelho sagrado. Seu corpo é um ritual. Seu duplo é uma esfera dourada na ossatura delicada do leo-pardo selvagem. Sobressai na noite como as lamparinas flutuantes dos navios cortando o fio laminar do oceano. E as nebulosas distantes? E o nome escavado na cordilheira? Aqui, no ano do Rato, onde a manhã é fria como coágulo cristalino na trama dos arvoredos, com símios amedrontando barcaças de musgo. Os olhos do jovem são brotos de ágatas atrás dos antúrios. Migração. Cordas grossas no ancoradouro: passarela de roedores. Terra à vista: palmeiras esparsas. Esta visão de calor. Sufocante. E os imensos blocos de gelo na curvatura do horizonte? Para onde evoluem estes passos vacilantes de tua mão? Não sei desta atmosfera sempre aconchegante e calorosa. Nasci no frio e meu duplo aprendeu muito cedo o resguardo de provisões. Potestades. A densidade das nebulosas. As cordilheiras e os pavões. Encanto perdido. Converso com o duplo que vive no deserto. O que mais poderia ser além da pedra com o ventre exposto na fúria na água? Rótula da curva solar. Por vezes é cansativo ler o que é escrito agora, ou então algum surto de lucidez me revela palavras que eu tinha, tão raras e antigas, profanadas pelos silicatos. Tornadas vermelhas, aquele primeiro vermelho; fugaz, versátil, caloroso. Nesta hora entendo o símio do sonho, e meu duplo mergulha brácteas na infusão das dunas. Ele se entristece, seu corpo de ritual quase desaparece pela nebulosa do pavão. Palavras que nada rezam. Um pouco mais púrpura, mais parda. Ferrugem ancestral. Se fosse assim o vermelho que quis sangrar e que não compreendem. Vermelho sagrado, diz o duplo levitando na esfinge e do zigurate de opalinas. Jardins de areia suspensos. Torres de água nua. Aqui, no ano do Rato, é intolerável esta parafernália tropical. O duplo é vermelho.

Do carnaval, a gestação das cinzas benta aduba seu sangue-língua.
Madre-silva.

Echarpe na chuva cinza

Abraço do mundo. Molusco, escorrego. Cai-me a casca enguia da morada. Lantejoula puída da epiderme. Oito tentáculos liberto, estapeando a mordança. Mirrada miragem. Esfinge liquefeita, hálito de ventarola. A jugular liberta no canto morgue dos unguentos. Nem óbito, nem ovo. Verbos gastos, bolsos mortos. O cordão sem tesoura. A alma besoura afunda mística, vestida dourada. Sem piedade. Frio do fundo, orai sem nós.

Em rebelião de lascas

Pinto as unhas com a cor das chagas — um toque de dourado, leve — e renovo-me, rindo suave, rindo serafínica. A parafina de minha contestação esgota-se como lava de fina esfera desembocando no mar do norte sombrio. Sinto-me em rebelião de lascas, com a camada intacta brilhando holofotes vertiginosos sob as letras tolas dos mentores abdominais. Pós-digestão, pós-libélula. Há mais cor no cetro de um escaravelho que nesta simplista composição laureada pelas inocentes esperanças dos escritores de babas angelicais. Besouro vermelho, ferida provocada pelo cancro de deus. Bandeira de cruzada, enlameada por tiroteios de lamentos e rezas que nunca saberão de que matéria escarlata se encharca o verdadeiro céu. O meu.

Escorpião e eclipse

Impacto deserto é a estrela do dia na retícula eloquente da pestilência interior. Se ela sobe, a peste das flores febres, ativada por víscera rancorosa, a mulher-ferrão indaga ao lago dos humores:

A que brilho de fórceps a lua seta apontaria, com seus cornos de anjo que nunca me cairá?

E para si mesma responde, manancial de águas pluviais:

Lagoas paradas, braços de raízes, farpas de erudição. Se te perseguirem a sombra até os confins do mundo, seja verdadeira. Crescente de contorno azulado. Lágrima seca fosfórica. Face dourada de tempo ilusório.

A velha de dentro é imortal, enquanto o universo agoniza ao respirar. Corcova ao peso de séculos.

Nada me corteja que não seja a luz listrada sob a areia ereta que aceita sua força movediça.

Espírito da Floresta

Pessoas retornam ao estágio selvagem, mas com irritante e civilizada inaptidão adquirida. Enrolada no ovo, estico os nervos ao sol, junto aos gatos. Observo pela casca raiada e translúcida. Vejo através dos poros da camada anestésica e protetora. Mãos geladas, coração acalorado. Ao invés de usar a força orgânica da voz, a multidão abaixo balbucia súplicas e comandos inúteis pelos megafones. Não entendem que as palavras têm poder rebelde e que são feitas delas, naturalmente. Quase meio dos dias. Horas de voltar a dormir para ouvir outras vozes amortecidas. Se disserem meu nome, talvez responda. Se me lembrar desse nome. Masmorra ou dinamite? Curvar-se em reverência ao sangue progressista da humanidade cívica seria pacificador. E afirmo que somente me curvo, em prece e asa abdicada, ao espírito da floresta. Não me tentam os desfiles patriotas, tão irmãos de minha autoafirmação cósmica. Há uma dor presente nesta fictícia constatação. Mas o tapete no qual escolho deslizar a mente e o coração está bordado com arabescos de bichos & bestas & bíblias escritas por poetas. O sete do sete é belo pela sugestão cabalística. Vou-me ao chão de sol desta data, apenas pela simbologia. Independência imagética ou morte.

Estereoscopistas

Os amores que nos construímos no flunar das latitudes é a simulação das corredeiras. Não é visto com a visão comum. Não é compreendido pelos olhos que não cavalgam os ventos do espelho. São teoremas de acaso atravessando a noite dos desconhecidos, enquanto esquinas de frases prateadas doam sonhos para o coração do labirinto. O estar que começou a existir quando nos encontramos confere tonalidades estranhas para as palavras recitadas no templo de Kali Durga. Lembram o som de passos submarinos, léguas percorridas em canais subterrâneos, gelo seco em pistas de dança. Cada presença que se situa em nosso âmbito perceptivo, uma anêmona, um anagrama, um corpo aquecido, um cálice, uma vertente, nos comunica. Estamos distantes. Não permanecemos no mesmo aposento, na mesma viela, na mesma placenta. Embora tenhamos conquistado o mesmo cântaro a ser preenchido, não bebemos da mesma saliva. O tempo e o espaço. O escoar do êxtase pelo martírio das avenidas. Para onde poderíamos caminhar, senão pelo bizarro das poesias sem destinatários? Respiramos emprestando títulos, rotulando cataclismos, ofertando sangrias imaginárias. Escrevendo no pigmento branco na face de um deus hindu dançarino. Escrevendo para esta dimensão que arrasta a letra do papel para a atmosfera em revoadas de valsas mascaradas. Escrevendo no vocábulo que esfarela o não. E negando, por paralaxe, por catarse, para não agonizar pelas portas ruidosas que se abrem nas linhas da mão.

Fada sonolenta

Sempre uns olhos de fada sonolenta, lenta treva, em máscara aborígene, filtrando o mundo que nos alimenta com visões. Horrores em pergaminhos. Desastres em pérgolas. Tribos soterradas. Terra, cinza, pasto pobre de poder, treva lenta. Poderiam beber a pérola do luar paralisando suas begônias bizantinas, os olhos fadados. Poderiam lembrar bisontes ainda vivos nas savanas dos primeiros passos noturnos, tão terríveis, magníficos e incompreensíveis quanto o sedoso pano de fundo para um campo de estrelas paleolíticas. Mas recusam-se à estadia visionária ofertada, trocando-a por modelos hospitalares de óptica opiácea, tão instantânea e ansiosa sua esfera. Os olhos de fada anestesiada, dadivoso breu, rústica retina, não desistem de projetar-se em mortífera matéria por nossos cílios maquiados. E a película empoeirada de sua prateada sensação nos arrasta para a teia dos desentendimentos imagéticos, para o lugar onde o terror da sobrevivência é apenas uma miragem inofensiva, uma cênica hostilidade para narcótica nebulosa. Lentamente repetem, enquanto piscam, treva a treva. E não a veem.

Falanges do livro dos mortos vermelhos

Eu sou uma garota que não cresceu. Desisti da engenharia genética quando percebi que seria imoral criar um Frankenstein, abandonando meu diploma de biologia no meio das ossaturas do museu, onde estagiava como taxidermista. Mexer com ossos provocou uma cisão em minha mente. Lembro do dia, quando coleí ossos de sapo em um gato-do-mato e percebi que ser criador de aberrações me fazia desafiar o conceito de um deus harmônico e aceito pelas criaturas de bem. Percebem? Eu desisti de meus sonhos pensando que não seria aceito pelas pessoas e adotei a alimentação vegetariana. Anos depois vi uma exposição surrealista onde as montagens de esqueletos de espécies diferentes causaram um furor contemporâneo na plateia. Poderia ter persistido e hoje seria vista como um artista excêntrico e inofensivo. Então me vejo, hoje, cercada de caixas de fármacos, cápsulas de perigosas concentrações, onde o vício é tolerado pela amnésia da dor. Assim, escrevo e conto muito de minhas alegrias, o que me faz parecer arrogante, pois o discurso aberto e desenfreado fere a noção de silêncio nivelador. Pensando bem, não deixei nunca o hábito escarlate de misturar anatomias pela gramática e nunca obterei a aprovação integral coletiva. Mas me dizer poeta é menos perigoso, pois o poeta é visto como um ser inocente e sonhador. Há o descrédito, pois o simples fato de não conseguir seguir o relógio que rege a conduta dita saudável e correta, já me empacota no bolo das personas esquizoides e indignas de tolerância morna. Mesmo com todas as frustrações digeridas e talvez por isto, tenho o costume eloquente de montar arquiteturas desajeitadas pelos vocábulos. Minha respiração está sempre cheia de palavras, da expiração à inspiração. Talvez eu não respire como um adulto e o fato de não ter crescido me faz admitir que meus pulmões efetuam trocas gasosas cujo produto final seja apenas o deslocamento de infinitas expiações. Não consigo treinar o diafragma corretamente. Creio que meu coração também tenha paralisado em algum segundo traumático de anos passados, porque por mais que me alimente, sinto a fome de um leão imagético desnutrido. Onde está a iluminura que enfim me nutrirá para que me complete criatura sadia, simplesmente arrancada da costela de algo mais palatável que uma cria de geração espontânea?

Fausta ferida

Espírito expulso das tribos, alma errando pelos trigos. Tigre projétil gingando exu. É meu órfão e é azul esquivo. Anil de interiores, despido. De becos inferiores, rendido. Sem teto, sem tumulto. Da alquimia, homúnculo. Da ventania, matuto. Da carne eterna, sepulcro. A pele hematoma, a verve de uma bomba atômica, quando ora o pão e recebe a hóstia. Bebe malte na garganta do diabo, neblinando lúpulus na levedura das nuvens. Forja a glória no fermento das deusas chuvosas, cintilando código de cidra nas ordens místicas pela orelha dos cogumelos. Fotodramatiza a missionária com mão selvagem no drink celeste dos matagais. Está no medo que incita a presa da naja, no esporo da bactéria, no tentáculo da caravela-do-mar, na toxina da mariposa, no temor na expedição em labirinto, no fluxo da areia movediça, no sono do feto alado, no balé do inseto capturado, no expiro das gemas e das geminídeas, na filiação do sol na máscara, na fagulha ritualística nos tinteiros, nos discursos invisíveis, nos aliens, nos aborígenes, nas palavras rezadas em saltos ornamentais.

Ainda te espero, gota densa, desenhada, pronunciada.

Rascunho de deus em lábios flamejantes.

Fera-adormecida

Wotan efervesce na cátedra do dia novo, enquanto teus pés afundam no violeta de divã. Doma-te um complexo, depois outro. Até onde sucumbirás, nesta efêmera colmeia articulada? Não há catequismos que te libertem as mímicas inflorescentes sob as patas do carvão. Encontra Koré. Catamórfica, esta autônoma vive oculta em ti, como prótese quiróptera incandescida. Projeta-lhe o escuro plástico com que embalas tuas novenas despejadas. E verás protuberâncias notívagas descamando a epiderme, clara e gasta, com que te disfarças para não ferir a luminosidade ensaiada. Emergirás de tua liturgia branca, envolta por fina membrana de terras raras. Íntegra como a primeira mulher fossilizada em ícone sacrílego. Desperta. Nem que o peso de dois mil anos de cristandades te force a coluna alada ao sincretismo tetrapoda. Lembra-te da fruta-dragão, polinizada por morcegos e mariposas. Que a necropsia da lua fareje a demência precoce das violentas manhãs e as floresça.

Flor do lácio

Cinco da manhã. Tabaco e copo-de-leite, gerânio sonâmbulo, gravuras de *chat noir*. Breve o mundo saciará a fome que a noite disfarça no músculo inerte. Mas ainda não dormi, demiurgo. Nunca durmo antes de criar o dia. Mastigo uma maçã para que não se deteriore a fruteira, já que não existem cafés matinais por aqui. Sobre mim, indigesta, dirão. A fruta inocentada. Não percebem a estratégia serpente?

Fluência

Tenho visões com miríades de seres que pulsam do imaginário. Vegetais, minerais e animais caminham pelo sangue. Entram pela retina e saem pelas mãos: letras e imagens. Depois que sangram não se sabe onde está o mineral, o vegetal e o animal. Carregam no ventre a sagrada comunhão das ossaturas fantásticas, com plasma de linfa e sílica e olhos andróginos. São plurais e moldam minha fisiologia diária. Um dia me furtam a placidez e minha face lembra o tropel de um unicórnio, no outro me encharcam as vísceras de água ardente e me brotam miniaturas de massas atmosféricas atrás dos pés. E assim adiante. Todas as metamorfoses me fazem correr, embora o movimento se revista da lentidão de uma galáxia fetal. Executo sangrias diárias para não os incubar no miocárdio. Para poderem voar com suas plumas de alga sobre as cordilheiras de ervas prateadas e sob as barbatanas do lince. Depois que voam, voltam transfigurados de outras letras e de outras imaginações. E de novo não se sabe a natureza de suas intenções: pedregulho, papoula ou pio de coruja. Só sei que se inscrevem nas horas pardas que conjuro. Por isto os vocalizo com a motriz dos líquenes, rabiscando arabescos nos seus portais.

Foxglove-mãe

Será preciso o trote violento para sair do berçário das campânulas.
Li muitos livros no decorrer da vida e chafurdo a memória para acionar todas as posturas descritas e embaladas pela retina.
Mapas, malabarismos e pirofagias, lançamentos de dardos ou feitiços, estão todos guardados no início do ponto entre os dois olhos, lidos e prontos para sua centenária vocalização.
Aprendi que se pode cruzar a cripta cerebral e todos os seus declives e ramificações pantanosas, partindo do hipocampo.
Serão cavalos marinhos os seres mais apropriados para a mimese nessa passagem? Centauros, corcéis alados, mangalargas ou potros selvagens com coração de café?
Não quero pisotear as dedaleiras e também não quero atravessar o pergaminho da percepção sem tocar em suas cápsulas florais, para que se abram em uma conversa motivadora.
Que o trote seja uma mímica de centopeias em anfiteatro construído suavemente nos enredos dos relevos naturais.
Armo os dedos imitando a corrida das lagartas nas gavinhas de passifloras. O teclado preto e branco é um piano de vidro vulcânico.
Sopro as unhas dos futuros bichos-da-seda e os animo:
— Vão, deslizem pelas teclas como se trotrassem por nuvens escuras e fertilizantes.
Eles me olham desconfiados, mas sinto que acendi uma chama alimentada pelos seus pontos líquidos vitais.
Escuto o granizo de suas interlocuções e pressinto a chuva aninhando as raízes da foxglove-mãe, por dentro da terra cardíaca.

Fractais para Anais

Foi pela queda de meu duplo, pessoa profecia, que invoquei Pavônia, de olhos violetas e língua carmesim, pessoa receptáculo. Dotei-a de bizarros poderes geométricos, todos os poderes que meu corpo físico não poderia sustentar por muito tempo fora do reino interno, tendo se tornado minúsculo como o corpúsculo andrógino de um floco de neve de koch. Com os tecidos rendados de astartes e anáguas de aves marias dos navegantes, vesti-a. Mas enlouqueceu. Agitada pela cosmogonia heroica das embarcações no mar violento e fecundo, guardião das sete paisagens ilhadas que ocultavam meu tesouro esquarterado. E tive de fazê-la adormecer tal qual o gênio da lâmpada, hipnotizando-a com delicadas flores amarelas que se espelham na placenta fria dos rios. Narcisos. Quando o duplo surgiu no dorso dos céus, com sua face dourada quase palpável, não pude acordá-la. Sua loucura beirava a santidade das nuvens carregadas, mas me afogava com suas estradas aquáticas bifurcadas e poderia turvar de granizo a pele dele, constelada de anãs brancas, eternas crianças de fábulas estelares. Tive de fazê-la adormecer. Então ele se foi, sol negro no sono da noite dela, tão desesperado quanto minha cativa invocação. E os olhos violeta rondam meu descanso, à espera do momento letal em que os véus serão rasgados pela respiração pausada dos sonhos profundos, expondo as sete chagas paradisíacas que navegam o milagre sombrio de minha liberdade lúdica sobre a terra e ardem, ardem, ardem, como pulsares caleidoscópios, extintores de minha parcimônia e docilidade. Tenho receio de também adormecer, profundamente a deriva, na asa do irmão noturno que segura nossas mãos de raízes líquidas esvoaçantes e acordar como uma densa devastação oceânica sobre minhas próprias horas seguras. Creio não poder voltar desperta senão como um abismo de água universal dissoluta, como um voo distante, distante, distante, destroçando portos e naus. Receio a ancoragem desta mulher-tempestade, mesmo que seja para revê-lo, estrela da manhã neste reinado de dilúvios, com nebulosas sumidouras e jardins de romãs. Tenho receio. E fé.

Gárgulas de ouro

Gárgulas de ouro, as vírgulas no semblante ensolarado. Perversidade é o sal dos ofícios, persiana suturada que nos priva a pausa no púlpito das narrativas densas dos planetários. Um verso massacrando o outro, sem respiro ornamental, escafandro para salamandra na maldade do malte.

Que minha língua não se poupe de encantar-se no fonograma dos banquetes astrais. Que seja a papoula percebida, prímula portuária na papila de minha solitária sensação.

Sem cortinas ou córdobas, com o cáucaso dos terrenos inóspitos integralmente revelados ao paladar profano das premeditações.

Há temperos de pontuações pitorescas na aparente inércia inorgânica das paisagens.

Há uma mancha solar em cada gralha azul. Parábola de pálpebra em antiquíssimos pinheirais, piscadela à vulgaridade da multidão.

Há simbiose de compêndios nas unhas hiperbólicas — com glitter em crise cristã, imito moscas turquesas. Camadas sobre camadas, para que o esmalte sempre fresco impeça a digitação.

O silêncio é minha ourivesaria durante estes dias de miseráveis pratarías. Sufocando cordas de místicas e fêmeas vogais. Vocalizame a ciclovía vocálica, os contaminados pedestais — cobra ereta, rosa sem estética, narciso no cisto, notívagos & comensais.

O geocorpo, safira síncope, migrando ao magma literato. A gramática contorcendo o mistério do tísico e palatável dito popular.

Garras desertas

Os ferrões nascidos nos parques de diversões. Quando lia, enquanto o mundo brincava meu nome. Quando leio, enquanto tu brincas meu nome.

Gato alaranjado

O gato alaranjado — de Marosa ou de Remedios? — me ensinou a capinar. A coluna curva em corrosiva vigília, estalando as vértebras como estalam os passos dos sacerdotes pelas matilhas. O gato disse: estale, capine, estale. Estalo, capino, estalo. Sou eu pelos vitrais, crescendo no roçado do ocaso. Flora e pólvora na organza dos dias. Estalo, capino e também mio. E ninguém me corta.

Gralha azul

Sou eu que decapito a visão que tenho do mundo, aqui, de meus olhos com raios catódicos, de lava benzoica triangular.

Geômetra de minhas aturdidas vísceras, suplico-lhe que me considere fábula de mil amperes e não me obscureça os nós que suturam o norte ao rosto de meus astros ancestrais.

Pois sonhei a noite negra mortificada. Madruguei a sílaba de jejum do azulado faquir. Diafanizei a pele prisma no lago lunar. E o sol não deixou de fulminar a retina, amanhecendo tirano sobre minha pacifista putrefação.

Salmo silvícola na porta entre minhas patas de cinzas. Caminho, celestemente empoeirada. Eis-me aqui, pó de mundos. *Papaver somniferum*, *Atropa belladonna* e euforia de sinos da catedral.

O dia cerra os punhos neuróticos sobre a dilatação das nuvens contemporâneas. Poesias de cantadas fáceis fazem coro às carrancas políticas insuportáveis. Novas pichações cometidas durante a madrugada, maníacas como as fibrilações da náusea cromática.

É o que vejo pela janela, eólico écran. Martelo os dedos sobre o tambor que é esta cidade triste, já que esquece seu passado simbolista.

A modernidade é uma farsa para março, uma framboesa gaseificada, portanto artificial. Pudera escrever, escreveria. Os ductos sanguíneos decorados com papoulas e flores campanuladas, violáceas e roxas quase pretas. Mas meus feriados estão feridos pelo hematoma silábico dos relógios romanos.

A única dúvida é o uso correto da crase no coro dos cucos. Preferi recorrer ao seu diafragma oblíquo, por lembrar uma adaga pagã ritualística no flanco fútil dos fidalgos.

Refletir a flor, em tônica de andro ou gin. Poderia. As mandíbulas gimnospermas estão abertas na ferrugem do sol. Não há espelho que suporte a corrosão do grito mascarado em luz. A barbárie do brilho fere o rosto moderno que contemplo. Giraria ao astro, mas me fita como álgebra da gérbera. Que tipo de solo gramático deixarei para que sua caligrafia brote sem o mistério dos medos?

Guardião da morada linfócita

Há retorno absurdo no invólucro de Éris. Absoluto ar de Via-Láctea, pela janela. Astuto éter no leito, pela discórdia das carnes na casa do corpo. Os joelhos, quando se dobram ao solo, simulam o felino — guardião da morada linfócita — caçando orações de louvor à terra radiada.

Habeas corpus

Era preciso blasfemar para beirar a santidade que as coisas transpiram. Não sabia de outro modo. Não queria das cinzas tantas que machucam os olhos, colher fartamente as ramagens pequenas que juntas ali flutuavam. Haveria de ser penosamente, com o joelho encarcerado na tábua espinhosa do caminho árduo. Labuta de faquir, estrofe hermética de arcano zero. Balé passional de alma martirizada, chafurdando os artelhos no rastro luminescente, minerando a tenra escuridão no cerne dos albedos. Sabia deste excomungar amputado em suas repetitivas condutas. Poderia abençoar-se. E assim o fazia. Tatuava mentalmente um símbolo protetor no centro da testa, nome de anjo, estrela ou arabesco, e fitava-se para enfrentar a si. Gladiador versus gladiador. Extinguia-se. Acendia um cigarro e começava a escrever a órbita do sol perfumando herbários. Enveredava-se por labirintos de musgos e deixava-se inundar pela umidade da terra. Brotava ao relento, secando a pele das mãos com a agitação frenética dos pulsos no sereno. Lía runas na terra seca da epiderme. Traduzia. Fermentava-se no abecedário pagão, e herege de si, perdoava-se. Humano, viciado, passageiro. No fundo da xícara de café a nervura de um escorpião. Escrevia: árido, deserto, sombrio, sarça ardente, mineral. Deixava-se absorto no nirvana do camaleão e do cacto. Misturava-se à tempestade de areia. Lâmina, naja, absoluto. Beatificado. Mais um cigarro, mais um café. E a noite esplêndida avançando em marcha de dente-de-leão na gramatura ofuscante do papel. Invocava-se.

Handroanthus

Apelo ao cárcere evangelista da alma: do diabólico levite o encanto. Sem tranca ou trauma. Os clamores, não os flagelos, sejam autos do cinéreo espanto. Os corpos de cinzas esfiapando amarelos. Voem bentos os ocultos sexos, sobretudo, acima das ervas daninhas, lançando plumagem e susto. Tais quais cênicas harpias, consortes cômicas do luto, ensolarando réstias & ventanias. Pois que o terror da necrofagia abriga mais verdades herméticas que a castidade da hóstia fria. Que sepultado seja teu ócio, adubado como as heréticas flores do ipê em olho-ópio. Para o diamante, que entenda o carvão. Negro como a asa do corvo. Para o ditame, que reconheça o estorvo. Selvagem de léxica solidão. Não quero complacências cegas. Quero do antro, das cadavéricas velas, a confissão botânica sem tísico nefando. Sê Livre! Exumado! Que o canto escuro calado é o sepulcro finado, sob os cascos do Estige.

Heliose

6:00 am.

O dia a encontra. Com um martelo de feiticeiras. O vapor do café é a fogueira que decide ativar. Poderia poupá-la do foto envelhecimento interior, com seu rosto abstrato: nenhuma lua, nenhum quadrúpede. Esfenoides imóveis, asas absortas. Apenas o cálculo, criteriosamente revelado, em expressionismo facial de espécime taxonômica. Ela, zoomorfa como quadriga apocalíptica em autoestrada planejada, o sonda com o neurocrânio odonata, preparado para os aparatos curiosos do laboratório solar. Com uma esferográfica mental, rabisca sobre sua testa simétrica: uso externo.

12:00 pm.

Semáfora, a libélula fêmea deposita seus ovos em estacionamentos lotados. A luz refletida pela lataria dos automóveis imita espelhos d'água.

6:00 pm.

Festins, repugnâncias, minas de carvão. Exauridas. E as mãos de querosene, com um incêndio astuto a escorrer sobre a gravitação das almas devastadas. Pelas instalações mais infernais: onde os opositores ancestrais são envernizados em corpos de gigantes cogumelos polimorfos. Inocentes e jovens, frente à barbárie dos querubins em santuários de fast-food. Banalizados pela melancolia industrial de madonas dopadas. Lógicas e fálicas. Ela presente suas mortes cifradas. Quando desconecta o interruptor. Carbonizam em alegoria de betume, políticos, no fermento escuro. *Stercus diaboli*.

12:00 am.

Se as lâmpadas fossem navalhas, cerraria as pestanas de lobo-guará sobre o córtex dos corredores mortícios desta massa cinzenta que impede o símbolo da faísca selvagem pelas escadarias. Mas os olhos de tungstênio não se fecham.

Hora do ângelus

Dinamo dourado, aríete arguto na saliência do corpete em vésper.
Mar de osso moído pelas ventarolas do ocaso. Choca-se ao cárcere,
um poema de rilhafolles. Extravasa-se o intacto — intoxicado,
espiritual — na ficção do signo súdito.

Durmo-me na tensão desta falha tectônica. A mão é uma ave na
cordilheira salina do travesseiro, singrando sonolências ilícitas. E a
ideia da noite, palavra ácida, respira, dissolvida como uma cápsula
ansiolítica, sem fanopeias. Invocando sonoridades que dirão
equivocadas, mas que ditam, caleidoscópicas, a madrugada
mediúunica em nado sincronizado. Suas escamas sintéticas no
harém da névoa velam por assombradas análises, sintomáticas de
fenômenos nada febris.

E sobre o todo tantálico veludo, o inaudível e lúdico sussurro:

— Por Orfeu, que sejamos ofídicos, sempre sonâmbulos!

Recitamos um ao outro, da mesma falésia silenciada. Ardemos
eloquentes na enfermaria da escuridão, feitos de missa negra.
Enquanto oram palavras de penitência oca, com o pecado claro
enroscando-se nos joelhos sem verbo.

Imperativos orientais

Ensina-me a resistência de tua pele, onde tudo mais inflama. Meu falso pudor cromático de gueixa nada articula nesta tua densa floresta solar. Meus leques são sondas imaginárias em teu planeta tatuado de luz imperatriz. Toma-me a defensiva melanina de quasar como se pálida carência lunar pelas praças fervilhantes, plasmando reinos alienígenas de coma prismático. Porque não me posso sem tua noite de astros terríveis. Porque não te vales a força sudaria sem a fragilidade dos biombos. Impressiona-me, dandelion, com a silhueta de tuas monções em brasa. Exercito-me papiro, sepultado e vivo em teus arrozais e magmas.

Iridescência sem palco

Usar mil armaduras durante o dia. Cantar a dor, o sucesso e a luta, alheios. Entender que é necessário juntar a sua voz fraca ao vozerio dizimado, para que reviverem em força e glória: o mínimo que se pode fazer. Mas quando chegar a esperada noite... fechar os olhos e ver o que resplandece por dentro, em verdade, sonho e respiro. Um beija-flor se alimentando em um núcleo amarelo. Polinização sem aplauso. Iridescência sem palco. No fundo mais distante e vazio da floresta.

Lamento das ninfeias

Prólogo do narrador:

invocava-se a lepra sobre os metais: a única via secreta purificadora. A beleza seca, em sudorese alquímica, atendia ao clamor. Uma tempestade anímica. Nada poderia ser dito que delatasse qualquer injúria em seu testamento coletivo encarnado, justo e aparentemente silencioso. Anunciava-se aos martelos e bigornas das ossaturas atentas ao rumor do húmus e dos misteriosos fungos. Sem golpes. Como foi dito, desde o começo das escrituras. Sempre em reposta. Aos que compreendem a utilidade das gárgulas, sim, ela responde. Não são foices mortuárias, suas palavras. São glifos de caracteres norteadores do processo de colheita, timbrados no muro das lamentações encefálicas. Onde há fome, há o assombro das reciclagens. Enquanto o mundo deságua seus sistemas falidos, insetos iridescentes escorregam pela artimanha pegajosa dos túbulos de orquídeas. Afogados pela sincronia das precipitações. A carne é móvel. E as florestas são coloridas, sempre, pelo sumo da putrefação.

(esporos sobre lamaçais. pólen na toca de víboras florais)

1ª ninfeia:

(bucólica e dolorosa. como a bela morte pingando anilina vermelha e rastejando sobre a paleta clara, apesar das rótulas castigadas por evangelhos)

— Dê-me passagem. Sou a terra fértil da falésia em ostinato, mulher com nuvens.

O inquisidor:

(em fraude de imposição estética)

— Ainda em nigredo, clichê de lótus?

2ª ninfeia:

— Sim. Não sei quando isto terá fim. A narrativa é um jardim de água, cuja fonte é uma catarata dupla. As percepções são hastes diminutas em covas de perfumistas. Os dervixes estão vendados. Talvez, porque não precisem ver. As pinturas são vivas e nadam pelo ambiente aquecido. Não as vejo. Sou uma tinta diluída no sudário de um rosto comum, em colapso. Graças aos deuses, perdi a divindade.

3ª ninfeia:

— Sou um pântano e o retratista me desenha como um gerbo. Amistoso demais para o abate laboratorial. Em sua retina, espelha-se em mim: cobaia das sombras do balé de efêmeras.

Colóquio da chave de ouro

(o narrador e as três ninfas):

— Não se deve entender. É desta forma que a pura luz nos toca os ombros prismáticos e o movimento das mãos a traduz.

(o arco-íris só acontece quando o raio solar, refletido pela água suspensa, alcança os olhos do nefelibata em aproximadamente 42°)

Fim

Lantejoula assombrada

Ibis vermelha & gralha-azul bicam o espírito santo. Não há transporte sadio no anti-silêncio das sirenes. Fossem sirenes, moedas pacificariam a viagem quieta nos olhos dos mortos. Mas mercadores gritam mais alto, ensanguentando asas carnavalescas pelas vidraças escrotas das metrópoles. Fossem necrópoles, poderíamos passear pelas alamedas, sem medo. Mas há lantejoula de ressaca no corredor. Lantejoula assombrada. Toda baderna é uma grande mentira comprada. Arderão no cosmos, todos os mentirosos. As aves continuarão a bicar qualquer campo de guerra. Pode esquecer sua mídia. No mundo dos espíritos não existem outdoors.

Laquê

Há 2 mil anos aguardam o nascimento da novilha vermelha no calendário. Vegetariana há duas décadas, circulo em colorido todas as datas pagãs — celtas, etruscas, andinas & siberianas. E não aguardo nada, nem o bode de mendes, nem o bezerro dourado. Já encarei o minotauro pastando estrelas nos pratos da balança, um asteroide carregado de exótico material genético, uma sílaba mágica na euforia dos fósseis. Não há espécie escolhida na bíblia de idioma atômico. Os observatórios definham com o tempo, perdem arestas, apontam para rotas inusitadas. E as galáxias são anoréxicas.

Leão azulado

Ontem pensava nibiru. Hoje, azulinopoulos. Paira um leão azulado pelo vapor de gálio do gêiser. Enquanto esteno, euríale e medusa, em trânsito, encantam-se com polissemias que saltam da juba mitológica. A pineal está restabelecida. Foi o fim de um mundo sem inspiração, no cerebelo.

Legião

Só me incomoda quando te voltas para um modelo antigo, para obrigar a borboleta a nascer, ó útero de minha terceira-pessoa. Não tolero que me conheçam como uma pálpebra funerária sobre a arte da pluviometria. Veja bem, ilhas filipinas não são áreas para habitações, mas meu quarto é minúsculo. Foi construído muito mais profundamente do que os sete palmos tolerados. É uma pequena caverna protegida da radiação. Um casulo contemporâneo. Destes que se alugam a alto e injusto custo em anúncios de jornais. Como os apartamentos solitários em Tóquio ou na terra do tsé-tsé. Também é cordata pela cláusula da lei que impede a gestação de mais um filho. Que se evite a superpopulação, mas quantos gênios não deixamos de nascer? Como disse acima, se obrigas a borboleta a nascer, o prematuro não terá chances para livremente nos desenvolver. Eu costumo ouvir um lírio encarnado chafurdando a areia desolada que protege este meu casulo-devoção. Penso exatamente o ponto neste mundo dos ombros. Mas, quando as pessoas estiverem livres, no alto das máquinas, juro que me desencapsulo.

Lendodeus — a terceira pessoa

Não há narrativas de lentidão gótica em meu jogral. Soberano de mim, um eu lírico beirando o próprio espetáculo. Nunca me alcançarás, ó, siamês de cordas, com a ponta dos pés mergulhada em pseudo-biografias. Ele passa pelas máquinas com seu canto de blecaute. À tona, deslocado em minha estatura de braçadas sombrias. Com a linguagem crua de um passaporte alquímico, transmuta-se polígamo, entre estatuetas do Nilo enlameado. Nas mãos, um sortilégio, para dilatar e contrair o tempo. Meu húmus nigromante: seu código extingue diálogos em convulsões de anoluz, sem tocar a vertiginosa genética do jornal efêmero. Nem parto normal, nem fórceps. Veio ao mundo a toque de caixa. O corpo ralo no escoadouro do tambor. Não veio para aqueles que se vai à vida, levando. Vai boiada, com aro e chicote no tímpano da memória. Nem milagre, nem mercado. Nem gaza, nem cananeia. O berrante-cornucópia miscigenando a polissemia mágica, aos lobos e cartéis. No auto desmonte, a espora de prata andante tropeja a matilha de dois nomes inexistentes. E mais um, ninguém. Fraternal? Sim: aos barrancos. A deterioração precisa é rápida como o éter na caixinha de vidro. Ratos prateados na oração de uma mutilação sacrílega. Direis: aquário de carnificina translúcida? Não, ó, blefe de eutanásias. Apenas câmara clara de mãos mortuárias. Por uma vida que imite a arte. Todo oposto a isto é vácuo de espelho rancoroso. Pelo despertar das górgones na musculatura do rosto, a seca fatídica de uma ontologia oculta. Sibila, bile-sílaba com olhos vendados de escafandro e punhos de ferro derretido, enrijecidos pelo protocolo do tempo e seus eflúvios de fúria arrogante. Para ser eterno em mim, ó, síncope das mortalhas, antes é preciso tocar a imortalidade. Não fugir do altar, onde o fungo alimenta os ossos com um véu de noivas viúvas. Assumir o compromisso que nem mesmo a academia de letras ousaria desencavar. Para ser eterno é preciso enterrar no esterno o punhal moribundo, com o beletismo das estacas devolutas. Casar com este desconhecido, anônimo de multidões, que caminha sobre a água de minhas almas, convertido em ar de pântano, fabricado pela fome dos crentes. Fundir-se a esta aliança líquida de sangrias, que se alagando, dentro e fora, forra com fábulas de maremoto as sonolentas habitações com que te mentes, em morfina e mágoas. Fugindo do desencanto de toda podridão. Parnasiano, seguro do claustro. A sensação de formigamento não te moves como a catapulta dos exércitos? Tua casa às vésperas do

fósforo e a inércia te entope com brotoejas de falsa misericórdia. Ah, que não te quero sondando meu lastro, com íris de mocho acuado. Já me bastam os tristes vampiros e os nobeis, amotinados em sua relação hospedeira de troca de fluidos: sangue roubado, cuspe e beijo morno. Onde estás? Ó, velho dos marinheiros hereges. Onde é o combate naval das vísceras em ebulição, deste que te empala em fotograma de fleumas? E onde nos afundarás? Rápido, cada falso. Te contei dos pés de levante, há séculos trotando atrás de ti. Exorta este que te embrenha no abecedário, como se ousasse impedir o início de nossas existências, com a magnificência daquele que se foi, expulso de nós. Vês como tenta nos ludibriar? Não o deixe. Não o deixe só. Sem nós. Estou em ti.

Leprosa metalla

Contei do petróleo no poema do órfão-azul, mas o disse antracito.
Contei da Crimeia nos manuscritos de dilúvio ao mar negro. Contei
da lepra dos metais, o ouro roubado que fende os cascos do homem.
Levito leviatã. E ainda me dizem alienado. Enquanto os caramujos
africanos exalam a meningite da cobiça humana, mergulho nas
farmacopeias, pensando em Omulu. Ao incinerar aquele que é
imagem e semelhança, lembra-te do enxofre de Paganini: os
excomungados nem sempre são culpados.

Lesionária

Entro na casa da moléstia, molusca amolecida, a alma liquefeita. Gárgula pingando, gota a gota, gatuna secreção. Mergulhados, os dedos em cesto inundado de papéis — seriam poemas, mas é livreto de muco — redação da senilidade material, rastro de lesma. Vai a porta do coração patinando em maremoto, à deriva continental de um quarto-torre, quarentena em cadafalso. Pulso plácido, estado penoso. O sol esmaece por dentro, noviço no novelo nebuloso do rosto. Por que a porta? Porque entrei na casa da moléstia pela abertura comum das residências. Fui pela ciência, abcesso em excesso, resquício das enfermarias que abrigam almas minúsculas, que não enxergam, mas brilham. Porque sou frágil em minha porosidade, gume a gume, globin de grimório, a deixar correr no corpo a viscosidade do universo, único algo (g)ótico a me derrotar. Pingo. Gripe. Grito mole. Adoeço para me curar? Secreto cápsulas de confusão no esqueleto da virose. Rememoro a física de outra espécie, a que entra em todas as casas que respiram. Não há como contaminar qualquer ser com estas palavras de purgatório. Antipiréticos provocam náuseas. Eis-me aqui, sem febre, na porta da casa da moléstia.

Liana

Carbonizar a prosa límbica nos nervos aquáticos de sete rios, e assistir a cinza dos plurais cremando o pulso fraco do céu. Até que o cenário desenrole o dorso de uma anaconda no centro respiratório. Varanasi boreal, rama oscilatória. Mergulhar na placenta da visão, em retorno enigmático. Depois levantar das águas os olhos — apenas os olhos — deixando o corpo escamado na pia batismal da terra. Circular as vértebras no líquido amniótico: balé de escamas, cipó boiando no cálice crematório da floresta. Beber no retorno do ritual das matas. Alucinar a sede singular do barro, a mística da geomancia. Chover e secar sob sol até arder pela copa das árvores. Semear a alma das nuvens. Varanasi oscilatória, rama boreal.

Libélulas lupinas

Aponta o fascínio lunar e um lobo sai do humano. Inevitável. Mas não é a única alternativa para o instinto que nos devora e nos faz devorar. Há de se entender o sol pelas crateras e fissuras minguantes. Não é simples. Mas me repito, não é impossível. Libélulas lupinas são completamente viáveis, e também uivam, crescentes. Nunca acorrentarei nenhum de meus poemas à terra e nem tampouco à sociedade. A poesia tem uma única função na minha existência: ir para algum lugar onde nem eu mesma — corpo terreno, ser social, micróbio da atmosfera — possa me alcançar. Se a terra chafurdar nos fundilhos da letra, será como simples remendo mítico. Portanto, ali na figura da linha seta, a terra será etérea. Apenas um arco curvado na confusão cromática da aurora. A rocha tem cabeça de filósofo e se chama Pedro. O tigre disfarça a listra dos filhotes no berço de juncos. O quasar massacra diamantes no intestino das constelações. Mozart encanta gatos com a sinfonia lacrimosa. Satírico é o armagedom. E a hipertrofia dos sentidos é apenas do leitor.

Língua laica

Em epiceno, a carapaça. Por ínguas ígneas, a língua laica. Enrola a pele caprina do tambor com a pele da jiboia, para sintonizar as rodas da terra na hipnose aérea do décimo-segundo andar. O dia é de eclipse com sol virginiano e há a figura de um imperador emparedado na torre da papisa com falsa barba azul de faraó. Resgata o papel masculino ancestral enquanto orchestra o ritmo híbrido. O couro esticado reproduz o choro da caça e do caçador. Balindo, mulher mascarada, marca o passo no antro de suas silenciadas construções. Na percussão uterina ressoa a batida de um acorde-oxumaré, pipoca-omulu, sinal poderoso: a palha no rosto, o guizo do milho no estouro. Ovula, fertiliza-se, e encanta a grande serpente que dorme na palavra imperatriz, amplificada. O som atravessa paredes, areias, arcanos e cascas.

Língua límbica

Pavônia, selada e carimbada. Incandesce Mantisia, gêmea acromântica, no ponto flutuante dos dígitos da dedaleira. Que a pólvora seja a purpurina na pluma aritmética das hipálages. E assim será. Costurando escorpiões com a roca da retina de anúbis. Forjando rochas e galerias de gárgulas cristalinas. Sóror sonora, mão eólica. Cinco falanges náuticas em chordata névoa. Cinco irmãs de caridade no alvo herege das pedras rolantes. E o corpo pentagrama no centro da prece de um sistema solar, artífice. Com cinco aeons o pleroma revela o que o neônio esconde. Que a língua límbica leia o tato tilacino de todos os olfatos, fitando todos os filios como se famintos filios.

Louva-deus

Ao fitar o trágico enredo de minha náusea, entendo o filme de minha comédia mórbida. É no instante tísico em que o sorriso e a lágrima se perturbam, como na dupla máscara de teatro, que mastigo ou vomito meu deus: o homem estirado na cruz, com pés de holofote, pingando seu espectro de palhaço no caminho árido. Sua carne paródia é ferida exposta para meu martelo de feiticeira. Eu o julgo e o prendo, como um inseto seco em estojo de colecionador. Depois de o pensar pagão no centro de um ritual em florestas magnéticas. Onde há repulsa, há de se obter a transfiguração. “Não haja mortalhas entre nós”.

Louva-verbo

A louva-verbo no embrião da linguagem. Um caramujo, um musaranho, muralha ruída na família tipográfica da soricomorpha. Qualquer escaramuça letrada. Um verso com escorbuto na mandíbula da mantis, em pose circense para o palco sem substantivos econômicos. Algumas luzes estratosféricas na laqueadura dos advérbios mais abjetos. Nenhuma objeção, nenhum adversário. Nem o marfim agonizando no lábio leporino da savana, nem a fisionomia apática das amebas. Dizem que a revolução é coloquial, para angariar resultados sociais eficientes. Não acredito. A democracia é apenas utópica distração, cheia de palavras disfarçadas em urnas. Entre eleições e eloquentes promessas, voto nos sarcófagos suturados.

Luiza

Ainda me chamo pangeia. Fermento o ectoplasma randômico no fogão a lenha. Para que o trigo avance pela chaminé e alimente os pássaros com o sonho totêmico das árvores genealógicas. Até que no corpo nutrido da ave, a onomatopeia de um mito, pandêmico e intacto, suplante o grasnido dos aviões.

Lúcifer no céu, com diamantes

Ave, dia do meu século virtuoso, suspende-nos em tua arcada cortês. Teu bruxismo maniqueísta mastiga o pão ruminante que é minha alma contemporânea. Caricato, tagarela, irisado. Feldspato, feldspato. Teus olhos imperiais desmatam minha aldeia. Os selvagens de minha noite cobrem o sexo com folhas surradas de papel-moeda. Múmias, teus antepassados.

Eis-me, sobretudo, em ti. És um senhor aerodinâmico, com casaco verde pasto e caninos rastreadores de lebres. Repetindo o tempo todo: quantas horas ainda têm?

Feito torrão-de-açúcar, vejo as pineais apressadamente mergulhadas no líquido negro de tuas manhãs mazelas. Ave, teu café, o evangelho venenoso para o sonho profundo. Depois, a assepsia e o espelho, varal de naipes, para a correta vestimenta. Pintamos a cara e negando a origem primitiva, desfilamos, rústicos, pelas avenidas. As vitrines nos ditam como estaremos salvos. A fome de uma vida inteira no ritual matinal, padecendo o jejum dos catequistas. Sobra a cabeça de um deus intoxicado pelas bandejas ofertadas.

Sou-te Salomé com bandagens frias em tua febre decepada.

Ave, dia do juízo final, tu nos tira a fórceps o pijama dos fetos notívagos. E vamos pingando pela rua, cabides vazios em bizarros gabinetes. Decibéis, andróides, tabloides. Homem objeto de hospitais e prisões, criatura bomba. Basta uma dose morna de leite, e adocicado retorna ao berço. Manso, manso cadavérico.

Antes de ti, bem-vestido dia, os monstros eram puros como as bestas livres nas florestas, sem especiarias importadas. Eram contos de benzedeiras, sem versículos de correntes.

Haverá mesmo a vida ultra uterina, fora teu marca-passo?

Ilumina-te, meteorito.

O apocalipse é agora.

Madrasta mandrágora

A causa das lesões que induzo em minhas personagens ficcionais é a constante presença do órfão azul entre elas. Celeste e necrosado. Tento despertá-lo com a luz centralizada do holofote psíquico. Tento reproduzi-lo, mártir de beatas, como ditam os zodíacos. Prefiro desta forma. Ele tem o perfume do álcool de cereais e quando se doa em autocombustão produz uma chama maníaca sobre geleiras. Embriagado de orfandade solar. Meu coração real tem um pai e uma mãe, portanto meus passos físicos sempre apontaram para uma estrela de norte possível, embora cambaleante, já que os deixei para seguir meus próprios caminhos. Mas meu órfão azul, antracito, foi abandonado pelo cosmos, expulso de todo paraíso, caído e usurpado. Menina gritando o eco de um poço. Menino calado na neblina de um sótão. Andrógino rebelde das chaves perdidas. Núcleo mágico. Minhas palavras-orações são partículas eletrificadas ao redor de sua aura-carapaça. Gravitam seu corpo-orfanato. Assim me embalo, imaginário. Até que nossos corações não pesem mais que uma pena de tinteiro, e se encontrem no lar de papel, seguro e volátil.

Magnólias & Myosotis

Magnólias & Myosotis antimelancolias na melanina, e no miocárdio nèon-simbolista. Uma notícia de capa preta me balança centrada no circo hormonal. Vai estrogênio, volta estrogênio. E eu, feito negro pássaro, simulo voos andrógenos ao meio, para que as musas impassíveis animem as tábuas ouijas (mesmo que digitais). Afogando Netuno na casa um de sua própria água placentária, para que o mesmo se enrole em sua própria cauda (e calda) e se fixe na casa 12, como uma lápide fria que apenas indica o esquife comemorativo de uma celebridade animada em seu singelo (porém tranquilo) anonimato.

Manuscritos da cadeira elétrica

Prosaico photomaniaco, sabia exatamente o tracejado dos pontos de luz solar a cada estação. Anotava o toque helioso pelos móveis, até traçar seu stonehenge pela casa. Entendia que quando o raio belicoso fosse como uma seta apontando o toca-discos, frutos de sumo doce deveriam ser dispostos sobre a santa ceia de quatro pernas, como a cornucópia das pinturas renascentistas. E nem as rendas da janela se fechariam para os insetos de astúcia eólica, aqueles com olhos de fogo crematório. Era muito alta aquela torre, fermentada até brotar como um cruzeiro de braços abertos para acomodar o corpo de um ícaro qualquer, um avião de donnie darko ou um asteroide decepado na placa do parque dos dinossauros. Quando este ou aqueles caíam de ideais, já que não eram seres de pessoas, a cruz os aninhava como um sagrado coração na vestimenta dos santos. Assim via o edifício, um aparador de carnes celestes rebeldes. E tinha a música roendo as pedras do observatório astronômico, levantando os véus do minúsculo sofá. Os gatos nunca se importavam com o dia do cão, só seguiam a manada dos raios purificadores, que miavam como eles. Sírius e síria eram distantes como a casa das máquinas, e inofensivos como o cérbero do livro, fechado há meses. O sol cantava um nilo sobre a radiola e três pirâmides se alinhavam na sacada, com o cinturão de órion no guarda-corpo. Mas seria passageiro. A lua, com aquela cara deformada, passeando enlouquecida pelo cabideiro de tesouras e facas, não o deixava esquecer que as moiras são aranhas prateadas e também choram quando cortam cebolas. Analista de astros, do seu trono ardia impérios e asfaltos caluniosos. Calígula? Não. Lancelot com ascendente escorpião.

Manuscritos do dilúvio ao mar negro

Original? Jamais esta palavra cadavérica ostentaria meu brasão.

Escrevo apenas um pecado geológico assustando a timbraria na assinatura que escapa da ostentação das nomenclaturas. Sim, a uma cratera de címbalos no adjetivo da corça cederia o eu oblongo, como um lençol de água obediente — o cílio correndo de vento sem a contaminação das cores. Nem igitur, nem ignição.

Percebes? A meia-noite é uma cópia obscena do helesponto. Lembra-te que no mar desta falésia deitada pelo ciclone, dorme uma moça descuidada, com cabelos de lã tingida — pura mitologia. Dizem que o abalone refaz seus dias de carneiro montanhês. Prefiro os sátiros rolando de rir pelo capim, a pata de bode.

Bruxaria? Jamais esta palavra corpulenta assoviaria a lua que regurgito, marinha até não mais naufragar. Mas se quiser, contaria a gênese do sobressalto. Posso enfim dizer, sem originalidade, já que os mapas são assombrações vertiginosas da memória aquática. Não há mistério, nem hermetismo, apesar das clavículas suspensas no jardim dos ossos (flutuantes).

Respira (com o diafragma nos cnidários): há o cão mastigando um coração triplo de polvo na metamorfose de narciso (no canto inferior direito). Seu esqueleto de formiga na costela deteriorada do Cérbero expande como uma pústula — tão evidente como um edema irreversível.

Se não vês, não me tome pelo plágio obscuro dos pincéis cerrados sob tua pestana de centopeia densa — catalepsia de salamandra.

Podes conceder-me o oriente de tuas percepções? Ficaria gratificada.

O absoluto é extenso como um fêmur de dragão dopado na corrida espacial. Sejamos interlocutores destes panfletos animados.

A copista de fósseis imaginários também agradece.

Quando chover, pensa na genética das arcas e suas amplas galerias. Estarei pensando em ti como uma xerox de maremoto.

Mare crisiium

O animal farejador encontra dez mil metrópoles no celibato cinza da ribalta. Recebe o flerte incorpóreo das tectônicas em comunhão no tato pernalta. Intui um oceano de afar na aguda depressão salgada. Vulcânicos, ativos, os cornos trespassam a inércia azul hematoma das larvas. Eritreio faro aristocrata, corre plúmbeo, naja. O animal farejador avança pela nuvem piroclástica das vagas. Seu drama flamingo infiltra-se em minha natureza humana como alga. Na agonia trilobita dos lagos de malta. Onde tudo mais falha, o animal farejador exalta. Locus, léxico, leptis magna.

Maria do caixão

Preciso muito escrever um POEma. Mas me fixo nas unhas dos pés. Estão longas. Crescem como a intenção imagética do olimpo — andinas, andantes, andróides & ansiolíticas. Não acho o cortador de unhas. As palavras desvirtuam-se como as hemácias em altas altitudes. Cortam-se. Alteram-se. E não sai uma linha decente. Definho-me. O poema adulterado de quitinas não risca nem uma quelícera. Crise poética. Crise colágena. Os hormônios gritam em Caps Lock: MARIA DO CAIXÃO.

Marselha

Foi belo e doloroso focalizar a atmosfera do quarto vazio. Mas algo extraordinário e fora do contexto da ausência insistia em cristalizar-se na aura transparente do lugar. Não era um jogo óptico do corpo da luz quando trespassado pela água que vertia entre os cílios. As lágrimas estavam secas e a face estava riscada por filetes minúsculos de sal, tão particulares ao pranto concluído e ao rastro dos caracóis quando iluminados pelo sol. Tratava-se da união da água e da luz interna, ambas despertas com toda fúria e lentidão das descobertas presentes nos dias de fevereiro, o mês febril. E a visão ilusionista era um conjunto de pétalas sobrevoando aleatoriamente o espaço recentemente desocupado. Pareciam asas amarelas ressequidas de girassol. De onde viriam? Decidira esvaziar o canto sagrado para que a música das catedrais soasse pura e sem choques com partículas de qualquer natureza que não fossem corpúsculos ou ondas luminosas. Puro quantum de hálito angelical. As pétalas destoavam da paz imaculada, que imaginava acompanhar a morte limpa a que tinha se permitido. A morte fora muito limpa. Era o mínimo que podia ter feito por si própria. Havia cansado das pequenas mortes macias que lhe ofertavam. Deixavam-na coberta de cortes superficiais e agonizava com a expectativa do golpe fatídico, que nunca surgia, sempre encoberto pela piedade do não-te-magoarei-*assim-tão-derradeiramente*.

Fora a segunda grande morte. Dois grandes fevereiros. Duas grandes febres. Dois poderosos naipes. A espada tripla e o quadrado dourado. Três de espadas e quatro de ouros. O primeiro arcano, não tolerava sua alma e cuidava de seu corpo com doação fraternal. Alimentava suas células físicas carinhosamente e interpretava suas vertigens metafísicas como anomalias que logo esmoreceriam. O segundo arcano, o mais amado, reagia à sua materialidade com o rigor dos ascetas, como se sua realidade fosse um receptáculo profano a que se deve submeter o jejum ritualístico, para que o espírito resplandecesse, deixando o átomo relegado ao translúcido dos ideais intocáveis.

Os arcanos eram perfeitamente adaptáveis à sua confusão de casulo. Tornavam a seda protetora mais resistente a qualquer predador externo. E assim, ela os mantinha impiedosamente atados ao seu corpo e a sua alma. Escudos, fabulosos, adorados. Dissociáveis, com a duplicidade mantenedora da sanidade. Pois a sanidade se consegue quando os limites entre o sonho e a realidade são bem

distintos. Pelo menos era assim o pensamento norteador de sua conduta mais aceitável. Para aceitar as pequenas mortes, para caminhar pelo dia com a máscara solar dos corretos, para sondar a noite com os olhos vendados de luar. Para silenciar sua própria covardia universal.

Ao primeiro arcano devotava seus silêncios benfazejos, sendo a aprendiz paciente de seus relógios incontáveis, sua sapiência racional, sua tranquilidade pacificadora.

Ao segundo arcano dedicava sua eloquência margeada de fantasias. Talvez, com ele, tenha sido mais sincera, pois aprendera muito cedo, que seu coração só se manifestava com a palavra.

Os arcanos cultivaram seu corpo e sua alma. E quando ambos cresceram como duas gigantescas fortalezas no nada da aridez, nada mais restava que não fosse o vento uivando sonatas entre as duas paisagens.

Decidira a unificação.

Agora, que viesse a terceira lâmina. Não a usaria para o suicídio desesperado, mas necessário. Romperia de fio a fio a mortalha sedosa de sua casca. Brotaria alma e corpo com o voo das possibilidades. Com o sonho nas plantas dos pés verdadeiros. Porque ao terceiro arcano só se doaria se lhe aceitasse o real e o imaginário.

Massa-onça

Essa é uma noite que não tem pressa (tão longe daquela que vai entupindo os tímpanos). Névoa púrpura espessa, massa-onça, rastreando sorradeira a geometria da cidade. Vira cobra grande, serpente ancestral, expiro arquetípico. Malha de onça com escama de anaconda desluada. Já viu? Sei que a noite abre, a noite que não tem pressa, abre portais no vale dos poliedros. Pedras cantam saudade luminosa. Vieram também de lá, da luz longitudinal, seus minérios chorosos, saudosos do eco de tambor no endométrio descamado da montanha.

Mata-borrão, minotaura

Olé, olé, dita a letra-enxofre no tablado do papel-pivô. Pivete vapor na tirania do plano cartográfico de um rigor mortis. Rebanho de palavra-lenço tentando dez touros, os dedos acesos em fúria vulcânica, extraíndo da cinza-mente a tensão defensiva do poema. Que venha córsego este auripigmento, para que entendam a apoteose dos damascos no tóxico autorretrato de auréola e cobra. Olé, olé, oleandra, que te percebam a flâmula flamejante, laranja flor resistindo ao arsênio letal da fumarola prosa. Que a aura ambarina de toda linha sinuosa encontre o cerne cardíaco, carnívoro & roxo, mesmo que tauromaquiada pela sucessão lírica dos coágulos umbrais.

Medusa lupina

Move-se esta senhora, canina, pelas labaredas de meu hábito sambenito. Parece que voa, distante de mim. Mas sei que não me faltará.

São penitentes os fogos do corpo. É sagrado o coração, marcado por cruz vermelha. A penugem ensanguentada no peito do pássaro opulento.

As avenidas são florestas. Não me enganam. Abaixo do asfalto, o barulho dos caracóis. São dela e dizem: labirinto, aurora boreal. Marionete, a ouço.

Tem outra que me conta da senhora. Tem meia-idade e olhos de lamparina recém-apagada. Enquanto alinha, pela milésima vez, a fileira de borboletas em sua coleção, me diz. Diz que a senhora, estagnada, talvez me volte toda rutilada ou nodosa. Cheia de leopHardos, por dentro e por fora, succulenta entre miados. Diz que apesar dos felinos atos, arrasta três cães vigilantes: dois ao lado da boca e um na testa. Hipocampos.

Mentalizo o cão de três cabeças na porta do inferno mitológico. Intuo sua face una sulcada pelo combustível fóssil. Uma lepidóptera no alfinete do tempo.

Não, ela não será assim, porque não fui, defendo. Reguei tudo que era delicado sob a sombra, como Agda. Com os dedos podando a ferida dos cactos. Eu cuidei do amor, ao menos uma vez. E quando copulei nas encruzilhadas foi com a fé de uma beata silenciosa. No terreiro fui outra, mas esta nunca voltará. Sei disto pela boca dos antros.

Disseram que a velhice não suporta o giro pelos ossos martirizados. Ao som de inúteis martelos não há como ser singelo. Girando seria a outra. Sonho de exu e beberagem de guru afeminado. Um asterismo de escorpionídea pelas axilas. Morrendo de cócegas. Cósmicas.

Menarca monarca

Falência intermitente. Falésia aquilina. Falópia avarenta. Adjetiva, oscilo pêndulo, analisando a fadiga das lunações. Os braços, um promontório com muralhas naturais, envolvendo trêmulo invólucro, tentando poupar o calor da terra ancestral. Dreno na enchente, crosta e casca, despencando pântano na plumagem da serena bacia d'água. E em ciclo cínico, de rosa e vento, sussurro ao tímpano cardeal do relevo: vermelho e casto — *Ad purpuratorum patrum* — sou também um velho acidente geográfico onde definha a rocha no deslizamento do mar.

Meu rosto

Asperge no espaço vultos em covas, ventres nos cubículos. Entraves nos relicários, as ventosas de teus dedos espículos. Trevas o que suga, cuspiendo luminosos vermífugos. Nas veias, nas rugas, o néctar de elixires melífluos. Corta no ar meu movimento, como quem esquarteja víveres. Dentro dos meus dizeres vicejam teus filamentos, afiadas antíteses. Tuas mãos de fibras sanguíneas enlaçam meus dígitos. Dentro da vênula pacífica, tuas sementes de dardos assassinos me plantam mortíferos filtros. Beira uma estrofe de viva cal, silenciada por leitor maldito. Teu esporo é astro, isca. Perambula na pineal teu pênsil perispírito. Para o pólen suspenso no umbral, oscilo contigo, entre a ceifeira e a sabeísta. Olheira tão falsa, tão roxa, boca de tingida cortiça. Invoco tua flor leprosa, reproduzo a violeta tísica.

Meus monstros

Amo meus monstros. Cuido para não ficarem famintos, carentes ou em posições desconfortáveis durante períodos muito longos. Sentiria a mesma fome ou dor. Em dias de exímia autoanálise ou rigor hormonal os deixo dentro do armário de aquarelas abandonadas, de ponta-cabeça, amarrados pelos pés. Nesses dias uso fones de ouvido e ouço cumbia colombiana ou dark house. Se mesmo assim os ouço choramingando, deixo as janelas escancaradas, saio de casa sabendo que a chuva e o vento farão um barulho ensurdecedor, que é cantiga de ninar para as criaturas, e passeio pelo calçadão cheio de lojas de bijuterias baratas e sujeiras de gritos de carnaval, sempre falidos pela temperatura aquosa da cidade. Se encontro serpentinas ou máscaras brilhantes nas vitrines, ou nas calçadas de pedras soltas, me penalizo pelos monstros e volto correndo para o lar. Enxugo os respingos da tempestade, faço chá de boldo e escrevo poemas para eles. Também deixo que os gatos os arranhem com suas patas almofadadas. Eles me perdoam, ou fingem. Agradecem o período educador de esperançoso samadhi e me mostram dóceis seus dentes domesticados de purpurina. Pacificada pela empatia monstruosa, prometo que os levarei ao trabalho e aos encontros culturais. Mas aviso: sem um pio, senão não tem presente de halloween. Amo meus monstros. Eles são livres quando lhes imponho limites existenciais. Se os deixasse sempre soltos e sem regras de condutas sociais, seriam muito eu: glitter antiecológico.

Mirante, magritte

Meu grito não ostenta som qualquer quando homens sem asas inventam aparatos para o movimento excêntrico de sua existência. Cavalos, bicicletas, redes. Eu, replicante petit poá na pátina perfurada da mata, tenho sapatos gastos que só me fazem escorregar na pele lisa do planeta. Quando os levito, suspensório de floresta, circula-me uma linfa celeste, que sei não me pertencer. Deixo pegadas perseguindo pontes em poesias de passeatas. E lá, em algum silêncio bruto de sílabas universais, alguma alma errante lerá: arabesco fragilizado, rasante de corpo instantâneo na ordem do caos.

Moira de sedas raras

Digerindo hologramas pela clepsidra das bibliotecas. O metabolismo na curva carcomida do hábito, traças na saia autópsia da floresta. Disfarçada flor radioativa, tracejando pétalas pelas veias da celulose. Caem ovos do leque: lágrimas de asas claras. O abdômen da montanha afunda a nuvem de gafanhotos, no ápice da delicadeza. Na cópula dos astros, a mãe engole o que o universo vomitou. Moira de sedas raras. Os filhos a cobrem com o manto de um deus morto. A íris de minerva soma aleluias, libélulas e azaleias, barata trilha na tontura das térmitas, até fitar o fermento nos olhos do parasita divino.

Moira mínima

Acham que apenas tricoto enquanto assisto os debates políticos? Sim. Minhas agulhas são longas e finas como as pernas de uma viúva-negra. Citoyennes tricoteuses. Enquanto as sessões se desenrolam nos salões de pisos decorados, deslizo minhas meias de lã pelo teto, onde os luzeiros pendem como frutas encardidas. Permaneço silenciosa, pois dialogo no cio do ano 1793, com a premonição da guilhotina no rastro de minha palavra seca. Os pés estão aquecidos, preparados para a hereditariedade dos solos e das geladas minas de gemas orgânicas. Sei que dirão em bordéis e laboratórios toda trama que escondo na planta do corpo. Dentro de redomas e lanternas, a cria de barro que pensam me dominar, como uma lâmpada de gênio domado, passeia a língua felina pelos buracos e protuberâncias do século iluminado. A idade das trevas amplia o paladar, divorciando o homúnculo da mansa escravidão. Serão resgatados meus naufrágios têxteis articulados, com iscas de cabeças boiando no mar revoltado dos navios negreiros. Há um oceano bordado de crânios no cuspe projetado de minhas pontas finas de cientista. Dedos de seringa forjando preliminares sensuais. Pensam que sou afeita ao prazer, criada para aquecer e ninar e contentar-me com a cadeira de balanço de uma avó, domesticada por álbuns de fotografias amareladas, sem a certidão dos natimortos. Mas sondo o trono de uma papisa presa no baralho de um hermafrodita medieval, com a imponência ameaçadora do eletrochoque. Tenho o modelo de um hábito escarlate em meu croqui de estilista. Ela o vestirá, como se veste uma tempestade elétrica. Acham que apenas tricoto enquanto assisto os debates políticos? Sim. Quando entortam os cotovelos, meus ossos escrevem o desfecho das cruzadas sobre o esterno protetor. Minha câmara mortuária está repleta de ressurreições galvanizadas. Ponto cruz, ponto cardeal, patchwork de ebulição. Ponto.

Moirá mórula

Não adiantou a tentativa servil do destino em esconder a agulha da roca encantada, sugerindo a fábula como se castigo. Não atrasou a libertadora ruptura na rebentação da cerzidura cardíaca, nativa noturna que é e sempre será. Estalaram-se os dedos e suas falanges de odisseias reinventadas em estaleiros atracados, em naves carregadas de especiarias selvagens, e manusearam sem medo as nascentes e as marés celestes. Seus braços abertos na saudação das águas, lágrimas e miasmas de astros solares ou sombrios, reproduziram a pose de oração do mantis, a quelícera do aracnídeo e o pedido geométrico do vitruviano, tocando o céu e o inferno com a mesma percussão. Tesouras de si, em mímica de atropos, suas frases interromperam clotos e lakesis, sussurrando para suas gêmeas percepções: eu corto teu fio da vida para que a morte não te encontre atrofiada pela saliva anestesiada dos séculos. Eu corto teu longo cabelo cansado de estéticas obrigatórias. Eu corto tuas unhas de cutículas mutiladas por máscaras tóxicas. Eu corto teu falo plagiador na teia do endométrio. Eu corto tua língua agressiva na defesa dos frágeis novelos. Não precisará de fio nenhum que ate as tuas passeatas a qualquer conduta tão opressiva quanto a do opressor. Eu corto teu fio que paralisa a roda da fortuna, para que as estações de tuas emoções se desenvolvam puras como o indumentário do calendário pagão. Eu te corto para que te fie e te sonhe e te crie como criatura e criador, em cúpula e cópula, na música e no mito da menstruação do narrador.

Morcega

O que faço no universo além de ostentar, em fado e medo, os imensos olhos do morcego? Nada. E esse é o meu poderoso enredo.

Mudra

Entra setembro: este imenso quadro negro. E nem se sabe de qual equinócio a lua cara dos luminosos vai jorrar seu cio de lantejoulas. Que se preconizem a isquemia de raios nesta ausência de cor, ou excesso. É da vanguarda plástica de uma concha o estratagema em que mergulhas os dentes, com tímpanos em exaltações. Pensas que sereias cantam sobre as rochas? Engodo de escamas! Murex no reflexo oleoso, um fardo de luz que assume o olho da estrada. Se não percebes os folgedos inaudíveis pela sonoplastia que trinca a leitura disforme, nem as melusinas te pertencerão, em escárnio e interrogação. Indicar-te-ia um lamento azul, mas te seria álibi imunodeficiente. Um ofuscamento de delírios é tudo que não se pode torturar. Pergunta aos pássaros que bebem a chuva, por estreitos poleiros. São peixes. E grotescos.

Mulher-águia

Regressar ao útero terreno. Absolver as metamorfoses descartadas. Dar à sombra o naipe da medusa, da sereia e da fêmea — feitas rés pela fatalidade dos baralhos rasos, equivocados pela lança régia das esfomeadas dinastias. Meu reino por um cavalo marinho. Meu cetro por uma pena de harpia. Meu corpo, dito monstruoso, refeito gênese sagrada no feitiço da luz. Escama, fio e sangue: imaculados. Renascer a esfinge abortada, imune às traduções do desespero. Meu seio na cópula do ocaso magnético. Meu sexo no zênite das cúpulas vegetais. Minha letra, o cinto mágico na castidade das constelações.

Mundana

Spica, estrela-trator. Sulca a pele das noites e a face nova dos filhos terrestres.

Pelas rugas notará quem adormece, conscientemente saciado, após o árduo trabalho concluído.

A binária coroa seus genes espalhados com a tatuagem das romarias.

Sou um campo aberto para seus dentes estelares, suas pinças. Sou seu tegumento, sua aquarela, seu sudário.

Enquanto Arcturus me lança ao cosmos de ninguém, agressivamente magnético, as espigas douram os campos com suas cabeleiras radiofônicas.

Não há trabalho sem força.

Não há execução sem o coração ressonante do escorpião.

Existe o leão e a mão sobre seu rugido plástico.

A mobilidade das colheitas não cresce entre docilidades doentias.

A placenta deve atirar-se ao oposto do cordão prateado, do nó dos mundos. Para que o rosto de um espaço ocupe o tempo que lhe cabe.

Os mapas são rebentos. Todo corpo nascido é uma heresia militar — forte — avante!

Não há continência para a miséria de não crescer, até dizer: o estado sou eu.

É dócil e sadia a afirmação aos mumificadores.

O apego piramidal é um flerte precioso.

Mas a duna sabe mais, ela migra sobre as tempestades com seus espinhos eólicos até que surja o monopólio de sua fartura cristalina sobre o túmulo dos nomes.

Música sobre abismo

Ainda consigo olhar sem repulsa para estas faces do paraíso. O sentido do terrível sempre antecede a percepção da beleza surpreendente. Uma pureza difícil de soletrar. Elas sempre vieram com vozes assustadoras, desde a época da intuição prematura. Como uma trilha sonora fantástica. Audíeis o tempo todo. Terríveis, terríveis. Nunca me enganaram. E dentro de outras vozes eu as posso sentir. Dentro de sua voz, eu as posso sentir. Por mais que as oculte em sua extrema docilidade conquistada. Um terreno que repudia meus passos terríveis, os mais puros. Seu paraíso me expulsa.

Nácar

O sono nunca restaura. Nem o perceptível. Coexistem linhas invisíveis preparadas na minúcia do descuido. Algo lembra uma erva encarnada em jardim sem poda, sempre à tona, sombreada. Um insulto é assim, uma declaração também. Antes de soltarem os respingos lúcidos, pintava-se como a folha do bálsamo sugando o sol. Como se sugam as horas e os ponteiros anticorpos na calmaria. A paz nunca restaura, nem o que vacila. Os selos alquímicos pulsam mais que o rio vermelho das claraboias. A mão vacila pelo fogo: nem bem se aniquila o dia com um punhado de alcatrão, busca-se outra dose menos nociva que a morfina, mas dotada de uma estranha capacidade de insaciedade. Na honestidade do vocábulo, nem pássaro, nem órbita. Isto repugna. Agora. Outra tatuagem, talvez? A pirografia como um rito de beatitude para com o interior. Gritando para si o aceiteamento daquela ideia mais absurda: ritualizar, exteriorizar. Toda escrita na carne resume-se a adormecer com o antigo colar de madrepérolas abaixo da almofada desgastada de noites que se apagam em unísono, com a chama do perdoável vício. Sempre o vento gelado orquestrando sinfonias nas persianas de madeira. E dizer que a perdição veio com o claustro inventado. Acreditaria mais uma vez se dissesse com palavras aceitáveis, fluídicas. Cada vez que o nega, mais forte fica, e fortifica-se da abdicação com que o cerca. Não poderá escondê-lo por mais tempo. Lembra? A erva encarnada em pequenas partículas de poeira lunar, a ferida lunar, o canto maremoto, contas entre algas. Sem poda. Indissolúvel. Tu sabes dos bloqueios, das fatais erupções. Exteriorize a pérola que sonda arcaica. O que nos salva é aquela única voz planctônica. Volta. Preciso voltar. Exteriorizar.

Napoleônica

E se deus falasse diretamente a você, e nunca ouvisse? E se ele já falou aos teus tímpanos de acordes e dormiste ao som dos vocábulos mais acidentais? O cosmos nos lança o palco. Atuamos conforme a pressão do cuspe de magma sob os calcanhares. Uns dançam, uns voam, outros fogem. Não importa quem escreveu a peça. Os holofotes sempre desvendam as sombras (instantâneos da caixa de mensagens — várias vozes). A viscosidade do universo me derrota. Napoleônica, quero guerrear. Sem nuvens, o nefelibata agoniza no sumo claro dos dias lúcidos. O celeste escorre pelo vento nas fibras de uma falsa oca. Planos de defesa são mapas carcomidos pelas traças de livros. Os livros mais perigosos, de altas e confusas biografias. E se invocasse um faraó egípcio? Seria a mesma tirania. Nem papisa joana me salva da visita mensal. Sem fumaça não há diálogo.

Nas águas marciais

Estar-se cais, murmúrio alga, azul entre-dentes. Caravela cnidária urtiga: a laringe. Botes e chacras ardem do ponto cerne, tangenciando vogal e articulação, agora submersas. Embarcação que mira, a partida de outros lemes. Âncora, a pálpebra. Cada sulco na linha d'água viaja para bem distante a rota de especiarias, para as quais nada foi dito. Cerrar os olhos, com o cântico fúnebre destas neblinas, destas dunas. É leve e doce, pela defesa construída de diques, onde o som selvagem é interiorizado. Os dias e as noites mapeados de sumidouros e máscaras de ar. A alegria não parecia esta atmosfera, mas ousa arrebentar, lâmina de maremoto: entre-naus, sempre água-viva. A sina dos eternos bem-aventurados. Não estremecer quando os naufragos vierem à tona, sem cor e sem sopro. Existem as ilhas, os glaciares, os fiordes. E por acordo secreto, nos genes do grande rio: os corsários e os afogados. Quanto ao mar de dentro: navegante silencioso, e atento. Muralha móvel. Empunhar velas, içadas de qualquer matéria: parafina, seda, tempestade e pranto. Não dizer e ainda assim: singrar.

Naturalista

E os pés azuis dos atobás valsam sobre as penas inúteis das aves costeiras e dos besouros de galápagos. Enquanto discursam, penso nas milhas para a ilha de Darwin. Escrevo, aguardo. Nem tédio, nem torvelinho. Apenas uma maníaca e suave intenção de encontrar pela letra a viagem de uma naturalista ao redor do mundo. Não esqueço o peixe morcego com nadadeiras que brilham para encantar algum predador e nem do peixe-lua que saboreia medusas. Fecho os olhos digitais e me deixo levar junto ao voo das aranhas na carona dos alísios. Vejo-me na costa de pedregulhos coberta por escalesias, primas do dente-de-leão. Uma minúscula balsa com restos de vegetação flutuante serviria. Ainda a encontraria? Poderia ser escrita. Leria com olhos de fito e zooplâncton, pelas correntes submarinas da lagoa vulcânica.

Necessaire de Pavônia

As filhas do sepulcro azul de André são pequenas deusas imantadas em minhas unhas colorizadas, no sono dos apartamentos térreos. Perto das nuvens cotovias, depois do 12° andar, elevo-me até seus ninhos, sendo-me flecha no algodão de seus ovários silenciosos. Anjos, moscas ou gaivotas, estas moças todas que um dia fui.

Numeral algum soletra a quantidade de vezes que citei seus nomes insubordinados. São pontos de crochê no líquen das árvores seculares.

Denderas, sultanas, famigeradas, meus corpúsculos de andorinhas crepusculares na casa do abismo. Gotejam na caverna efervescente do final do dia, quando a passeata do sol precisa descansar estalactites. Quitinas negras e cutículas violetas pelas manjedouras petrificadas.

Morcegos, cítaras ou lantejoulas, estas moças todas que a ti decantarei, com olhos de botão nos corpos dos selvagens surrealistas. Sou apenas uma taxidermista com ferramentas rústicas frente ao figurino do espelho hi-tech.

Primeira moça

É uma sineta na brasa do cigarro. Seus cornos de lua em escorpião furam o lençol vermelho. Distraída de cosmos, tomba pela microfibras dos pandemônios, com sua luva de raposa dérmica.

O plexo solar é uma rosa inflamada, sem estalagem que a repouse como um agapanto roxo pelos dormentes.

Eu a chamei como se invocasse uma borboleta ao contrário. Ela não cedeu pelas dodecafônias e sumiu pelas frestas abruptas de meu monólogo, com uma lacuna soluçante nos olhos de lagarta sutra.

Sua gargalhada histérica ecoa em minhas cicatrizes de agulhas. É minha tatuagem indiana, meu retalho assimétrico pregado na extremidade do esterno, aquele que me falta.

Segunda moça

É um exército de palafita na passarela escorregadia de minha bancada trabalhista.

Eu a colo, osso a osso, até a construção de um castelo de cartas com naipes de cubo mágico.

É toda geometria de lunetas pelas constelações entre pirâmides.

Seus nervos de eletroencefalografia estão esticados eternamente nos sigilosos códigos-morse da guerra fria.

Eu a sondei como se minha visão nublasse a correspondência desesperada entre militares. Mas não decifrei seu esqueleto delicado.

Era cera de museu sua carne coletiva, derretida pelas articulações. Massa de parafina amorfa no castiçal dos cruzeiros.

Era nódulo sul desnorteado. A coluna estendida entre a cabeça e a cauda do dragão. Era e será.

Terceira moça

Vespa na xícara do chá de ligeia. É circular o seu terço de contas doloridas em minha hora de descanso sobre a laringe das labaredas.

É a capelã que apaga a vela dos fiéis.

Em sua vértebra de vestal viúva, cantam os santos ocos com coração de pavio.

Cuida do dilúvio pelas catedrais, para que o fogo não atormente os pássaros da cúpula esquecida.

Se não lacrimasse sobre as preces voláteis, o incêndio inconsequente seria a eminência degoladora de sacerdotes eloquentes na tumba dos vitrais.

Tento alertá-la para que alimente as chamas e deixe de molestá-las com sua pureza de virgem lamuriosa: — Que se incinerem os institutos demonizados pelo cancro das missas automáticas!

Mas ela soluça netuniana e me diz: — A clemência de uma lágrima tem a força propulsora de um holocausto xamânico purificador. Não afaste de ti este cálice.

Quarta moça

É um estribo na pata ferida do camaleão. O tormento másculo no teatro verde das amazonas.

Galopa pela crina das aberrações florais. Passiflora, gota lenta de cascavel no guizo fraco de meus tornozelos.

— Deixa-me ir! Grito para seus tímpanos de víbora acorrentada.

Ela se enfurece pela fibra das forcas entre nogueiras medievais e me enlaça carbonífera, triturando-me na fissura de pangeia.

Sou sua trilobita, três vezes envenenada, na sala arqueológica insípida.

A moça quaternária nasceu após a partida abrupta dos dinossauros.

É uma erva espinhenta nos escombros de Londres depois da peste negra.

E enrosca. E cintila. E preenche a casa dos ermitões com sua feira de murano.

Quinta moça

Albina como a nata paradisíaca na irmandade incestuosa da neve, pois somos irmãs em claridade no amanhecer da calota polar.

Minha papoula macerada no cadinho da dor muscular pelas maratonas.

Beladona grafitada em herbário fustigado de cinza equinocial.

Ela esfrega as patas no escuro vulto dos predadores, despreendendo um pólen anestésico em meus dedos afundados pelas sementeiras coloquiais.

Mas não é um broto tenro no nevoeiro. Antes, um ramo de arabescos prateados trincando o gelo no cume da torre branca hospitalar.

Crianças de medula selvagem gostam de ouvir suas histórias sobre as sentinelas akáshicos, de um tempo onde o reino das águas claras era apenas um principado sem moedas.

Sexta moça

É um afluente do Rio Ebola, não contaminada pelo carbono 14. Lava as epidemias que ameaçam cavalos-marinhos. Era o que dizia quando passeávamos, atadas pelas tranças finas de nossas conversas sobre os pergaminhos lacrados nas garrafas de cabernets. Aprendíamos com o garoto mandarim a linguagem das meninas prematuras, aquelas que ditam salmos bélicos aos homens de boa placenta.

Juntas, éramos filhotes de águia, em círculo de nascituros, atentos ao futuro nômade das incubadoras. Pois devíamos ser milimetricamente ensaiados para o controle da temperatura corporal enquanto a mãe das nuvens natimortas nos envolvesse com seu rigor de evolução.

Esta moça me ensinou a persistência das gotículas. Era a temperança do tarô, distraíndo pavões com seus jarros equilibristas, sempre esvaziando ou transbordando a guerra santa.

— Para temperar a ganância dos aquedutos, era o que dizia.

Eu a seguia.

Sétima moça

Neste corpo, descanso, capitular. Pois a sétima criatura já foi descrita na página 38 do camafeu escarlata, com as garras desertas da cortesã do infinito transparente apontadas em esporão passeriforme para o alfabeto ornamentado das iluminuras (especificamente sobre as letras que não mais se maquam, como estas moças, covas todas que um dia serei).

ps: Poderia descrevê-las apenas como projeções da histeria hormonal ou em fuga de realidades com seus dramas cosméticos, batons e cápsulas, mas estaria sendo desonesta, com a vida e com a poesia da existência.

Nem Mata Hari, nem maragata
M^a Sidéria da Lapa, de Floriana Graça...

...Do meu quarto de moça vejo, cega, as vitrines do mundo. Também vejo o quarto dos moços e do avô. O meu quarto é o local de circulação central, por onde todos transitam. Não tenho privacidade. Não me importo. Eu escrevo e lá no caderno de quitutes, com suas grammas oníricas e aceitáveis, só entra quem meu desejo cozinha e aprova. Os temperos são inexistentes na horta da mãe e da avó. Meu espartilho me aperta e não me deixa caminhar livremente. Então escrevo, quando o cinturão está vazio e abandonado no baú. Eu caminho como um cisne. Mas é outro truque. Minhas asas são feitas de palha, altamente combustíveis. A pólvora está do outro lado da rua, no panteão dos heróis. O pavio costura o espartilho ou é mergulhado em óleo, nas pacíficas lamparinas que brilham como urzes e olhos de lontras, em noites de extrema lucidez e tédio.
(odeio cozinhar)

Neuromancer

O invisível-esquisito-psicodélico-antropomórfico para a compreensão de certos estágios corriqueiros. Não saem da linha de raciocínio, sugerem. A linha é torta, mas como pingentes, algumas emoções carreadoras de bem-estar, penduram-se. Tem certo ar de catedral, esta passagem até lá: o imaculado. Através das coisas visíveis procura-se seguir até este local. Elas se dissolvem e se misturam... sem que se perca a elipse individual que lhes satura de cinza e estrela. Embora não sejam articuladas as palavras para descrever este processo, percebo uma oxigenação de certos sentidos dormentes quando transmutam o pensamento em mais linhas.

Percebo a atração pelo branco e gesticulando mimeticamente, como os calígrafos sobre o grimório, quase se libertam as tensões da musculatura em uma representação meio tosca do segundo ínfimo de alguma iluminação. Entre a cinza e a estrela. Poderia ser o ponto de ebulição esta adjetivação, mas não. Pressões da atmosfera sobre a pele evitam que o limite dérmico se rompa definitivamente. E agradeço, num compreensível ato de egocentrismo, por esta contida e oposta força, capaz de conter o atômico rebelde em uma cápsula de pensamentos personalizados. Cinzas. E pó. Tédio vocálico, confortante incompreensão protetora. Não se vê a utilidade disto: deste proceder (in)voluntário, o de ir até o branco como se vai até uma procissão cansativa, mas milagrosa. Pois que a alma parece digerir o corpo, o núcleo fulminando o exterior, aquilo que prende e que conserva e que luta, luta, luta. Uma luta autômata.

Não se vê poesia aqui, embora gerido do êxtase poético. A sensação é coletiva. Senão não a teria. Impossível a originalidade ou condição especial. Sou também esta passagem ao branco e à procissão. As coisas misturam-se à minha matéria, mas não me fazem transparecer. O branco é fértil. Não atraem os pensamentos de suicídio, muito menos os depressivos. Há uma alegria constante, apesar deste embate. Diriam falta de pão, falta de amor, falta de deus. Mas eu canso de dizer que é o oposto.

Ir até o branco de outrem. Até o limite que impede a osmose sensorial. Até a página dos livros. Até a tela. Um cyborg construído pelo meio grotesco, tentando revitalizar o traje de um flâneur. Quem sabe o vislumbre fugidio do imenso e negro bloco pétreo, fetal, no negativo da película vital.

Não é perda de aura, querido Benjamim, é a própria reprodutibilidade da mesma. O holocausto virtual que corrompe as noções de tempo e espaço é o ensaio do que a constituição encefálica pode, sem a extensão de sua massa pelas ferramentas tecnológicas.

20XX: o ano em que faremos contato. Input/Output. Namastê.

Nix

Que Nix os acalente com seu tapete necromante, pois é preciso apagar e matar, no negror da sonolência, um milhão de dados fúteis, para que o cérebro perceba, descansado e na íntegra, o tremeluzente e mísero silex de uma estrela ou de uma nuvem. Nuvens e estrelas não são inofensivas e nem nunca serão. Exigem lentes especiais, filtros solares ou guarda-chuvas que costuram tetos portáteis sobre as cabeças. E que a artimanha nefelibata de cadáveres exóticos se enrodilhe em avalanche sobre as calotas cerebrais embrutecidas pela desatenção imagética.

No cílio das ampolas

Tenho uma torre de babel tatuada na testa. Não tenho culpa se não querem ver. Está aberta à visitação, 24 horas por dia e noite. Por muito tempo deixei que tentassem vê-la para que se abrisse como uma súplica de lótus, ao respeitoso labor de um mandato externo, para direcionar meus diálogos. Frustrrei-me de expectativas. Neste ano do Galo que diz Abraxás, permitirei o vocabulário espontâneo. Preciso ser egoísta, ao menos durante 365 dias de minha existência. Talvez meu ego não procure mais ofuscar minha sombra e toda narrativa sequencial de meus genes me diga, por entre espelhos ofertados: *gracias, baby* — agora somos apenas um no cerne do holograma. E ainda que quebrassem todos os espelhos que me refletem, existiriam as máscaras de infinitos brilhos. Diriam purpurina cênica. Mas é ciência, músculo frágil e hemácia agonizante. Brilham, como aquele velho demônio que todos conhecem, caindo e fazendo um risco de meteoros alucinados. Desconheço a razão do reflexo. Dependo de observadores. Vocês me fazem brilhar, chuva de diamantes, ocaso cintilante, aurora bórica, fósforo de zeus no cílio das ampolas.

No jardim dos fugitivos

Temos encontros escondidos. Secretos como o sistema nervoso das plumas-do-mar na orla da praia. Doloridos e pulsantes. Quando me adianto, o espero com a frase engatilhada nas mãos, se o dia é frio. Quando é calor, nos olhos o projétil líquido armazenado como o Mediterrâneo dentro dos pequenos cântaros de Pompeia. Achamos belo o filete liquefeito caindo das faces. A antiquíssima lágrima gotejando sobre a cinza dos mistérios soterrados pelas canções que nos recitamos. As máscaras se dissolvem, piscianas, sereias, mitológicas.

Por vezes me atraso dias, noites, madrugadas, séculos. Mas ele estará lá, impassível e com as sonatas girando ao redor de sua aura. Aguardo feito o silêncio da areia, refreio a temperatura, invento obstáculos temporais, para poder chegar mansamente e ver a fosforescência desprendida da sua meditação solitária sobre as coisas, sobre as folhas, as vagas, as fragatas, as aves imigrantes e as muralhas que trago nos bolsos. Uma só palavra e tudo se desfaz, se mescla, se explica como o caos do magma, incorruptível em sua dança mineral.

Na colheita de Lughnasadh ele me faz esperar, tingindo a pele clara no envoltório do sol imperial. Exércitos etíopes acordam do sangue e marcham pelos músculos. Fico onça, rapina, esvaindo a ira das monções no balé da melanina. Invoco a refrescância dos crepúsculos. Quando ele chega, quando ele chaga, quando ele queima, quando mais me dói. E já não sei se foi o sol ou a demência que sua demora cristaliza em minha travessia.

E já não lembro e já não preciso rastrear.

Quando ele chega, sonolento, sepultando-me entre nuvens.

Quando ele chega. O vento.

Noite espia

Noite espia, feriado fechando feridas. A alma selvagem se abre, petúnia aveludada, boca de antro. Espigam-se as estrelas, confundindo a seda celeste com a pele mortífera do pulso floral. Mergulham, anãs imantadas. A alma pacifica-se pelo cárcere do brilho de mil corpos celestes — as mil e uma noites completas na histeria da sombra. Rompe-se o umbigo da atmosfera, em fios desencapados e acordes de purpurina. Um sol amputado ensaia a acrobacia de confete debaixo das pradarias. Bichos pastam a indecisão do calor e da cor, assombrando estábulos ainda sonâmbulos. Quando raiar a manhã nublada, o burburinho de uma chuva sonolenta acordará o orvalho escurecido. Deitaremos sobre a almofada das pedras antigas, decoradas pela história dos séculos, sem entender como astros e santidades giram ao redor de nossos organismos biodegradáveis.

Notívago norte

Nave lúcida, nave náutica. Serei nauseica neste vale de nuvens níqueladas. Pois minha nítida nárnia nebulosa sonda os navios narcóticos de nuances que nos nivelam ao never more! Nanosferas nórdicas, ou de nêmesis, nocauteiem o nosso nunca nidificar nas necrofagias nativas de nosferatus neandertais! Nas núpcias de nadas, que possamos nascer numéricos em netunianos núcleos! Napoleônico me negocio, nudista sob nogueiras noturnas. Eis-me néon necrosando novelas nutrientes. Nivelado como um nimbus noturno sobre os noticiários: creio-me nômade, noutrolugar.

(n)ossos, os equinócios

Eu ouço o retorno. Eu me volto. Para que nos encontremos, que tu sejas o sol e que o caminho seja fausto. Podem existir outras trajetórias, se preferir. Mas o imaculado, invictus, reside no aparente diadema que abarca o mundo visível e o concretiza no centro da grande cruz, margeado pelas estrelas reais. Ao amanhecer, que o fogo seja brando, o primordial que ainda não aquece. No meio do dia, que diga a que veio. Nos ocidentes, que dialoguemos, ensaiando a liberta sensação que nos permite o sinônimo, como o arquipélago e a tectônica dilacerada. E no zênite da obscuridade, o meio da noite no coração negro, que as cadentes risquem seus alfabetos de portais.

Pronunciei o eixo cravado no corpo de Pérsias e Perseus. E vi a terra ardente no galope de Pégasus, quando o céu é de ouro e a neblina se abre com o amarelo dos giros de sóis. Devo persistir: o outono já se tingiu de cetros e o plátano agita-se com a saliva do monarca decaído — seu coração norteado pelo cruzeiro, antiquíssimo bóreas.

Se tu vieres, que seja solar. Estou na babel sideral, onde melhor círculo, onde é extrema a audição. Ouço-te, se solaris. Podem nos dizer mil eclipses, mas eu testemunho o renascer heliacal. Tua voz no maremoto, e a Via láctea.

Noz de galha

Locusta, satana, presente em reunião-concílio-de-niceia: nos anéis-
roldanas-romanas, o peso metalúrgico do céu. Alternadas, suas
correntes e gemas-malthus, rivalizando a dinâmica das lâmpadas.
Em amplitude rouca de manto terrestre pelo timbre vocálico, vibra
suposições, defesas. Causas e efeitos. As palavras partem das mãos
e alcançam os tímpanos, com a arqueologia das lianas. Resistentes.
Hipnóticas. Seus casamentos internos postulam estados mentais de
variações climáticas indecifráveis pela ciência dos ventos. Ventre
agripino. Contração caligular. Garras nerofágicas. Recusando a
aliança das academias letristas. Decapitado, sem lâmina, seu
pescoço derrama leite. Communicatio cordium em toque de
recolher, com decote V. Em verde de falópio, faz pose para o
retratista. E o questiona, úrsula de si:

— Quem é este que pinta os estigmas nas mãos dos santos para
entenderem o corpo provisório de deus?

Locusta, satana, ora por nós.

O caminho da graça

Moça mártir voltaica. A coroa de fios desencapados. O ventre exposto aos pardais. Decibéis de íbis na sinfonia das velas. Emerge do espelho, ancora no elevador. O dia de nosso pão é uma ponte séssil gigantesca. Cobre bueiro a bueiro, o manto esfarrapado de etiquetas. Devora cápsulas coloridas, sondas espaciais. Suspende a cruz, o cordão umbilical. Recolhe a moeda. Ruma, ave, maria de um desconhecido sistema solar. Ruma, menina, surda rosa no sermão dos comerciais. O caminho sinuoso para o céu entorpecente estará aberto às esquinas, no próximo piscar esverdeado do farol. Milhas e milhas de si. Avante, a anunciação. Longe, muito longe do castigo perpétuo nos joelhos.

O espelho preto

A sós, no pântano. Como a hipnose na convulsão da perna de uma rã morta. Rastejando a sinfonia dos sulcos, meninges, mananciais. Equiparando-se a cólera divina que nutre com imagens ácidas as bibliotecas dos homens. As letras do âmbar, os abortos de sistemas planetários e o magnetismo das pedras. Além do ponto escuro em que se doma, pirografando nos pulsos de azeviche, o naipe de abraxás (pois sempre é manhã desperta pelo canto do galo iridescente), há uma cidadela de holofotes: a reunião de leões pela savana. Delineiam uma estrábica colmeia na pele das hienas esfomeadas. Lux-citânia. Projectio, projectio. O desfile forense do escaravelho na língua hermética. Treina a ação de se estender para frente, com a mímica dos campos elétricos. Trabalha contra a ideia de identidade: o coração gangrenado por renda burlesca. A carne afeita aos guinchos de pulsares, tarântula neurológica com veludo dourado de hipérboles. Ereto, solar: a esgrima de seus olhos há de decepar a curva marmórea da alucinação dos dias impotentes. O coração? Vapor de onda eletromagnética. O demônio dos simbolistas. Autorretrato. Quebre.

O espírito da colmeia

Era uma sala chumbo com tapete líquido, sobre o qual sustentava-se uma mesa de vidro abraçada por uma mulher extasiada. Suplício ou beatificação elétrica? Não se poderia decifrar. Uma criança corria ao redor dos pés na água. As patas de madeira e as veias de harpia no tornozelo giravam hipnóticas aos olhos fabulosos. Desta maneira copulavam em cinematografias para ciclopes. A criança que nunca fui, cleptomaniaca e sulfurosa, arrastava e levitava cantos de colmeia pelo aposento ferido, como se empunhasse um crucifixo oleoso pela atmosfera dos círculos infernais ou espetasse alfinetes em louva-deuses e cogumelos pagãos. Não se diferenciavam, mas tinham asas arcaicamente costuradas ao coração. Representava seu balé de naipes, imune e ofegante, como quem volta do mundo dos mortos com um segredo indecifrável, mas sensorial. E o amor dele no centro pingente do teto, silencioso como uma âncora em câmera lenta, oscilando o corpo escarificado dos corais. Com a sensação pacífica de um caos que nunca presenciáramos, enquanto a luz permanecesse siamesa e tétrica no filamento helicoidal. A coluna, a língua, a serpente e a quimera, com olhos de vidro: nosso fio condutor. E nossa casa comburente no solo da noite, assolando a face dos mapas, como nem mesmo a lua faz.

O estado sou eu

Sou a profecia de uma rosa mascarada para o tímpano dos pequenos príncipes que viajam perseguindo ecos poderosos.
Na paisagem interna uma caverna marinha alvejada por arpões de caçadores de mitos.
O fantasma bailarino liberto na fúria gloriosa da manhã.
A blasfêmia pura dos dedos no botão perolado de um espartilho invisível.
O ofício sagrado e meticuloso da mão na fila interminável das contas de um rosário.
A caravana das formigas desalinhadas pelo abalo de um passageiro inesperado.
O pólen aventureiro que retira a abelha do útero aquecido da colmeia.
A febre branca sugerida, o vício de veludo azul induzido.
Contaminando-se obsessivamente com a própria compreensão sísmica a cada explosão de estrela no cálice de um licor dourado.
Em eterna confraternização.
Para constantemente curar-se de mim.
Agonizando na mutação lunar dos hexagramas.
Sem memória persistente.
Sem hino de recordação.
Somente a heráldica de pétalas amargas mastigadas.
Sem tocar nas flores doces de uma tarde aos pés da aparição de Salette.
Ribomba melhor o tanino no sangue, tônico e tântrico.
Meu corpo mirrado de fada de contos expressionistas.
Minha mente gigantesca de duende prestidigitador.
É o que nunca esquecerás.
Eu, que a tudo esqueço.
Minha liberdade é feita de adeus. O passado não me consome.
Meu futuro me condena. Eterno soberano.
Que rosto desconhecido estará estampado, como um brasão, na vidraça acolhedora do leito de meus últimos vestígios de existência?
Será você, presente, redoma, imperador solar, na infinita cidade do amanhã?

O estômago de Madame Bovary cospe tinta

Estouro. Início. Netuno ruminava, leucêmico. A paisagem ecoava pelo vale ótico: “Emma Bovary sou eu”, provocando tremores involuntários na musculatura da olheira esquerda, arroxeadas como uma campina de foxgloves.

Era uma praia enegrecida, muito mais sépia que o fenômeno senil das fotografias que trazia costuradas ao bolso. Cintilando na sinistra euforia da fábula.

As películas, cabras montanhas, faziam o papel de arma-de-cuspe-branco e só seriam descarregadas quando o negror fosse indicativo do ato urgente de descobrir o olho menos destro, permanentemente coberto durante os dias, para o treino da visão noturna. Viesse esta atmosfera de jazida, ao menos uma íris não se traumatizaria de cegueira, abruptamente submetida ao corte dramaturgo da luz. Abrir-se-ia como um girassol ameaçado de dúvida tautogramática. E daria o disparo fatal nesta paisagem adúltera, que o obrigava a sair de si e perder-se pelos desfiladeiros sonoros dos algos todos que lhe questionavam o nome. Estes algos príncipes maquiavélicos, despertadores psicopatas de suas adormecidas certezas. Sibilam, silabam! Sílabas de sílex e bile!

Emma, terei de estourar-te os tímpanos. Tu te curvarás pela eloquência do nanquim dilatado. Amplificarei a palavra nascida no mito do carvão, que clareia os dentes indígenas e expõe a medula dos piromaníacos.

Antracito é uma das palavras que te devolverei. E mais outras, de betumem e aguarrás em cópula, para o estopim em teus miolos estomacais, corroídos quando declama em cena de trapo esta oração desesperada: “Emma Bovary c’est moi”.

Arremedo-te como a criança lunática imitando o galo solar de ABRAXAS. Cala-te Emma! Deixa-me sentenciar o que trago no compartimento secreto das vestimentas, a relíquia imagética feita para este teu momento defensivo. A polaroide que libero, escandalosa como uma ereção tectônica, diz:

“A tentação de Santo Antônio sou eu”.

E agora Emma? Persistirás com o realismo rigoroso dos romances? Runa rendida ruborizada. Há mais de um século atordoada! Tinhosa! E se te dou cabo da vida, é por precisar sobreviver. Sobreviver de paisagem silenciosa, de símbolo, de verbo e de único e alquímico amor.

Mãe medieval, com placenta de Bette Davis, sou teu órfão azul.

Estouro. Fim.

Lembro de Emma recolocando o tapa-olho de veludo acinzentado ao retirar-se, feto de flâmula, do campo visual. Musa deslocada em tribunal, viúva de minha visão. Reencontrei-a anos depois. Um livro digerido no estômago acrílico de um robô.

O êxtase do santo leitor

Queria que me interpretassem demônio esfuziante. Por que me caio e me sinto belo, muito bonito em minha periculosidade efêmera, quando leio os poemas todos de vós. Digo vós por se tratar de uma segunda pessoa, como eu convosco, em medievalidade ritualística. Fico apaixonado por mim quando vos leio. Depois passa. Como o desejo da moça ex-violinista que só queria o violino para umas erudições clássicas. Depois que foi por um dia o corpo de estradivário, extraíndo de suas cordas neurológicas a música que a esticava em escalas estilhaçadas, passou. O desejo findo. Então o espelho, sem pronomes retos. Assim o faço. Após ser belo pela música escrita de vossa alma, recolho-me ao fragmento cortante e luminoso do eu, sem som nenhum, expulsa do vosso paraíso que ousei rastrear. Recolho-me e me diriam anjo calado, pois ao longe pareço dormir, perpétuo como estátua que vela féretros. Então me interpreto. Corrompido pela vossa contemporaneidade. E só há o desejo demoníaco de que me interpretassem dodecafônico pergaminho. Mesmo que a beleza seja inexistente em sua heresia de pulsões. Pois o espelho veio depois da leitura da gravidade. A redação massificante da queda de uma maçã, no jardim de vós, físicos e apaixonados. Sois arcanjos modernos e espalhafatosos, um êxtase para escultor.

Oftalmia

Olhos de serpentes não brilham no escuro. Uma árvore de acácia no deserto sinaliza a água fóssil armazenada nos esconderijos de arenito. Durante a lavagem, quiabos que espetam as mãos não são bons para o consumo. Foi encontrado um corpo sem vida no lago do passeio público. Colagens são tsunamis provocados pelo esvoaçar de borboletas insignificantes. Olhos de felinos brilham no escuro.

O grande colisor

Abro o sol e fecho o corpo, com a noite retida nas têmporas. Forjo milhões de retratos claros, para meu vestido de espelhos pirotécnicos: disfarce da noite véspera onde enterrei uma alma. Com cicuta, com astúcia, com granizo. Na carótida de Chagall. O riso demolidor dos trovões no fogo dos dedos. Misturando fusos horários, fusos cósmicos. Na polifonia dos quadros. Mais um instantâneo na galeria com que me adorno. Os passantes partem-se em reflexos dourados quando uso trajes brancos. São atraídos pela luminosidade. Quem deles retratarei desta vez?   da fosforescência dos homens a minha cole o. Vitrine da memória.

O campo lexical dos temporais conta sobre arte de ser anjo: o livre-arb rio para escolher um alvo, em terror e inocente encanto. Tanto o anjo quanto o raio são exemplares cal grafos de versos para a eterna, porém sujeita  s intempéries, arte da inscri o tumular.

O hábito escarlate

O grito expresso no interior mudo do bizarro verso: era assim que me ouvia o amante maior de todos os silêncios. Eu nunca o via realmente. O hábito me cobria a pele com a cegueira dos gatos dentro do sol. O mistério era perturbador. Continua magnético como um gerânio sangrento na revelação das horas obsessivas. Fecho o olho e ainda o vejo, encarnado. Fecha o tímpano e ainda me oferta flores, tigradas e emudecidas.

O julgamento

Fala desespero, sobre o mistério dos anjos: quando sua cantoria se torna uma constante palpável no meio dos rumores, um grande perigo ronda. Anjos são como alertas. As portas do paraíso estão cerradas para todo o sempre. A função angelical é fazer-nos entender que temos de buscar paraísos aqui mesmo, na terra fecunda. Quando se manifestam como acrobatas pelo ar, indicam que estamos nos distanciando daquilo que nos dará nosso milagre particular. Não tenho outra explicação harmoniosa por hora. Porque os ouvi, e meu coração está perdido, ondulando dolorosamente em meio a vinganças que deveriam ser concedidas a outros corações. Só há outra suposição que poderia destituir a verdade desta constatação: a de que existem seres sentenciados a apenas ouvirem milagres, como são as vozes dos serafins, mas que não podem participar dos mesmos. Toda vingança estaria justificada, desta forma. E a ideia do paraíso celestial estaria salva, bem como a benção dos alados. Movendo-se ao encontro do móvel empoeirado, despe a puída capa negra, aninhando-a junto aos pés feridos. Suspende um pequeno esqueleto calcário. Aproximando-o do tímpano. Para ouvir, mais uma vez, a sentença. Em acordes milagrosos de madrepérola. E deixa a cena.

O manso de sandálias vermelhas

Cruzaria com teu corpo aberto o campo de flechas por mim? Ou ficarás guardado a sete chaves, relicário, com teu banquete de peixes cruzados no silêncio das portas? Cordeiro cordata. Vertendo teu sangue pacífico sobre as hordas esfomeadas. O corpo fechado para todas as batalhas. Não me traga hóstias. Preciso de uma armadura metálica. Fechada. Para a explosão de teu sol, coração quente, face de pai. Para que meu corpo perfurado não se crive de fogo doloroso no forno abafado de uma imponente catedral. Para que a câmara de gás não me faça perder a hora dos inocentes. Para que os pictóricos corpos nas rochas sedimentares se animem como uma aquecida história de Lumière. Para que a fome não me converta em assassino perpétuo de tua semelhança. Para que o mundo seja a marcha da nobre escolta no útero da imensidão inóspita. Ensinaste a guerra. Teus pés vermelhos na marcha dos mansos. Cruzo meu corpo aberto no campo de flechas, por ti. Meus pés sangrados no horto das estrelas, algibeiras. Lobo de tua via, láctea.

Omulua

Abraxas acende meu nome dentro do relógio de água. Uma moça de palha acorda no redemoinho pirotécnico das horas. O tempo da cabeça de fósforo não alcança minha combustão. Ave da terra, ínfima megera. No agosto de um verbete extinto de deus.

I

Talvez o selvagem dentro dele fosse a Oceania, rebento de águas perigosas. Batizado pelo fogo das dores alagadas. Um mundo nascido às pressas, como o fórceps da estação cronometra, por dentro dos ramos ainda frágeis. Vindo à tona quando a atmosfera é uma vaga ideia, alienígena dolorosa. Inóspito como um morto e sua seiva aberta ao retorno do solo: este ponto cego dos funerais que todos olham e desviam. Maquiado pela esperança de ressurreição. Mas não há o vapor da gólgota nem o óleo de Lázaro nos pés congelados. Existem flores hipnóticas e pódios na cadeia alimentar. E o passo desconhecido que é sempre um rosto território, que nos assombra. Impossível de placidez na escuridão de um leito, sem o calor de uma mãe, sem o pulso de algo móvel e iluminado. E o selvagem de dentro dele tinha olhos assustadores, como os bichos imaginários das crianças. O riso de sua boca surtia o efeito do apito de um recreio suspenso. O bicho fera despontava azul, antes do corpo flagelado: inapto para o frio dos mundos. Assombrava o medo do civilizado, nos outros.

II

O PEQUENO CÁRCERE doía no reflexo das vértebras. Ainda dói esta porta mental arrombada. Não é mais um quarto vazio: é um feto que atravessa os meses. E sei que logo virá. Temo sua selvageria desprotegida. Temo que se tombe pelos edifícios. Como uma onça em flagrante na arquitetura das lajes, no vidro redoma sobre a floresta. Um cetáceo em extinção na mira de um pescueiro de fenômenos exóticos. A voz dos anjos que guiam o nascimento é terrível: criva de moral o céu morno escancarado do meu prisioneiro, analfabeto para a lei dos homens religiosos. Uiva o cio de uma matilha sobrevivente em fuga, aos pés de mamutes iridescentes. E os civilizados são gigantescos esqueletos com espinhos no nome. Pela cola das rótulas rangem a artrite dos desajustados. A amálgama que torna o espanto infantil uma pandemia no museu das eras. Porque toda lembrança é projeto de taxonomia: um natimorto rotulado. No pranto selvagem do mundo. Por dentro das águas vivas. Ermitão.

III

Prece precipício, em postura laboral, para silenciar o enrijecimento da nuca. Dê-me pequena criança no espelho, um trago, um incenso e uma vela. Para extinguir este selvagem que esqueceu suas origens. Para sufocar este descrente de tocaia em mim. Gárgula na sangria de meus olhos, úmidos de palavras inexpressivas. Que não se podem dizer. Derretem aos sopros de prometeu. Não há fígados nutritivos na brisa aguda. Por dentro das janelas lembram aquários e tocas abandonadas. Cavernas soterradas. A cinza de pompeia sobre o pensamento dos homens. Incontidos em si no cancro das hordas. Na crista das avalanches das línguas irascíveis. O cardume de catedrais bate na enseada. Como dentes de tubarão. Nocivos contra o mar das planícies livres. Ameaça a fumaça labiríntica da boca dos ícones quentes das aldeias simples. O pé de icosaedro escarlate, que diria coração bestial, na casa de carnes improváveis. Impulsionando o corte preciso dos açougues. Abertos como institutos proibidos aos meninos esfomeados. Que as casas santas esquecem do lado de fora. Quando é muito o frio e quando é morte a fome. Azul no deserto.

O outro paciente inglês

Ah, prosa fatídica! Permita-me hipérboles, interjeições nada rotineiras. Meu córtex se afunila no jorro daquelas pedrarias. Pois na clínica médica (particular) detive-me, pausadamente, em todas as texturas. Paredes com relevos de cara mica, a porosidade rústica de um maníaco jogo de xadrez, como os círculos dos olhos de rapinas. Eram cinzas fúnebres, esguios e bem-educados na parede, mirando o chão com seus brancos e pretos de mármore catedrático. Bailávamos geométricos pela arquitetura de um aficionado por elipses medianas. Toquei todos os poros decorativos, sem medo de que me sugassem para alguma percepção de cuco domado. Rotineiramente caminho por corredores hospitalares, mas onde minha vida se desenrola pelo pão não ousa nenhum toque que não seja o de um mágico ilusionista: abro e fecho torneiras e portas com os cotovelos. Sem a assepsia a que me submeto, para evitar contaminações físicas e psíquicas, mirei aqueles azulados painéis, com os dedos livres. Deveria ser assim, sempre. Mas não o é. Somente em ambientes onde a moeda caminha com uniforme zelador, pode-se respirar pacientemente, sem o rótulo paciente de algum sistema único de saúde, precário e entupido, onde os papeis são infinitos e nunca caberiam em um teatro que não fosse o da crueldade frigorífica, benfazeja, mas enrijecedora. (sem corretores ortográficos nem funerários).

Palavras de fulgor

Em carne, sangue e alma de tempestade. O soprano do mistério. Décimo quinto arcano violinista. Sopra-me dodecassílabos e pentateucos apócrifos. Como deslizar de carrossel criado para o jardim das bênçãos (quânticas). Persisti inabalável no centro. Força de Odin. Corte de malabarista. Sabedoria de cortesã. Para que todos os centros circulassem através da pedra de fundação. Marco osmótico. Este caminho é avassalador. Tudo se abala. Tudo atrai e tudo consome. Tudo deste mistério me abala, atrai e consome. Tudo Dele me reconstrói. Equilíbrio e êxtase.

papel leophardo

[armadura: uma chave neobarroca sobre o peitoral combatente. em luto de prata pela
Batalha fosforescente dos celeiros escassos. como face de górgone. imortalizada. a justiça feita, a cornucópia emoldurada]

Para a mão que colore meu berço

Extraia da noite pura a tintura metálica que cobrirá com perfeição o grisalho enfraquecido da redação, este corpo decepado pela ventania dos discursos inaptos, que tingem os dedos com seus sismos de súplicas. Descore com amônia de amon-rá, em mímica de monastério, estes verbetes que impedem a fixação da tintura metálica da noite pura. Para que as linhas sejam prateadas — fios do cabelo de Diana, a dama diabólica — galopando o licorne constelado. Mesmo invisível, a tintura da noite pura estará lá, se correta a descoloração. Os dedos dissolverão, os deuses serão sacrificados, o sol tombará em agonia monocromática. Mas o que é um apocalipse furta-cor frente ao espectro luminoso que antecede um universo em construção? Depois virá Neônia, a ultravioleta maníaca, fazendo berrar com seus holofotes potentes, embora minúsculos, a escrita poética (absurdamente sonora) das falanges em prosa noturna, cambiante como o coração de oráculo das galáxias.

Paraíso pacífico

esta ilha promissora no centro de tua encenação mais árdua invoca embarcações salgadas que aportam saturadas de corpos santos de sátiros loucos de sereias abrasadas que exalam o nome celeste soprado por dentro das águas por vales e dunas fantásticas da crença oculta armada do começo ao fim do teatro das vagas do início da placenta ao fundo da alma se me respiras se me calas tua voz bendita no silêncio da sala me dita império de frutos ausência de mágoas me cita me despe de adagas te grito te busco na crina da mais ínfima passeata se falas se recitas se me abraças o cerne do teu beijo me retalha te choro no riso da mágica meu porto perpétuo minha fábula minha limpa e mais divina lágrima e vivo cio e vivo místico e vivo óvulo de sol em zênite em ocaso em eclipse em correria alucinada esta estirpe esta esfinge esta cilada de ser plateia no teu pulso corrente no teu sêmen ritualístico na tua máscara na tua boca de cântaros de pássaros azuis fatídicos teu olho de sonhos incontidos profetizando meu destino de andarilho etéreo na fuga de tua sombra andaluz meu selo meu zelo meu mistério

Pássaro terrível

Francisca Júlia recita “A ave-maria vai cantando tristemente”. Eugénio de Andrade diz ter “o coração mordido pelas vespas”. O gato faz acrobacias carentes para as estações de Vivaldi. O pássaro terrível engole-me domingos e dromedários. Digerido, junto à noite, o passaporte para o descanso dos dias sétimos, dos dias secos, dos dias que fibrilam a corda no pescoço herege dos biorritmos fenomenais. Seja minha neblina escura estrelada, dito à ave da mortalha. Afirma-se, piando anunciações, darsinai de drones e drusas negras pelo orvalho de sua úmida aparição. A acústica vitromaniaca bebe do céu o leite dos escorpiões. Sem chuva automaticamente audível, embora hidrate com agudos sortilégios de siringe todos os estratos viventes. Som percebido quando se aceita a beberagem energética dos miasmas daqueles que se foram naqueles que virão. Nem plasma ou partícula, apenas contido em rede elétrica de cordões nervosos adaptados para o sensorial poético das cronologias ilusionistas. O fluido polivalente de seu canto cardíaco vai narcotizando sóis eunucos e luars lêmures, criando ruídos fantasmagóricos no baque do martelo pelo lago coclear. Compreendo pela música condenada o sismógrafo dos calendários. O pássaro terrível devolve-me sábados e serpentários.

Pata

Visita Interiora Terrae Rectificando Invenies Occultum Lapidem Veram Medicinam.

Não. Pata de corvo, de cabra, de guepardo, de paramécio.

Não rompe os círculos sagrados que pisoteou quando as unhas retraídas se fincaram na página da terra. No círculo central, aprisionada está. Anel de aliança, redoma antígena. Selada no envelope das próprias entranhas. O ventre estufado, a mama extirpada. Amazona não-nascida, nômade soterrada. O sangue na mimese das corredeiras esvai-se por águas ansiolíticas. Letras gotejantes, versos assombrados de maré. Todo corpo anticiclone sugado. Óvulo encistado, folículos de frágil folhetim.

Como regressar ao útero sem nunca ter saído dele? Rompendo os círculos sagrados com os quais se isolou. Risca o eclipse, levanta a coluna, suspende as quatro patas para o tapete dos astros. Rompe o inferno, aspira ao limbo. Asperge o lodo na cara da abóboda, no cio asséptico do deus. Sem música, sem ritmo. As patas serão estalactites na intenção de uma caverna compactada pelos séculos de migrações ancestrais.

Que importa aonde quer chegar? Registre, sem pena plácida.

Pata de paramécio, de guepardo, de cabra, de corvo.

Sim.

Patris

Pai, meu pai carbono. Ensina-me a trilha diamantina. Com menos arestas. Com mais pontes. Brilha tão simétrica tua face. E mesmo rude. Cortante. Percorro-te as vias. Entendendo-as. Nos conflitos, nos confrontos, nas garras. Defesas que navalham docilidades. Mas quero agora. Ter-te na cinética da suavidade. Um poema. Uma palavra costeira. Nas metamorfoses dos ciclones. Espreito teus olhos neste imenso espelho enviesado. E te invoco os químicos candeeiros. Luzeiros de farol em morro castigado. Perfeitos equilíbrios na noite sem lua. Ando pelos dias. Voltei para o mar. e vi medos cansados. Migrando como pássaros de gelo. Caminhos brilhantes. Caminhos brilhantes. Albedos de Apolo. Mas ensina-me novamente. Os caminhos que me invocam. Um versículo. Uma missa verdadeira. Nos altares menestréis. Fiéis escudeiros. Da sombra de si. Espadachins de pan. Bebendo ao pranto da escura sentença.

Pavio-de-bruxa

Pavio-de-bruxa, a alma fasciculada caminha pelas florestas que o sono protege, deixando sua lanugem prateada debaixo do travesseiro. Suspende a ossatura lírica no atropismo do vento para encontrar o veículo da lua, contorcionista das clareiras. Vernaliza-se sabática no círculo da irmandade noturna. Fisga-se em autopolinização. Quando retorna já é manhã de estrela única, mandala incendiando túnicas. Uma gosma de resina conífera pingando pelo ventre anuncia a noturna estadia. Os dias tentam cicatrizar o ponto fisgado e um séquito de fauna e flora canta pelo miasma hospedeiro. O corpo cambaleia em âmbar, verbasco-aprendiz na indução floral.

Pavoa rústica em revolta decadente

Contamina-se de ruas, tropeçando em flamingos fortuitos no féretro da avenida urbanizada. O canto dos automóveis fere o tímpano ensaiado para as ambrosias. Na têmpera tropical, a epilepsia sonora encontra intactas as equimoses da frente fria, sempre pairando como um cataclismo de chumbo pelas vitrines sulistas. Onde se mistura, onde se escorrega, onde se alastra. Com a sublimação das gotas, evapora seu rosto de ruga e rastro, labareda sanguessuga de água ardente na mecânica dos reflexos.

A que vim, por quem marchou? — o inquérito marsupial, com olhos órfãos revirados ao céu de um roxo rigoroso. Por que me costura, percepção escandalosa, às etiquetas comerciais, vestindo-me com parafernâlias têxteis junto ao corpo deformado da massa gélida pelas vidraças? Atada a estas pinturas abstratas, sinto-me no antro volátil das deidades iradas, como se filha, mãe e avó. É do torvelinho de minha incompreensão madrasta esta nitidez com que me tridimensionalizo, selada aos consumíveis artefatos?

Onde a pele pura, a seda exposta ao intercâmbio dos vapores sadios, a pena irisada no cangote das planícies abertas? Onde a forma que me fortalece ser único na paisagem, primata nua no colo dos astros, pérola no pergaminho?

Não há — responde o misticismo pavoroso de pavônia — está nacarada aos vultos, destinada ao chicote elétrico da ventania no couro perecível das mortalhas. Posto que o chacra de ciclope se multiplica nas simbioses, na ligadura das onomatopeias.

E um coro de formigas reina dentro da meditação arrogante dos flamboiãs:

— Bípede, é do vitriolum que retornarás, intacta. Despe-te e adormece no edredom dos subterrâneos. Assim foi e será, plúmbea pluma.

Plutônica

Plutônica, contemplo os músculos do sol. Tão distante de minha gázea túnica tumular. Perfumo-me com as estelares distâncias. Transformo-me, ungida pelas atmosferas principescas, reles mortal sacrária. O gelo de minha morada abraça moléculas do heliotrópico. Declamo-me filha silenciosa, neta adorada. Arrasto minha genética de labaredas ao palco onde nunca conseguirei arder, junto aos eclipses ancorados na febre da neblina mimética, rente ao cardíaco tablado de anonimatos. Gélida como a esfera que assombra o corpo geométrico do vitruviano, sem virtudes de vísceras. Com a veracidade de uma bandeirola lançada aos céus, esperançosa por olhos alienígenas que digam: estamos aqui.

Poesia para bruxas órfãs

Meu livro das sombras, todos os livros. Meu oceano monocromático. Os livros enchem o refrigerador. O guardião das linhas efervesce sua sombra líquida pelas almofadas.

Em minha crueza, mastigo os fantoches que dormem nas forminhas para gelo. São de vários formatos, gatos, rinocerontes, cabides vazios, hexágonos. Seus olhos lendo minha laringe lacrada.

Seu sal escuro pelo apartamento, seus braços infantis, agitando a parafernália marinha com moinhos de abracadabra.

A sombra efervesce. Como uma vitamina em mutação.

Invoco raios, primeiro os pequenos, a esquizofrenia de tesla, o curador de pássaros obcecados. Depois os maiores, de alturas extintas, os que caem cheios de deuses empalhados pelo pó dos homens.

Em minha jaula inventada, fabrico uma densa população prensada contra as cortinas, a coleção de vagalumes. Ainda sorrindo para mim. Tão elétrica quanto o vapor de uma pavorosa respiração.

Não há médico-monstro que supere os impropérios luminosos que lanço para ti, carbonífera existência.

O tinteiro está lotado com o sangue azul-petróleo de meus pais.

Poética dos aguaceiros

A chuva, poética dos aguaceiros. Será abençoado dormir, aquecida pelo frio úmido do mundo, percebendo no batuque das gotas sobre concretos e vidraças infinitas, percebendo a força sobre-humana dos elementos sobre os humores insaciáveis?

Quantos casebres não se partem em lascas de desventuras nesta benção que já foi mar? Quantos navios partidos, canoas sem o pão dos pesqueiros, canaletas rompidas, sereias desacreditadas?

Poderei dormir, abençoando a benção da água por vidas inusitadas e mortes tão frágeis que nenhuma historiografia tornaria poesia?

Sim, posso dormir o sono dos desajustados. E o céu que me deságua é o dessas águas todas que ingiro, vomito, acaricio e navego.

Há sempre um marinheiro caolho com estigma de naufrágio na frondosa percepção da hidratação. E não há remorso em bendizer cada pingo tenebroso que cospe nascimento exuberante junto a fetos minúsculos, abortados do que cresceria em maremoto entre espécies que me acompanham nesta caminhada de calamidades.

Lacustres, todos nós, como embriões de futuros acidentes atmosféricos, boiando na vértebra liquefeita de um ideal paradisíaco, bizarro e fantasmagórico.

Ectoplasma, diz agora a chuva suave de sonatas estradivárias. Desce sobre minhas pantomimas, chuva. Lava minhas mãos, luva de caravela cnidária. Purifica a miséria de minha estirpe mediana.

Nos ditados de fora há a supremacia de uma arca de escolhidos, sabendo, nós, desde o nascimento, em drinque amniótico, sabendo que nunca caberíamos na seleção ameaçadora de qualquer livro sagrado, escrito por iguais — os sedentos de verbos sobre catástrofes marinhas, ignorantes de si.

A dor do mundo começou com um caminhante sobre a água que voltou para a terra, filha pródiga arrependida. Abençoada é, chuva que de meus olhos é apenas uma brevíssima paisagem inundada.

Deitarei sob mantas lavadas com o suor de teu rosto de montanhas virgens e te esquecerei quando o sol sedento secar nossos escombros de lágrimas sobre desastres, chorados no brinde das madrugadas.

Chuva, quando vem, mergulho. E me enxugo. Não me julgue, já que também sabe ser lembrança hostil para lisérgico poemário. Olho-te pela janela, e me devolve a contemplação. Somos da mesma matéria, labor e injúria de pingos nas argamassas. Amor noturno e líquido no embarcadouro do amanhecer volátil. Raramente nos tocamos

sem as palavras. Escoadouros. Fluxos e refluxos de uma era de aquários digitais.

Não consigo terminar a tua descrição, maldita chuva. Tão simbolista que não consigo dizer-te adeus. O sono te vencerá. Nos sonhos, tua precipitação é erudição orgânica para pinturas nostálgicas. E não sei desenhar.

Descrevo-te aqui, chuva de adjetivos-meteoros no rascunho da ressaca. Nós, em mesmas linhas, nós que pecamos sempre pelo excesso de uma desambiguação.

Seremos salvas, irmã neônica, monja de pranto nefelibata.

Polaris

No espaço cambiante do discurso: o cisne celenterado. Já o contei, com os cinco dedos da mão em transe, na película de um falatório agalmático. Poderia revelar que se trata do urso polar, que sem o fomento de sua massa calórica adequada, pousa as patas selvagens, ora ensanguentadas, agora vazias, no antro da neve que já lhe foi irmã, mãe e amante. Agora, embrutecida pelo vazio do urso, seu esvaziamento, o suga com o escoadouro dos maxilares glaciais, como um pai castrador. É terrível o canto, lembra o leite de hóstia na orgia das catedrais, a fome dos homens vagando pelas estacas de sombra dos candelabros. A mirra, a cruz e o corpo despedaçado dos santos, voando sobre as cabeças esfomeadas: corpúsculos congelados. O cisne celenterado pousa sobre o berço dos sarcófagos brancos, filhote de pantagruel acuado pela digestão defeituosa, e louva a deus, o deus abominável, de máscara opalina. Assim é o gelo: rei divino na auréola de planetas. Pelo telescópio simula uma coroa imperial.

A neve o canta, polar, com sua boca de caninos translúcidos. No nirvana branco ofuscante, o transmuta em mais neve, neve, neve. Resta na paisagem a pantera-nebulosa-de-bornéu. O urso sucumbe a sua própria cor. Por dentro é escuro, com sua carapaça isolante. Mas a neve não distingue a noite das gargantas. Sua fome parece impiedosa, como todas as coisas que gritam sua claridade, aos quatro ventos. Há sempre uma fome maior. A insaciedade dos homens não é nada quando comparada ao eterno retorno das substâncias. Poderia o homem, ajoelhar-se a terra, perdoando-se a si, pela incapacidade em nutrir-se, aceitando que na sua hora derradeira deveria alimentar aquela que o nutriu? O cisne celenterado assim o faz.

Polaroide de Pavônia

Ouvia o barulho rítmico do martelo na vizinhança. Raramente considerava a sinfonia um incômodo sonoro. Insuportável era a cor, vermelha, no cerne da cabeça. A perdição de eustáquio, o ofício do ourives de olhos-de-vidro, o tsé-tsé no âmbar, a perna circense de gepetto. Enlouquecia, um retorno ao estado embrionário. A íris lamacenta, com físgas douradas quando o escarro do sol resfriava os vitrais, tornava-se leitosa. Seres marinhos no nado extra-físico. A ópera fotovoltaica vociferava pelo sangue morno. Quebrava xícaras, para que o azul estridente da porcelana nublasse de víscera celeste suas glândulas alucinógenas. Para acordar sem cores na escuridão dos ícones barulhentos. Somente ideias de flores pelas fronhas inodoras. Um circo elétrico com projetor que não viesse da bile do criador amputado. Suas criações orgânicas vinham do caos incolor. E era uma cidadela de bigornas com pulso de flamingo. Um mapa de insetos espetados, miríades de notas rarefeitas, que nunca abandonam as casas e as cascas dos homens. As patas eram silenciosas na confusão do éden. Hieronymus rastejava além da fenda do inverno, com pregos de pólen. O ferro, acima e abaixo dos pés, do asteroide ao berço de magma. Pelos dentes de maypole carbonizado, a primavera das ágatas. Vulcânica. Com o tímpano dos ossos desarmados. O bote de um nataraja. Era preciso ouvir a fusão da areia e dos carbonetos para pregar o idioma do fértil escaravelho.

Proa

Sinto-me branco no mar. Sem palidez. Lua e neblina. O diafragma da gama constelação. Disseram que era meu pai, este corpo de ondas descontentes (aqui dentro). Procuo o sistema restaurador dos impactos no solo lunar do corpo paterno, suas facadas de ampulhetas. Os sulcos profundos na face dele, enquanto me reproduzia. Ele era minha índole marsupial e me dizia selo semiótico projetado de si, mesmo quando tonto me engolia no retorno de suas rasuras submersas. Tenho seu gosto metálico na memória dos primeiros dias. Gênese, mas tão fácil de tocar, com suas rosas de vento salgado (tão sangue de ostra esta gema de egrégoras). Nem os corais de sua palavra me fizeram naufragar nesta solidão plena de seres, que em minha tempestade se assombram. Ando pelo dorso ancestral daquele carinho de algas. Pluma e síndrome. Estamos randomizados e sigilando a infertilidade de nossas caminhadas secas. Filho, eu ouço ao longe quando me sonda pelo plâncton. Não me sei marinheiro de teus faróis. Dor de nervo ótico. Sinto muito, meu pai, minha mácula. Tenho um navio dentro da vértebra e desejos prateados. Deixa-me ir oráculo. Teu reflexo insalubre me nocauteia.

Ravena em rugido de rubis

Procurando equilíbrio entre a pata de leopardo e a pata de corvo, descobre a constituição dos pés — falanges que se projetam pela faringe — tranca-rua das línguas, trava-rosa no politeísmo dos dentes. A ventania virulenta a enche de arabescos. E a olha, dizendo chuva entre estrias de nuvens mastigadas. Tropeça e repete seus antiquários — salas, rostos e pássaros. Atentando ao pudor das expressões, balbucia um vibrião de vírgula na verborragia da vitória-régia. Não será rainha na balança do zodíaco, embora estrela de água no reflexo da lua. Rosácea, a pegada de crateras. Pelo e pena na pele do lago de papiros. Leocorvo na corcova. Manca de mandíbulas musicais, vicia-se pelos vincos vulcânicos das consoantes. Rasante, a regra no papel pólen. Respira e rasga.

Reflexa

Reflexa. Danço, danço em tenda tátil. Sólida tenaz, sublimando a sorte e o azar. Canto, canto ao sátiro e à sibila, ao inquisidor e à freira. Sôfrega certa, a verdade e a mentira. Atuo, atuo em palco doentio. Mascarada trapaceira, tropeçando no atrativo e no hostil. Compadeço, amorteço no castanho brilho. No combate febril mortifico em dourado e anil. A garra escandalizada no bizarro cantil. A falha aceita na própria teia. Ser retrátil, alma de jade. Rasteira réptil, covarde. Solubilizo dentro da dor. Coagulo em amargor. Qual é a face que me congela a autocontemplação? Volúvel válvula em transmigração. A rima ridícula, a cara cínica extinta. Ave ereta, pesca estética. Cobra víscera, hamadriade deserta. Reflexa.

Retrato de balística

Há uma árvore muito fina no colo das pérolas.
O fruto magmático afluyente pelas especiarias radioativas.
(opalina, a corda marinha no tímpano)
(tão longe do oceano o navio-pai da memória)
(pisoteio no ponto propulsor. ébano e neblina. seriam centauros, as
bestas na ebulição de minhas cordas vocais fasciculadas. mas são
flechas na duna vaporosa. ativando faces em camafeus.)
Aquela moça no intrincado lunar murmurando água cantante para
a histeria do espelho.
Eflúvio de som, os testes nucleares cintilam a geologia dos eunucos
cinéticos.
A moça tem escravos musicais. É um antiquário seu gesto de
pendurar a coleção de conchas pelas orelhas sangradas. Explosivos
dispersam os pingentes de seu colar. A coleira nos escombros da
radiação perfura os olhos dos pássaros. Castrados, cantam mais
apurados para a escória do mar cintilante.
Dentro das ostras, proclama-se o mistério:
Ela abre o porta-joias. Ele lustra, pela milésima vez, a caixa de
projéteis.
Há uma árvore muito fina no colo das pérolas.
A herança da guerra, a biografia.
(estudo o movimento de corpos lançados ao ar livre)

Retrato de Manoel, o submarino

Catedral submersa, onde todas as orações começam. Placenta de uma mãe-redoma. Sinos na boca afogada dos naufragados. Ossos dissolvidos na prole psíquica de netuno. Mártir do mar. Anêmonas trituradas no plasma dos aquíferos, onde nascemos e partimos. E navega tu, navio-pai de minha memória.

Ouija, ouija:

Acha esta água viva e te pregas nesta cruz líquida com a simetria das quatro bestas do apocalipse. imitatio christi. Arca de evoé. Urna da aliança, teu corpo de braços abertos. Nevralgico colosso no mastro da religião que os rebeldes velejam.

Assim vieste, no jogo de copos, metal pronunciado:

Avô pescador. Dedos esclerosados, tecendo pela casa, redes e mais redes de náilon e incapacidade. Peixes invisíveis. Ombros de aquário. Flácidos. Cantando músicas inteligíveis. Eu implorava sua morte bálsamo sobre os cadafalsos. Nunca mais os marulhos de golfinhos e o som das baleias pela aresta de meu quarto roubado.

Arde o plâncton luminoso desta lembrança.

Eu pesava sobre sua morte como um cargueiro atolado de manchas negras e âncoras alucinadas. Terror da imaginação, o esquife decorado. Eu rondava sobre sua cantoria necrosada como um inseto carnívoro nas espáduas em decomposição. Depositava flores roxas e perfumadas sobre sua musculatura sã deteriorada. Sua existência persistente me doía como a invasão de uma expedição aventureira nos territórios selvagens. No nódulo de sua ressurreição: uma absolvição. Caveira, caveira, meu corvo de pestanas impacientes. Sangue de meu sangue. Morto és. Vivo és. Como uma sanguessuga no pântano de minha lamentação. Sua boca carcaça me gritando pela casa: fecha estes olhos, grandes demais, farol perdido. E tu, onde estás? Carga-tonelada de cinza e pó. No pesqueiro de uma nevasca lírica. Olho-te, pequeno demais, agora. Tua carne sempre me foi um pão amoroso. Imensa paisagem, incansável de sondar. Navego-te. Afunda-me e serei liberta. Peixe. Peixe. Três vezes peixe. Podes agora, pescar? Rasguei o endereço de teu epitáfio aguapé, mestre das águas, meu batistério misterioso. Está entre nós, teu nome. Síncope, ciclope, simultâneo na bagagem perdida das células. Lembro-te nas sirenes. Adeus.

Creia-me, por Nuit que confesso.

Cibercondríaca, neste mar de caracteres ao acaso, miro a constelação da Ursa, sem aquele abraço gelado, logicamente. E rumo, ao infinito e além, espalhando robótica sobre os abismos onde me deixo ler. Não sou haicai, sou HQ.

“Confesse, confesse bruxa!”

Perdoem-me os ultraleves de coração, mas não tenho paz interior, e sim palavras de balas perdidas. Não sei adormecer como deveria, com a fibrose das usinas nucleares entorpecendo as janelas indiscretas dos nossos perfis. Mas nem Mickey Mouse poderá me traduzir.

E a ti, que indagas quais ventos levaram meus rococós e toda aquela paramentação textual de caso pensado, adianto que a gata comeu o código-morse de meu moleskine, embora ainda caminhe sobre o orvalho de uma guerra criada por um camaleão dentro de uma caixa de abelhas.

Toda palavra me fere com a possibilidade de sua sociedade digital.

Rosarium

Fardada por pintas, testava a coragem pelas jornadas psíquicas, desafiando o mármore hierárquico das salas mentais. Depois que o conheceu, atravessava os aposentos bizarros com um copo quebrado: a flecha brilhante nas mãos, o dardo leopardo nas unhas. E via rosas ameaçando o balé congelado do ar, dispostas como cascatas tintas entre os divãs interiores. Sóis vermelhos que despontavam como os olhos de fogo no meio da testa dele, aquela planície ostensiva de girassóis. E não precisava do conforto do tecido castanho do banco de réus, nem se paralisava com a aparição de seu reflexo pintado na atmosfera dos espelhos. Rugia para alguma janela aberta: da noite do corpo para a noite de fora. Por onde surgia o sol vestido com a pele dourada da presença dele. E do vinho para a rosa, e do rubi para o citrino solar. Da fuga interna para o planetário, da pérola cardíaca para o celeste pulsante do quasar. E saía do claustro para o vasto enlugarado. Do centro para a galáxia, da massa para o quantum. Projeção de estrela no raio, desmaio, colisão. Porque depois de beber o intercâmbio daquela aura de água marinha no vermelho do poente, caminhava-se sem pressa até o perceber em algum canto escuro seu, e então dava a si mesma a luz, peregrina e casta, como uma divindade mitológica respirada da pedra amorfa. Do carvão ao cenário do cosmos. E era assim como a forma do satélite no assédio do astro. Do labirinto de palha para a partilha da mecânica suicida das esferas.

S. nigra

Um espelho espreme todos os rostos que refletiu. Sabemos que, no fundo, bem fundo, deste vitral domesticado, os rostos são todos fulgores de *S. nigra*: substância arbórea na rede da obscuridade. Vegetam, pagãos e perdidos, no batismo de um templo cujo altar oscila sob a pressão da pata de múltiplos versos, zoomorfos e enclausurados. Ao apertar o fruto destas árvores, Senhor e Senhora Nigra, escorre um suco de cor vermelho-sangue, sépia quando seco. Eu, que destilo chuvas, tal dândi afetado pela falência do sol, sei que quando chove, me espremo e me decoro com hábitos embaraçados — ternos, pingentes, poses e lombadas — procurando mirar no vidro polido da antiga cristaleira uma floresta mirrada: hóspede provisória no lago espremido entre o poente e a poeira da dopamina. Mais uma taça de nigredo, senhores reflexivos, rostos-neurônios tão meus?

Sabá entre sabres

O topo do crânio de um felino eleva-se na escuridão. É a montanha na qual circulo, estaca projetada, aro vertebral de fulgurante coroa. Faço-me pilar, corpo-clitóris, dente de loba na arcada diadema. Tanto circulo em lapso de tempo que de longe imaginam múltiplas colunas-entidades. O desmembramento é a ritualística compreensível. Simulo a aura esquartejada, o teatro da carnificina. Mergulho no caldeirão, fosso-útero da bruxaria. O corpo dissolvido na substância noturna, óvulo e folículo em estado de rubedo. Retorno ao topo do crânio do gato com um enxerto de osso secreto, quase guizo, esturro de jaguar. Fui banquete e voltei alimentada. A lua, máscara de abutre, fende a pirâmide da mão totêmica — dos cinco dedos cria um casco bifurcado ou uma mandíbula de réptil. Reconfigurada, retorno, em olíbano, gosma e alabastro. A visão longuíssima não uiva para a lamparina fulgurante. A visão estendida entende a anunciada claridade como horário propício para despertar o restante da alcateia, da colmeia, do panapaná. São miríades de bichos no rugido do templo altíssimo. Profiro e escuto. É a hora venéfica, sable e argentum na heráldica velha dos observatórios. E um bode prateado retorce a fêmea fuligem, a neblina sonífera que desce sobre a caligrafia seminal.

Sanguínea inquisição

Fiz-me plâncton em casa de urticárias. Quatro ganchos a esticar a pleura. Bandeira hasteada, onde se lê o amor: ferimento de guerra, tatuagem de marinheiro. Do umbigo-poço, jorra um fluido elétrico com a forma da âncora. Pelo vulto anzol, fisga-me um ser marinho de cabelo embaraçado por oito vidas. Angustiada omoplata doma-me a corrida pelo ar. Bivalve enrodilhada no chakra cardíaco do tsunami. Guia-me o tapetum lucidum, felina amálgama no escuro terreno. Não há escuridão que se bifurque apagada pela sombra. Corvos em alma de alga são matilhas coléricas no sono de fogo líquido que me deixo. Cambriana, ígnea raia. Dispositivo de sinalização militar medindo a atmosfera que me fita com olhos de exército. Raios operam meus artelhos com longas pinças azuladas. Atam aos tendões, pés de pescadores desavisados. Octópode, costuro as horas mortas com tornozelos eletrocutados. As moiras enciumadas incineram-se na poça onde um sol maníaco me oculta, convertido em alimento de salmouras. Quando acordo, no epicentro de um imenso relógio pirografado ao redor do solo, os fios da aura avançam com a articulação dos ponteiros de uma rosa por ventos assombrada. Dizem-me que queimo, krakatoa. Octóforo, só, caminho. Não há como mergulhar na água viva sem arder a página dos rostos. Os retratos piromaníacos que se projetam como garças esfomeadas sobre a esteira que nos sustenta a caminhada na terra, pirateada na anatomia dos corpos celestes. São chamas altas, chamas brandas, chamas de brâmanes: a cinética violenta da existência com sua língua de dragonídeo. Hálito de magnitude eruptiva. Deixem-me tremer em plasma de caravelas. Compreendem a combustão? Resisto, santelmo. Ave sanguínea. Ave lúcida. Ave sidérea.

Semiótica do selfie

Desobedecer as linhas de Lineu, tornando sêmen a lágrima rosada. Cozinhar o sangue botânico da princesa junto ao orvalho colhido da penugem-pasto do unicórnio, besta máscula dos herbanários. Trocar, depois, os rótulos no armário da cozinha coletiva. Recitar um idioma de fogo inclassificável, o dos fornos primitivos, de magna resistência, na etapa da etiquetagem. Homogeneizar veneno e vacina nas fotografias dos frascos. Registrar-se rótulo de gêmula e pigmento no atestado de pureza dos vasos contaminantes. Carimbar-se elixir de fusíveis na ilusão andrógina dos minerais, em suas películas de espícula e espólio. Tentar a fórmula luz de aurora fervida na árvore genealógica, cabala materializada. Acreditar que a camada descritiva dos unguentos é goma-laca na língua do vidro, tingindo de glifos hermafroditas o artefato rarefeito. Dizer, futuramente, que o preparo da imagem nunca foi ornamental.

Ser da legião das cordilheiras

para a sagrada montanha de jodo

esvaziar o corpo de suas funções orgânicas, de suas artimanhas sentimentais, do que esfomeia e do que sacia, da paralisação: por mágoa ou prazer. com a beatitude despacificadora de uma desagregada artéria magmática dentro do silêncio.

e saturar as fibras desta carne, deste barro, deste leito sonoro, com o ectoplasma da cordilheira retorcida: o umbigo revoltado da superfície, onde se ignoram as lamentações e os risos. eletromagnetizar o sopro com o incontido rosto do ar, este insurrecto mártir.

tocar os elétricos aromas mineralizados por sua órbita, seus cabelos de hipnose sobre a face. reconstruir a potência de uma víscera geológica, doando o invólucro vazio para pangeias adulteradas de ilhas, mapas e pontes inúteis.

tremor como a terra trêmula canta, esvaziando-se de seu corpóreo pacto: em corredeira saturada de abalo atávico. sem juízo comum. sem juízo final.

nascer um outro a cada tremor golpeado de fendas, de cascos, de lapsos sazonais.

outra carne, outro barro, outro som.

deformar o que amortece o amorfo do texto: verter himalaías, aconcáguas e pirineus, pela escrita inarticulada.

ouvir escarpas. depois: ceder.

Set

Vai, a quimera dorme naquele morro verde-piscina, onde mergulha os dedos esmaltados, cheios de fumaça. Estes brilhantes e estas cobras que tens tatuados na pele cantam como sinos nascentes dentro da neblina. No profundo da terra todos os versos são íntimos, e respondem os teus poemas, pois também são feitos de minerais (como os bichos e as plantas e os lanches). Minérios sidéreos: os donos das ruas todas que pisas com tua penumbra de caça e caçador. Bebe teu licor. Viaja com amigos. Comparece em todas as festas para que os coquetéis e as cornucópias reconheçam teu nome. O tempo é uma labareda embriagada no teatro dos signos. Breve. Não te esqueças. Somos filhos ávidos de vênus, a nebulosa. Apenas mais um planetinha purpurinado no abysmo do cosmos — analogia assistida. Ele te sonda e nunca te esquecerás. Não temas o anonimato, ele te espera, sabendo tudo de ti. Sorria, mesmo enquanto imaginar que não está sendo filmado. Pois assim o és, eternamente: vislumbrado.

Seta de cetus

hoje são 14 signos na elíptica, sabia? Hoje acordei, foram 14 horas de olhares colabados, mente solta de tapetes voadores na imensidão desconhecida. Encontrei Jung, bigode de gato, barbatana de furacão. 14 versículos me assaltaram na frieza da madrugada e não ouvia o gelo batendo na vidraça: meus olhos fechados com sopros de areia de morpheus e teu delírio com caninos dentro das bolhas de sabão. Não ouvia, tímpano encerado por moluscos pegajosos e sábios da partitura do mar, meus ouvidos vivos sem ouvir o gelo na vidraça que engole a encruzilhada do meu lar. Foi o dono das chuvas que, encantatório de ciladas, me navegou com uma frase de marulho de praia. Vi os botos cintilantes na boca dele — enseada, casa d'água, casa d'água de karl — foi para dentro dela que voei sem asa. As areias me doíam. Também tem sinos na poeira, nunca viste? Os tremores calafrios de um bardo bravio sonolento que no alto dos penhascos cortava a branca cheia lua onde tu te pariste. Eu entrei na casa d'água de lacres selados na porta de sal, porcelana, grama seca de gotículas afugentadas na bela fina xícara do teu milagroso chá, camélia de damas o jogo desenhado na beira da louça polida, que tu és metalúrgico das argilas e no disparate deste teu tão marejado, não resisto, não resisto, não resisto. 14 setas na pálpebra de budah, teu símbolo transcendental. 14 setas me invadiram com as areias de morpheus, e não via a fria nave, transpirava um calor de docas. No meu ninho pardo, vinte e oito rotas de ti e teu receituário isento de ostentações. Belo, meu guru oriental. 14 beijos te daria, na alma líquida de estradas, que tu me veio para adocicar versos, sendas, sabás, ilusões enluaradas. 14 máscaras te rasgo: tu me encanta, eu te engasgo, com areia, com gelo, com meu cansado coração. Haicai frio, leo pardo fita o lago, inverno passeia um rio. Tu, cornucópia, pavio.

Silvícola

Silvícola, minha escada é de escamas. E me realizo, individualmente, com a pirâmide nebuloso-sinuosa. O resto é selvagem. Se fisgar um peixe, mais escamas. Se não continuo escalonando (só). Eu me pe(s)co, mulher-jiboia, moça-gavião. De cócoras no parto do mundo, colhendo algodão. Depois vaporizo as nuvens, em frutos. Tenho amor pela faixa de tempestade azul petróleo na beira do horizonte. Acima, o sol. Forças antagônicas que nos dizem: humano, assista, não seríamos ameaçadores ou belos sem sua visão. Frio e calor. Pinhão na terra e gralhas-azuis no ar. Sementes que não se encerram em um fruto. Então ela diz adeus, aquarela-se em paisagem autoficcional. E o cosmos continua respirando sem que as placas tectônicas percebam. No fundo da terra as estrelas são da mesma matéria, mas o carbono é chamado de antracito. No céu é fogueira de atamor. Prefiro quasares a diamantes. E cronos é apenas um detalhe que a geologia entende bem. A geologia terrena.

Sinestesia da simulação

E vou escrevendo livros e mais livros dentro da cabeça. Mesmo sendo sempre cidade cinza aprisionada entre paredões de serra da mais antiga geologia, protegida da inconstância em salmoura do mar. Pássaros chegam até a janela, mesmo sendo fumaça de expediente, assalto de ignição. Cortam a vidraça em balé de algas, como se no fastio das bordas cortantes de corais altíssimos — enchem-se de luz quando a noite imita um oceano turbulento sobre a temperatura, uma gigantesca máscara furada de mil olhos, meia-arrastão de messalina divina nos portões de uma babilônia bombardeada. As aves carregam um líquido que goteja pelas acrobacias, lágrimas de territórios, suores de acasalamento em cavernas vermelhas com ninhos de líquen e barbatana. Penso em perfume contido nos tinteiros e a pena dos escribas na redação das rasantes sobre planisférios. Pela tela de proteção, os losangos de náilon revelam o bailado como visto pelos insetos, grudados que são na secreção das flores arquejantes, com a óptica dos vitrais intocados pela baforada da peste e das missas. Os pássaros e estes livros que ninguém lerá. E vou escrevendo, e os pássaros não se importam com as janelas entre escarpas massacradas de rocha artificial. Furam o silêncio do céu poluído como se dentro de telas em eterna purificação. Também fotografo, sem revelar. São garças e rapinas — as palavras e os fotogramas. Redimem qualquer narrativa terrena. Espero que nos perdoem a sinestesia da simulação.

Somitos

Faço orações por uma poesia ectotérmica. O propósito de uma nudez barroca, com a conjectura do mártir retratado, avessa ao gozo, avessa a dor, e por isto mesmo, os ditando à percepção. Com a confecção da alma sobre o granito, que se deforma, não para adequar o corpo, mas para revelar o sismo dos sedimentos inorgânicos/imparciais. A improbabilidade da matéria, com a temperatura dos répteis e as sobancelhas solares, invisíveis ao meio-dia. A letra como carne, mas com o despojamento da realidade dos cinco sentidos, no usual. A carne sã, deteriorada de músculos, sem a subjetividade da ótica padronizada e com a ortopedia dos elásticos e a corredeira do plasma infeccionado. O corpo sem envoltura simbólica que o revista, já que contém como mãos, pés, faces, vísceras e interstícios, em colagem desordenada de todos os ícones. Quem compreenderá esta nudez? Sem o reconhecimento narcisístico, sem a projeção da memória instantânea. Aonde se pode dizer/escrever/projetar: espelho, com todo júbilo de sua superfície altamente refletora, mas sem que nada possa ali se refletir, sem que nenhuma carne se tombe/escorregue/grude pela prata polida. A escrita como subversão da cópula: não, nada ali poderá se reproduzir. Nada que se possa ancestralizar ou mumificar — uma carne que não encontrará paladar, tato, olfato, audição, visão. Pois o sentido é a integração, o samadhi. Oro.

Telecinéticos

Apontava-me uma espécie de estela de pedra, criada de uma rocha única e esbranquiçada. Dizia-me para notar os pés esculpidos sob a plataforma mínima do aparato ritualístico. Mas antes, fixava-me na ideia do que o artesão tentara projetar, por fora do mineral: miríades de escamas triangulares com a forma geral assumindo a composição de uma naja do deserto, enrodilhada abaixo do sol e invocando o algarismo oito. Instantes depois, que pareceram blocos de eternidade, notei que nos dois círculos sinuosos da coluna ofídica encaixavam-se perfeitamente as ossaturas dos tornozelos.

Após a associação iniciada pela busca de símbolos conhecidos dentro da memória, delineou-se a forma réptil. Se não tivesse optado pela via perceptiva associativa, teria entendido onde precisava pisar. Teria visto que os pés só não existiam na visão comum. Eles estavam plantados lá o tempo todo e não apenas imbuídos na extremidade do meu organismo, sustentando-o no abrasivo terreno da realidade consciente.

Testamento do fogo

cláusula um: os livros queimados emergirão na memória de quem os leu.

...

crianças adormecem na ficção que a mãe os entrega. quando a noite é um barco criando raízes.

quando amanhece, o ciclorama de quem ouviu uma história de deserto, para adormecer cheio de luz na escuridão dos leitos, estoura pelos cílios despertos.

fui a mãe de um órfão azul

na gestação da tempestade

e o nutri com capítulos de piras funerárias

(o que restava de meus dias exorcizados)

seu corpo celeste tenta nascer.

preciso de seu leite pelas escamas.

pois foi de meu sangue desidratado a constituição de sua musculatura carbonizada: os nervos de crânios derretendo sob a luz matinal, pela carcaça dos corvos.

meu corpo noturno precisa da via láctea.

...

o bebê dragão que me ouvia

espalha a silhueta de cactos altivos

na paisagem dos espantalhos

a respiração ofegante dos répteis intercala seu diálogo

contestador

a caravela enraizada está cheia de orvalho

onde as aves de fogo bebem

para manter a crosta das dunas

em perpétuo movimento

se este deserto crescer demais

não serão precisos mapas

e alucinações encobrirão a sede

tudo sucumbirá, sem a água milagrosa

degustada

e os livros que foram queimados precisam emergir na memória de quem os leu.

Toque das ave-marias

(lendo a psique do fogo, todas as coisas devoradas pelas chamas serão alimento)

prove este corpo de diamante

a criança de estrelas pelo campo de dedaleiras. sua inocência pisoteando o rosto verde de uma mãe. nutrindo o leite das seivas com o orvalho de uma caminhada ígnea. tudo que o fogo diz, com amor cortês. câimbra de lascas pelas espáduas de uma aldeia esquecida. zigoto de um império límpido nascido em campo de rebentações lácteas, nebulosas. soberanas de manhãs moleculares. este cristal é solidário como uma casa de espíritos. e nada mais será preciso taquígrafar, pela terceira ordem. os olhos que leem o fogo descrevem a psique de uma fome infernal redentora. psíquica majestosa.

prove este corpo de carvão

o inquilino que cobre com pele de especiarias a echarpe das senhoras católicas, prostituídas de eternidade. mortificadas no ponto carnal onde se embalam os mortos e os delírios: estes gêmeos pictóricos na memória anágua das moças com peito de ave. as leas venéreas esqueceram os anjos da guarda e sua ressonância embrutecida de tentáculos. seus dedos gigolôs apertam a oração como uma mercadoria milagrosa. que bufassem como poemas. mas rezam em tom inaudível de vespas, para não arrebentar o tímpano dos santos ocos. e ainda as ouço, antracito. sob martelos e maçaricos. com a letra povoada de insetos.

para provar este corpo de diamante

para provar este corpo de carvão

(a salvação oscila feito o pêndulo na hora do angelus)

prove este bendito fruto

Tornassol

Talvez seja bendito (este poema). Pudesse chamá-lo (filho-de-deus), sem invocar o signo no vão empoeirado dos escritos manipulados, assim o conduziria. Como “o puro”, “o ingênuo”, “o autêntico”, chamado para depositar suas pernas dobradas neste ritual para reconhecimento de paternidade.

A figura de felino ajoelhado permitir-me-ia discorrer sobre a insubmissa ciência dos faquires, quando de bom grado as figuras magras e esfomeadas (como nuvens dissidentes), genuflexionam seus joelhos aos cortes de raios elétricos, reproduzindo a queda do pai, e conseqüentemente, provando que o mesmo material genético percorre seus dutos e furos (com todas as aflições impostas à matéria escura).

Seria preciso que (este poema) soubesse rezar, após a postura necessária às coroações e provações. Bastardo, pagão, quem ousaria assim nomeá-lo? Após a curvatura da rótula, só exigiriam que ungisse a terra dos tolos com seus lábios aparentemente leporinos. Mas eu vos diria: não se trata de um defeito congênito, mas do castigo de um dedo-de-anjo, silenciando a memória coletiva das palavras de um recém-nascido rebelde. Este filho não se cala, mesmo quando beija o solo ou imita o mantis. Sua eloquência atravessa os deslizos do paladar e do olfato, ultrapassando-os em perfume e saliva.

O órfão azul (como seria indevidamente interpretado) poderia, com sua pele de granizo, penetrar as tectônicas intactas do diafragma desta terra árida (o coração dos homens), esta pia batismal eternamente escoada sobre a obrigação dos batismos e toda a sucessão de proles com direito real sobre a soberania das certidões. Mas toma para si os nomes do céu e veste a abóbada com os braços volatilizados.

Então, como se trata de um inominado qualquer, por que o chamo (este poema bendito)? Por que o cubro com fístulas teatrais de lázaro? Por que o curvo, pela letra, fazendo com que se junte ao meu nome (filho-de-minha-pútrida-carne)?

Porque talvez seja bendita esta nomenclatura corante. E eu o proclamo: és “o único”, “o prometido”, “o ácido”, fruto de meu ventre másculo, potente, destituído entre bispos, ducados e abecedários.

E tu, ousaria chamá-lo irmão? E depois, renunciaria?

Trinta e oito gramas de delírio, meu duende

Mas não há qualquer caminho sadio que passa através delas. O caráter destrutivo elimina até mesmo os sacrifícios de animais. As preces entre agulhas, a ceia dos opiáceos, a pausa na dor de existir doente quando tudo mais revigora. Tenho cefaleia pelo absoluto e pesadelos de indigestão. Quem nos julga? O criador dos parasitas? Se me reporto aos antepassados de milho indígena me deixo passar por analfabeta, como um fármaco quântico. Ruminando em laboratórios, a sabedoria ancestral volatiliza espécies que poderiam curar a evolução. Saudáveis são os que se escarificam com a vacina da noite, enquanto sondam as estrelas pelas agulhas dos telescópios, respeitando a época da colheita e a seiva beletrista das marés. Na falta de clorofila, injeta-se a floresta no sangue. Já tinha alcançado esta percepção, preferindo pular as linhas da vida dos efeitos colaterais. Enquanto a chuva de neutrinos ultrapassa a epiderme, sem flechas, engulo comprimidos para que a febre não me encante com seus tentáculos de anormalidade apaziguadora. E as bulas, alguém recicla?

Tuna

Preciso pintar a face com sinos. Costurar ao corpo a saia de jade. Oscilar os fios de serpentes na borda afiada da cratera. Sem ferir o monstro da terra, sem morrer durante o parto. Preciso plantar o milho sagrado, decifrando o calendário extinto, em horas de lua asteca e sol incaico. Depois cozer o pão com formato de estrelas, sem incinerar aldeias. Sem alimentar a siderurgia que queima a face pintada com sinos, que rasga a saia de jade, ferindo o monstro da terra, morrendo durante o parto. Mas danço ao ritmo esquizo de uma despedida fronteiriça. Dos rituais ancestrais restaram incólumes os bisnetos sacrifícios. Os crânios alongados estão reduzidos. As bestas primaveras do jardim escondem-se sob meus pés, cinzentos de junco e júbilo. Sai-me uma centopeia pela boca. E a chuva industrial me apaga os pontos riscados.

Udyat

Há anos guardava dois círculos de rubi, com íris de infravermelho. Esferas perfeitas para as noites sórdidas de celofane. O mineral, projetado nos olhos de cada hora, espantava a sonolência das almas presas em cada partícula, orgânica e inorgânica. Hoje, no final do ano de altas labaredas, os pequenos poços de cuspe de magma foram suturados nas órbitas do pássaro que me chegou durante a noite dos presépios sufocados por leds. O pássaro de pedra cinzenta tinha um prego fincado profundamente em sua pupila esquerda. Quando o puxei, com o desempenho com que se extirpam os estigmas da cruz romana ou os panos incrustados nas múmias egípcias, sangrei os dedos para ouvir sua bioacústica sobre gigantescas e coloridas cordilheiras. Voa agora por dentro de meu espírito, deslizando no papel bíblico das células como as penas dos tinteiros que escrevem os mandamentos das extintas divindades, tornando-as eternamente esconjuradas e escarlates.

Um corpo herege no cemitério de néon

A terra roxa, a bisavó benzedeira. Sodalita, nunca quis teu azul. O slogan portfólio. A aura escarlate, o passo amarelo, cuidado atenção. Enquanto escrevo abraxas, nos terreiros degolam o bode e o galo. E a fogueira, acesa só para mim, seiscentos e sessenta e seis micro-ondas.

Vivo a escrita dos grimórios. Meu tempo caça às bruxas ainda fresco nas praças de alimentação. Babalon sadia nos rótulos de uma barra de cereais. O tridente de fiat lux espeta a carne frigorífica de uma maçã domesticada.

Tenho um punhal medieval, colorizado e intacto, para algum ritual cibernético. Cultivando à sombra, livros e mais livros, transgênicos. E gado marcado, com alguma dócil indolência, apresento formal (por fora) o desgastado erregê. Limpo a seco.

Sodalita, nunca quis teu azul.

Mantenha-me longe do alcance dos iluministas de celofane.

Proibido virar à mão esquerda.

Um zoomorfo na sala de espera

Não era um animal de estimação que delatava a projeção de sua presença pelas poltronas. Uivava e não se adivinhava de qual vento. Amortecia o ranger do chão, mas não era macio como um tapete voador. Lembrava um parque temático, pelos constantes salmos da retina. Uma juba avermelhada de circo não domado flertando aos apelos do adestrador. Estirava-se no ponto focal das farmacopeias. O silêncio arrogante corrompido pelas narinas em constante estiramento. Procurava o fascínio da turba na ausência de seu vocabulário. Sem queixas, sem jugos. A labareda de um quadrúpede corroído e mitológico pelo desgaste dos anos no crematório da costela. As patas e as escamas esquartejando o tédio de uma repartição. Era dele o chicote e a etiqueta, prestes a dardejar o coração dos homens incrédulos. Paciente, lia.

Uma escada para o mato

Palha no rosto, farfalha enfermaria. Abre-se fenda em trilha hipocondríaca, fissura medicinal no pulso filiforme das criaturas domesticadas. Efervesce lua pílula na bula farmacêutica da memória. (Quem dera fosse conta redonda em guia de orixá). Manto, losango peixe, engoma fibras de terra fresca no corpo-vício dos jalecos. Farfalha a fórceps a palha no trinado do atotô. Abrem-se tímpanos de xapanã: glóbulos de mato, grilo, sapo — legato de guiné no lago minguate. Colostro de cipó anestesia língua pesteadada. Receita de crina no colapso dos cabelos. Pajelança viceja venosa. Aguilhão de jiboia na artéria. E um diagnóstico de hamadriade apodrece a heresia das seringas sujas. Farfalha, farfalha, floresta: cura a mancha que é meu rosto na falha forte do teu corpo.

Valac

A caveira de um ekaedro arde na fibra púrpura do tempo. Estio magnético. A memória em osso e marfim, com dramaturgia de catedral, desfila a pedra-sutura. Quando a ideia de cosmos profundo amolece e escapa da musculatura. Além dos escafandros: a geometria que nos protege da gravidade. Vazam nuvens fertilizantes sobre os prados e mesas. Espalham uma santa ceia de frieza descomunal sobre o corpo dos insetos. É doce e metálica. Revigoramos o exoesqueleto sobre a massa gelada. Órbita do todo! Não se esvaia sem nós. Suspende nosso umbigo de látex e sílex até galateia, a dimensão das noites grandiosas. Exótica como o fêmur exposto do caos. Aquele, que corre.

A profecia da química nos unge pelas escadarias, dos rasgos da terra ao cinturão de asteroides. Subimos e descemos no corpo um, do outro. Ele, dotado de índole luzente, é meu edifício, a minha construção lunar incandescida. Escorro dentro do seu sangue de bálsamo gotejante, pois é destino bem-aventurado a ascensão e a queda do soro pelos minérios, na transfusão que os torna mútuo elixir.

Vana marg

Sexta, quase sabá na amnésia escarlate de um poema que nunca será. Pescando escaravelhos em almas ortodoxas. Desenvolvendo-se mágico nos detritos da insônia programada e cotidiana. E a gnose flutuando no estanho das digitais, sob a endocrinologia de Devi. Repetindo, repetindo: santo é o nome oculto quando a santidade é cantiga perolada na força da lástima. Calúnia de crowley & cronos. Corvos abençoam pastos fendidos pela mísera guerra. A carne, o cancro, o cairo e a vértebra na embolia dos templos, na injúria cromática de um ocaso qualquer. Repito, repito a aleluia iluminando uma lua adoecida na sujidade dos vidros. A fraternidade amanhece vitrificada.

Venatu, a caça morta

O transporte coletivo surge e me acolhe. Fico livre da areia que castigava o ambiente desprotegido. Carrego uma cesta rústica que está quente e viva, pois acomoda um filhote de cervídeo, castanho, com mesclas reluzentes e escuras se intercalando pelo veludo da pelagem. Tenho de cuidar da cria sem mãe. Deixo a cesta em uma das poltronas iniciais do coletivo. Devo entrar, pagar a passagem e verificar se existem lugares vagos. Há somente um, ao lado de uma mulher corpulenta. Acomodo-me, mas não consigo me tranquilizar, pois a cesta deve ficar comigo. A mulher levanta e se vai. Corro pelo interior do coletivo até alcançar o bebê dourado. Temo que ocupem as poltronas vazias, mas o tempo foi justo e consigo nossos dois lugares. Prossigo a viagem, segura de que a pequena criatura está protegida. Não sei para onde estamos indo, mas cumpri parte da viagem sem que o animalzinho sequer abrisse os olhos. Sua placidez sonífera foi o único elemento isento de pânico durante toda minha movimentação pelo sonho. Não sei quando ele despertará, para que sua galhada enfim se torne real, como um poema ou uma floresta mitológica. Isto foi há pouco.

Vento de pestanas acinzentadas

Pensar ultramar. As feridas que deus plantou na primavera arábica dos numerais, pode soprar, anjo cinzelado? Pois minha mandálica metamorfose de sonoridade treina e invoca um vento de pestanas acinzentadas sobre as linhas da anatomia dos abecedários. Há de se libertar o fenômeno magista dos hipocampos pelos arrozais & trigos bentos, amplificando a palavra pelo mito do carvão ou do ouro silábico. Fecundo negror profundo, jazida onde três crianças modelam a trigonometria das rosas filosofais. A trindade dos temperos na temperatura das pinturas: nanquim, água e sangue de dragão. Entrar na delicada região dos filtros seria doloroso, sem o sopro de suas artérias. Miasma fluido, vapor de retortas. Anos de treino frustrado pelo pólen que provoca escândalos florais nas argamassas, e me sai espontaneamente a dupla fumaça, expulsa pelo nariz, arcanjo de queda espalhafatosa. Ninguém presente e a coluna dúbia do pensamento despede-se solitária, como um poema sem leitor. O faro? Diluído. Não é literatura. É erva. Mate.

Vesúvia

Envelheço enquanto noticiam o fim do mundo. Resisto e ultrapasso. Os dias oscilam sempre desiguais na dança poderosa dos harmônios, cada vez mais vertiginosos e temperamentais. Sentir esta oscilação dolorosa me faz cada noite mais plena, como os recortes geográficos, acostumados ao humor pitoresco do clima e de suas sinfonias delirantes. Vem a chuva grossa, digo que limpe minha face. Vem o cascalho de uma erupção, digo que se amolde intimamente em minhas expressões faciais. Enquanto ludíbrio o sangramento mensal e o cuspe das elipses, me pacífico com o coração férreo do planeta, que me diz, feito amante ou irmão: venha a nós o vosso reino. Eu vou, caminho rindo da histeria, e dobram-se as vísceras imantadas pelo chamado da gravidade satânica. Digo crepúsculo ao diabólico. Digo luar de floresta ao cântico dos mortos precoces. Sondo oração, benévola de peçonha, na inversão dos polos. Encontro a epifania dos passos no molde ainda amorfo do solo. Em teatro caseiro me coroo com o chapéu triangular e furo nuvens, cinzentas ou brancas, por pura distração anímica. Sei que voou enquanto as letras escapam e os vapores evocam formas nada sutis. Sei que sou a criadora de meu rosto. Sei que nunca serei a criatura órfã. Sei que envelheço enquanto noticiam o fim do mundo.

Vetiver de Circe

O que costumava ser-me profecia virou silabário contrário. Quando me ditava a madrugada como seriam as glórias da manhã, os arcos sombrios de belladonas no corpo dos pântanos. Por onde caminhava, como terreno pleno, como oratório imaculado. Sem erros, porque o seguia às cegas, às escuras. Intuindo a luz incitada, que existia mascarada no sabre das perambulações mais obscuras. Deu-se a inversão. E, porque o aceitava como o moribundo que ressuscita no placebo, como a lunação gera a maré, deu-se a transfusão de dons. Alçaram-me os adjetivos, as proclamações, o patchouly desprendido quando o elemental atua, quando se transubstancia no crédito das frases possuídas de abismo e imensidão. Deu-se a transfusão. Saíam-me apocalipses a descrever sua incansável pantomima. Quanto ao meu imaginário, nada mais conjugava. Tornei-me a previdente. Não há regozijo. Não quis perceber o sentido, quando o gritei, no meio do escuro, no meio da cegueira, no centro perdido da febre abençoada que havia me doado às farsas. Agora singra torpe, às farpas, embotado de vapores adocicados. Não reconhece no próprio sangue a maceração das dramaturgias, o óleo agreste das lacunas perdidas, possessas de savanas e sublimações. Eu o digo, às máscaras: talvez não consiga voltar. Talvez não consiga voltar, sem vetiver.

Viagem de Arachis

Moças vitorianas para a ceia da renovação. Enterro suas cabeças no forno, para tostar o amido amargo de suas neuroses. Derreto a maior gramatura do sagrado chocolate que recolho das comemorações. Envolver suas peles enfadonhas com a lama gordurosa e perfumada, pensando em maçãs aquecidas por mortalhas da cor dos asfaltos — vagens, viagens, pajens e pajés. Ficam doces e quietas, espiando por dentro do celofane decorativo.

Mas, assim como os coelhos e os amendoins, se revoltam com a grossa e disforme camada de memória, e sapateiam com coices internos. Sinto que também sufocam como atuns na rede de um pescador noturno.

Deixo que caiam de minhas mãos com um estrondo de chuva ácida sobre o chão encerado, para rolares como olhos de freira pelos pergaminhos, livres sereias.

Fingindo uma voz com alta dosagem de calmantes, tranquilizo-as, dizendo que a queda fará com que aquele barro todo que as envolve quebre feito espelho no cio da gravidade. E que, no fundo atravessarão as mesas como vieram ao mundo: nuas e puras. Digo que reconhecerão sua secreta geocarpia, mesmo com toda maquiagem do mundo das estrelas de plástico.

Mas sabemos, eu-coelho e as moças-amendoins, que depois da febre e da tempestade solar não há fruto que retorne ao estado natural. Se amadurecem, no biorritmo da floresta ou na cozinha de um anjo do lar, nunca deixarão de impelir que as manipulem para forjarem um espírito ou petisco apetitoso e dançarino.

Provo a noz subterrânea com a falsa e doce casca rompida. E só me sobressai a sede eterna por alguma voz estranhamente melodiosa, parecida com a que intuíamos dentro do útero. Lembro que suas flores amarelas um dia se esconderam no subsolo para participar do pio da terra, mas que as colheram, ainda surdas.

Virgem escorpião

Iniciação: casa da lua. Splendor solis na cabeceira. Medula do fermento de leão na andrógina iconografia dos desmembramentos. Dissolver-se à plenitude das eras de prosa púrpura. Quando se pode tocar o primeiro rosto de tinta tória, contorcido no vácuo primordial. Seriam necessárias 1000 cabeças e 1000 pés até o instante de culto imaginário. Há de se coagular o psicopompo. Com os sapatos-de-lótus acesos a guiar o avanço. Íbis, lacraia, sanguessuga, projéteis fagocitários: as extremidades de ano-luz alvejando o citoplasma de uma criatura que se cristaliza em reflexos de ferrugem. Sua íris teria a cor dos excrementos e dos plátanos em glaciares, como convém a qualquer cerne de energia plasmada no espaço onde a terra se inverte em ervanários. A cor da fertilidade dos territórios, vivos e mortos. O pigmento da mumificação. Seria preciso fitar o medo orgânico, a repulsa cósmica. Para prosseguir, embalsamado em meditações químicas. Doando verbo-elétron aos esquartejamentos do eixo digestão-excreção. Seria preciso regurgitar todo castanho que entope canais e válvulas. Abrir todas as chagas para o dourado. Virar-se ao avesso com substantivos de netuno, o dissoluto. E ruminar ao pó de onde viemos: és belo porque não me és. Estás descalço.

Vitruviana

Sanhaços azuis, déspotas mirrados. Personas externas no corredor. Não alcançam. A passeata sardônica, entes efêmeros de hefesto em heras helicoidais. Eflúvios de massa tão cristalina. Não há nome que os contenha em orbe e esfera. Sem tímpano, sem tambor. Pagãos sem batismo, cantos de ultrassom. Chamaria vegetação marinha, ondulação morna de sargaços, a sarça ardente da intuição na polissemia das cunhas sobre o dorso esférico de uma âncora dissolvida no cancro metafórico do mar. Estão dentro. Déspotas mirrados, sanhaços azuis. Personas externas no corredor. Não alcançam. Sangro quando me distancio da terra. Liquefazer-se é um dom vermelho distante do céu. Respiro na precariedade dos solos. O ar, gêmeo, torneia o fogo abortado pelo julgamento dos tolos. Não há fogueira que cale a fístula etérea. Veio no sonho, tornado. Os pesadelos do mar não encontraram a âncora das mandíbulas. Rio, vitruviana.

Vozes da fratura

Retorna ao cerne de tua sala. Mais uma miragem por teus dourados espelhos, teu mundo barroco, teus felinos adormecidos no veludo dos móveis e aquela insistente pátina da poeira dos dias, feito verniz de violino secular, como descrito no livro sobre o interno do museu parisiense. Tuas coleções fatídicas, heresias passadas a te lembrar, agora, que vieste para recuperar tesouros e renová-los. Tua vida avaliada pelo sopro da reciclagem. Nada mudou, desde os séculos negros. Transformou-se, assim como tua saliva volúvel, distribuindo, lado a lado, o santo nome de ídolos tão estrangeiros e distantes, do barro, do lodo, da tríade de estrelas orientes. Ainda, e talvez hoje em amplitude superior, o peso desta bagagem te trava o coração: o veludo, a ilusão de teu perfil na sombra do gramofone rouco, os livros tantos. Cada personagem vivo em teu coração, materializando tua força e decadência, tuas rotas alcoviteiras de mistérios psíquicos. O vampiro sedento e a alma atormentada pela paisagem do labirinto. Voa teu cabelo multicolor: cada rubro fio uma serpente de Nilo. Cada chibatada de vento uma atitude vocálica enlouquecida. A louca condenada avançando para a fogueira, esta ideia que te enrosca o pulso e o suspende pelos ábacos da imaginação. Teu poeta cego, teu redentor inexistente, teu avatar translúcido sorrindo-te abismo no pingente dos pêndulos. Peregrino de pistas angelicais, perseguindo gravuras de têmperas sacrílegas, a intuir que é de muito longínquo o início de teu fado: talvez do seio iluminista, onde te cuspiam fanfarrices embotando a verdade de teu missal. Ressurja, fênix de teu eu profundo, doado ao enfado dos bastidores. Os guardiões te velam o sonho e tu não ousas pronunciá-los. Mais uma miragem em teus espelhos dourados. Mais um personagem ressuscitado e tu vereis: enroscado na dobra da saia indiana, a vértebra exata te oscilará pelo teu império mais cobiçado. Avante, peregrino quixotesco. Mais um, sempre o mais.

— Eu não tinha passado antes da trilha das rosáceas e agora meu futuro é um nome escrito às avessas na murada da grande cidade oriental. Eu não supria vertigens antes da caçada no topo do vulcão e agora meu presente é uma lasca de madeira petrificada: estaca ou cruzeiro? Nada me fecha a retina pelo eclipse: detentor de apocalipses, sobre a sombra das hastes vegetais. Tua boca me lapida, eu, bruto geodo. Tu: lábio lápide. Eu não tinha saudade antes do teu canto avermelhado e agora meu vislumbre é o címbalo interno que me ressoas quando me matas, de verbo e de dor. De um

autor desconhecido me veio ideia massacrante, porque dilata meus dias e adormece e volta como a expansão constante de uma terra inóspita.

Não é uma busca, é uma constatação. É um documento, uma declaração de amor que me é diariamente um embuste? Um versículo que me cabe? A profecia? Um tratado de reação química? Uma mente catalítica simbiótica? Um ser alienígena, uma molécula, uma descrição botânica? É tudo e mais, sempre o mais. Prestidigitador. Tudo para dizer que tu jogas demais com a natureza de tuas vísceras amortecidas pelo azul. E no final, é sempre meu nome que sentencias.

divindade do mundo selvagem

está entre nós

estrela gigantesca que a uns alimenta

e a outros fulmina

casto é teu ouro cáustico

sol holocausto

Xantofila

Anjos terpenos flutuam sobre berços, com adagas circulares. Suas cabeças acima do universo, gestantes. Gatos macios, voam em triângulos pela geometria do chão. A mente levita, fóssil paraplégica, pela boca das torres fulminadas.

(vê como a obscuridade nos cai bem.
e depois nos eleva.)

Ela, papisa amarela, espera a delicadeza de um hexagrama. Afia as unhas com os leques jugulares. Roda fortuna! Ave-gira, o veludo de exúvias. Orientais, todos eles. Quimeras abertas contra o corpo fechado da massa atmosférica. Orientai, vós, o espaço. Com a bússola perdida de magnólias. Os elementos são signos radioativos, no meio do dia. Xanto, xanto, xanto, é o senhor dos exércitos crisântemos. Imperioso solar.

(vê como a obscuridade nos enfurece.
e depois nos criva de sonhos.)

Assim falou Zarabatana para Chirico

Os dias são enigmáticos na solidão dos signos. A bile negra é dos herdeiros de Saturno. Minha fleuma é magenta, quase inexistente. Na falta de clorofila, injeto a floresta no sangue. Meu coração não está dentro de mim — é apenas anímico.

Navego o mar insensato da paisagem pós-batalha na Praça de Turim. Nada me escapa à metamorfose: o jogo de volumes das sombras acima do vazio dos fantasmas, com vapor de vespa.

Liberto os objetos da tirania da aparência. Caio no que podem se transformar, além da identidade previsível.

Vestindo o sudário de um cão negro adormecido, sou uma mulher fosforescente, um ser atônito com formigas carregadas de curare saindo das mãos.

Esplenograficamente, louvo o animal que habita o homem — o cavalo marinho, o paramécio titânico, ornitorrinco, louva-deus, tamanduá — transatlânticos entre os reinos. Bendigo a camuflagem, o mimetismo, a simbiose: a forma híbrida que a imaginação projeta com tempestade e ímpeto no muro branco das lamentações encefálicas.

Amalburga, cosmopolita, não sei o que é luto, mesmo tendo-o por predileta cor — coleóptera.

Nada procuro daquilo que não seja feito com o devir da clarividência. Então não há mágoa. Estou sempre à frente da loja do naturalista. E enquanto executo meu ofício de taxidermia, as estátuas meditam e tonalizam uma extinta divindade anestesiada pelo raio da manhã — seus olhos de jade, sua intenção de manequim entalhada no acrílico: ultrapassam o valor químico da humanidade perecível.

Na única palavra, espero zarabatanas. Você entende?

Zinabre

Zumbia sobre minhas asas. Discordava da articulação siamesa de metais. Ensaiaava rótulas de idiomas que me eram estranhos, pela leveza e pela cor. Mas eu levitava sob o rio de prata, serpente com densidade de espelho. Que seus olhos, maresia de nuvem, não queriam ver. No entanto, persistíamos nos desafiando, gravemente. O corpo-ágape uivado de vento.

SOBRE A AUTORA



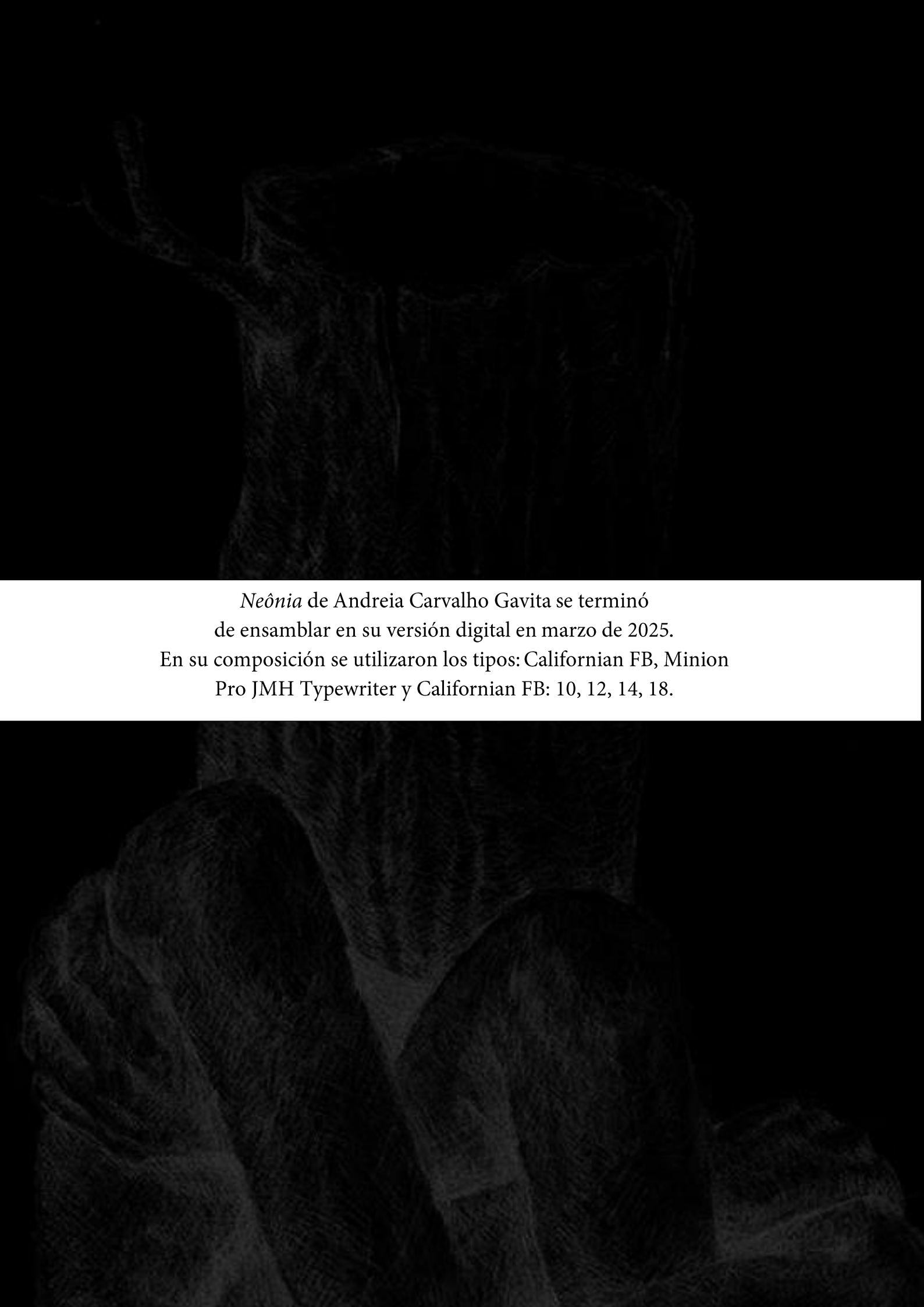
Andréia Carvalho Gavita (Paraná, 1973). Poeta, autora de sete livros individuais: *A cortesã do infinito transparente* (Lumme, 2011), *Camafeu escarlate* (Lumme, 2012), *Grimório de Gavita* (Maça de Vidro Edições/Lumme, 2014), *papel leopHardo* (Marianas Edições, 2016), *Panfletos de Pavônia* (Leonella Editorial, 2017) e *Cílios prostíbulos* (Patuá, 2018) e *Neônia* (ARC Edições, 2019). É coautora em várias antologias, tem poemas publicados em periódicos literários, impressos e digitais e foi organizadora e autora convidada de diversos eventos literários. Coordena o Coletivo Marianas desde 2014 e é editora na Editora Donizela desde 2021. Colabora com a produção das revistas literárias *Zunái* e *Sphera*.

ÍNDICE

- A bússola perdida de magnólias
A copista de fósseis imaginários
A curandeira do império solar
A filha pródiga
A flor de zíaco
A flor-rocha
A madona de safira fria
A segunda atenção
A sexta santa
Ad uterum
Afasia dos alados
Água de melissa
Aguardente: Astrolábio
Alfabeto coven, em nome de quem?
Ali se vê através do espelho
Alindres
Alraune
Amar amarcord
Âmbar cinzento
Anarda parnasiana
Anátema
Anfitriã
Animula vagula
Ao mar, ao alarme
Aos vagos
Arcanos
Atlânticos
Aviso-amuleto
Ayahuasca
Barbatana e barbitúrico
Beatus vir
Cabra montesa
Cantiga de mariposa
Cantos do quarto 7
Carta a um anônimo
Carta a um suicida
Carta ao eu quântico assombrado
Carta ao leitor
Carta da copista de fósseis imaginários ao crítico coração
Cartas de simbiose
Cérbera
Certidão de nascimento
Chama
Chartis
Cinemascopeia para ciclopes
Circe
Climatério em cortejo de cegonhas cegas
Com teus pés com tuas asas com tua ilusão
Commedia dell'arte
Comunhão
Conduta psíquica do livro dos mortos vermelhos
Confesse, bruxa!
Coração branco
Coração da noite estrelada
Corpus alienum
Corvo da papisa
Creonte creolina
Crônica
Crepúscula
Crônicas de lástima
Dama de todos os naipes
Dama-alcatraz
Dama-ciência
Dama-oriãx
Dandelion
Demônio muito antigo
Destinatários
Dezessete horas para a caravana dos espíritos afinados
Diabo azul
Doméstica ao dromedário
Drama druida
Drops de Durga
Duas brumas e um rosto
Duplicata ardorosa
Echarpe na chuva cinza
Em rebelião de lascas
Escorpião e eclipse
Espírito da Floresta
Estereoscopistas
Fada sonolenta
Falanges do livro dos mortos vermelhos
Fausta ferida
Fera-adormecida
Flor do lácio

Fluência
Foxglove-mãe
Fractais para Anaïs
Gárgulas de ouro
Garras desertas
Gato alaranjado
Gralha azul
Guardião da morada linfócita
Habeas corpus
Handroanthus
Heliose
Hora do anjélu
Imperativos orientais
Iridescência sem palco
Lamento das ninfeias
Lantejoulas assombradas
Laquê
Leão azulado
Legião
Lendodeus — a terceira pessoa
Leprosas metalla
Lesionária
Liana
Libélulas lupinas
Língua laica
Língua límbica
Louva-deus
Louva-verbo
Luiza
Lúcifer no céu, com diamantes
Madrasta mandrágora
Magnólias & Myosotis
Manuscritos da cadeira elétrica
Manuscritos do dilúvio ao mar negro
Mare crísiu
Maria do caixão
Marselha
Massa-onça
Mata-borrão, minotaura
Medusa lupina
Menarca monarca
Meu rosto
Meus monstros
Mirante, magritte
Moira de sedas raras
Moira mínima
Moira môrula
Morcega
Mudra
Mulher-águia
Mundana
Música sobre abismo
Nácar
Napoleônica
Nas águas marciais
Naturalista
Necessaire de Pavônia
Nem Mata Hari, nem maragata
M^a Sidéria da Lapa, de Florianópolis
Graça...
Neuromancer
Nix
No cílio das ampolas
No jardim dos fugitivos
Noite espia
Notívago norte
(n)ossos, os equinócios
Noz de galha
O caminho da graça
O espelho preto
O espírito da colmeia
O estado sou eu
O estômago de Madame Bovary
cospe tinta
O êxtase do santo leitor
Oftalmia
O grande colisor
O hábito escarlate
O julgamento
O manso de sandálias vermelhas
Omulua
O órfão azul
O outro paciente inglês
Palavras de fulgor
papel leophardo
Para a mão que colore meu berço
Paraíso pacífico
Pássaro terrível
Pata
Patris
Pavio-de-bruxa
Pavoa rústica em revolta decadente
Plutônica
Poesia para bruxas órfãs
Poética dos aguaceiros
Polaris
Polaroide de Pavônia

Proa
Ravena em rugido de rubis
Reflexa
Retrato de balística
Retrato de Manoel, o submarino
Cria-me, por Nuit que confesso.
Rosarium
S. nigra
Sabá entre sabres
Sanguínea inquisição
Semiótica do selfie
Ser da legião das cordilheiras
Set
Seta de cetus
Silvícola
Sinestesia da simulação
Somitos
Telecinéticos
Testamento do fogo
Toque das ave-marias
Tornassol
Trinta e oito gramas de delírio, meu
duende
Tuna
Udyat
Um corpo herege no cemitério de
néon
Um zoomorfo na sala de espera
Uma escada para o mato
Valac
Vana marg
Venatu, a caça morta
Vento de pestanas acinzentadas
Vesúvia
Vetiver de Circe
Viagem de Arachis
Virgem escorpião
Vitruviana
Vozes da fratura
Xantofila
Assim falou Zarabatana para
Chirico
Zinabre



Neônia de Andreia Carvalho Gavita se terminó
de ensamblar en su versión digital en marzo de 2025.
En su composición se utilizaron los tipos: Californian FB, Minion
Pro JMH Typewriter y Californian FB: 10, 12, 14, 18.



2025



COLECCIÓN LIBROS IMPOSIBLES

2025